

S.P.
4-1943

Estatuas mutiladas

TYP. DA EMPRESA LITER. E TIPOGRAFICA
* * Oficinas movidas a electricidade * *
R. Elias Garcia, 184 * * PORTO * * 1913

Do mesmo autor:

Amphoras (Obra laureada pela Academia de Letras).

Adalberto Pereira da Fonseca

AGRIPPINO GRIECO

Estatuas mutiladas



BENJAMIN DE AGUILA — Editor

Rua do Carmo, 19, sobrado

RIO DE JANEIRO

UNIVERSITY OF MICHIGAN

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARY

O FAUNO

D. VAUNO

O FAUNO

A sombra, lenta e perfida, descêra entre as curvas ramarias e todo o jardim mergulhára na poeira cinerea da noite. A pouco e pouco, na amplidão se formavam ramilhetes de estrellas coruscantes. A via-lactea polvilhava de branco a cabelleira negra da noite. Ao fundo, muito ao longe, sobre o monte altissimo, que, desejoso talvez de subir mais, parecia sonhar com o amor de uma nuvem vagabunda, a lua, n'uma apparição religiosa, mostrava o seu disco de ouro pallido.

O velho jardim adormecêra no silencio e na treva, mosqueada apenas, de longe em longe, por alguns lampeões de gaz que n'elle ardiam, tendo a cercal-os uma fulva auréola, como a que nos altares cinge a cabeça dos santos. Grupos de sombras moviam-se confusamente por entre as arvores. A um canto do jardim, junto aos gradis corroidos pela lepra da ferrugem, a agua

viva cantava, cahindo, gotta a gotta, n'uma bacia de marmore branco, toda desfeita em flores de crystal, dizendo a sua eterna symphonia, grata ao ouvido como as melodias de um calamo suspiroso.

A alguns passos do lago, entre folhagens de hera e acacias virentes, avultava a velha estatua de um fauno, toda trabalhada em marmore de Luni por um esculptor de uma arte exquisita e genial, que alli passára um dia acaso, conduzido pela fatalidade de sua vida errante de bohemio insubmisso e impenitente. Coroavam a larga testa do fauno rosas e acanthos innumeraveis, e pampanos nervosos, em bizarras volutas, ornavam os seus chavelhos retorsos. Tinha n'uma das mãos uma flauta pastoril, cingida de flores várias, e parecia evocar, n'um gesto serenamente grandioso, todo o esplendor de um passado rico de encantamentos. As pernas do semicapro fauno eram pelludas e os seus pés fendidos. Mostrava sobre os hombros, como um despojo opimo ou um magnifico trophéu, a pelle de um animal que certo vencêra e escorchára, após um combate bravio. Nos seus labios brilhava um sorriso mysterioso, de significado dubio e cuja expressão ninguem jámais poderia definir precisamente. Era a um só tempo escarninho e bondoso, mephistophelico e acariciador, tragico e ridiculo.

O tempo, tomado de uma ferocidade innomi-

navel, offendêra brutalmente a estatua, enchendo-lhe a face de nodoas negras; e o homem, ainda mais feroz que o tempo, mutilára-a barbaramente, partindo-lhe um dos braços e abrindo-lhe em pleno peito uma funda ferida. Nos dias estivaes, em que o sol fulgia em toda a sua omnipotencia fecunda, os seus raios enchiam a ferida do fauno e ella, cheia de luz fumegante, era como uma velha medalha gloriosa ou como uma taça transbordante de um vinho quente e louro. Toda a estatua resplendia então, entre o halito das flores que a cercavam, magnificada pela luz, bella e victoriosa como o artista bohemio a concebêra, na embriaguez de seu sonho e no orgulho da sua arte sublime.

Nas noites enluaradas, o fauno como que lembrava os deliciosos tempos da Hellade juvenil. Sentia muitas vezes inpetos de correr no encalço das napéas que suppunha divisar entre as franças do pendulo e múrmuro arvoredado, mas a sua eterna rigidez marmorea, a sua paralyxia immortal o detinha e elle continuava immovel sobre o seu plintho de granito rosa do Oriente, em punho a flauta agreste, enquanto as napéas desappareciam ao longe na curva da aléa ensaibrada, cheia de poeira e luz. Recordava outras vezes os ritos dos faunos e dos satyros hilares, que o velho Pan chefiava esplendidamente, e, rememorando tanta grandeza e vendo a pobreza de hellenismo da paizagem e a

materialidade civilisada que o cercava, sentia-se alheio a tudo e tinha por tudo quanto via um desdem superior de cousa de arte que o tempo não destróe.

Só, de vez em vez, dava-lhe uma sensação de poesia argiva e dizia-lhe algo da belleza que outr'ora o inebriára, um formosissimo cysne — vaso de prata lavrada e fulgida, — que fendia marmoreamente, numa soberania olympica, as aguas do lago turquezino, mostrando o longo pescoço ophidico e a riqueza do plumario maravilhoso.

N'aquella noite, o sorriso do fauno tinha uma expressão ainda mais mysteriosa e os seus olhos sem pupillas voltavam-se para um banco de pedra carcomida que existia ao lado, entre glycinias em flor e grinaldas de anemonas.

N'esse banco, pallida e immovel como um marmore, repousava uma mulher ainda joven e de uma formosura perturbante e embriagadora como um vinho de banquete. A luz de um lampeão que brilhava a alguns passos cobria-a inteiramente de sua poeira dourada. Tinha entre as mãos um livro, de versos tanto quanto se podia perceber pela disposição symetrica das suas linhas, mas, ao envez de lel-o, folheava-o nervosamente, como se algum pensamento grave a assaltasse ou aguardasse alguém que promettera vir e que tardava. Grande era a inquietação de que se sentia possuida e volvia a todo o

instante o olhar para o portão do jardim, que não se abria jámais.

A essa hora a lua ia nos céus, como um broquel de ouro fino.

A joven, transfigurada pelo luar, pousou o livro sobre o banco, murmurando (e a sua voz era branca e debil como um halito de creança):

— Leonardo disse-me que vinha... Talvez demore ainda, talvez venha mais tarde, talvez não venha mais...

E esperava-o, esperava-o... Elle, no entanto, embora ha muito tivesse fugido a hora aprazada, não se vinha reunir a ella sobre o banco. E, como não lhe era possivel pensar senão n'elle, poz-se a lembrar, na calma e no perfume do jardim, o modo por que um dia o encontrára e como fôra levada a amal-o.

Eleonora n'essa epoca assistia, de onde a onde, ás recepções faustosas que dava em seus salões uma das mais opulentas damas da cidade visinha.

Ahi, uma noite apresentaram-n'a ao formoso Leonardo, o maior poeta do paiz, cujos versos ella lêra com grande enthusiasmo e admiração algumas semanas antes.

Leonardo era um typo verdadeiramente olympico, senhor de uma belleza apollinea devéras entontecedora, de fórmãs de uma correcção prodigiosa, que, na sua ambiguidade impressionante, pareciam roubadas a Dionysio, o deus

effeminado, ou ao mais seductor dos adolescentes gregos. A sua bocca particularmente, purpurea e feminina, era de um encanto inegualavel, como uma diabolica flor carnal. Uma testa de linhas purissimas coroava luminosamente a figura perturbadora do poeta.

O orgulho de Leonardo era tão grande quanto a sua arte. Ebrio de hellenismo e dos prodigios da antiguidade, olhava com desprezo os homens e as cousas que o rodeavam, não querendo comprehendel-os, para que a sua magnifica visão de belleza e de poesia não diminuísse ante a rudeza da realidade.

Os seus poemas eram verdadeiras apotheoses á carne paradisiaca, á luxuria proteiforme e omnipotente e ás sublimidades da Grecia pagã.

Não votava a ninguem a minima amizade e só o ligava a um seu conterraneo, o pintor Alexandre, uma forte intimidade, que, bem analysada, era mais uma communhão artistica que uma transfusão de sentimentos de alma.

Mais voluptuoso que sensual, comprazia-se antes em desnudar a pouco e pouco uma mulher, beijando-a delicadamente, palpando-a com carinho, fazendo-a vibrar aos seus dedos como uma cythara melodiosa, do que em gozal-a brutalmente, em toda a expansão da animalidade selvagem.

Casára-se, menos por amor que por vaidade, com a filha de um velho fidalgo italiano eni-

grado. Abandonou-a alguns annos depois, deixando-a finar-se na angustia e na sombra, nostalgica das caricias inolvidaveis que o esposo lhe prodigalisára.

Ligára-se a innumeradas mulheres da sociedade elegante, mas a todas, satisfeito e morto o primeiro e unico desejo, deixára sem saudade, já enfarado e gasto, lamentando a hora em que essas mulheres se lhe entregavam e cobrindo-as de apodos, por não lhe terem sabido resistir.

Em verdade, elle a ninguem amava, exceptuando os seus cavallos, nobres e galhardos animaes, pelos quaes, como Alfieri, tinha uma intensa idolatria, a unica que não se apagára em breves dias, mas promettia durar enquanto o artista vivesse.

Era, finalmente, bello e orgulhoso como Apollo de Belvedere.

Eleonora sentiu-se tomada de forte perturbação quando a apresentaram a Leonardo, que ella tanto admirava e queria, atravez da leitura de seus versos inebriantes.

Leonardo tratou-a com uma frieza desdenhosa, como se comprazia em fazer com todas as mulheres, mal se dignando proferir algumas phrases de cortezia banal. Ella, cheia de uma timidez invencivel diante do grande poeta, não ousou pronunciar uma só palavra, acenando ligeiramente com a cabeça, em signal de medrosa acquiescencia ao que Leonardo dizia.

Mais tarde, n'um grupo ruidoso e festivo em que o espirito esfusiava, vivo e chispante como um fogo de artificio, encontraram-se de novo e ahi, elle menos desdenhoso e ella mais calma, trocaram algumas phrases. Leonardo falou-lhe de cousas vagas, indistinctas, que Eleonora, como que aturdida, não poude comprehender de prompto com precisão. A muito custo, podia lembrar-se de que elle se referira, entre outros assumptos, com a rapidéz caracteristica das conversas de salão, ás representações de uma grande actriz tragica que admirava intensamente, a uma soberba tela de Tiziano que fôra encontrada casualmente n'um obscuro logarejo de provincia e á belleza da primavera nascente, que corria pelos campos, entre mares de rosas e verbenas. Ella respondia ás palavras de Leonardo, tão ricas de sonho e perfumadas de poesia, cheia de enternecimento e toda tremente de amor, falando-lhe com simplicidade, n'uma tocante effusão em que se iam toda a sua alma virginal e todo o seu sangue juvenil.

No instante em que se despediram, Eleonora convidou-o a ir á casa de seu pae, que ficava n'um dos arredores da cidade, ao fundo de um jardim verdoengo, millionario de flores agora que a primavera chegava, arrastando por tudo a chlamyde triumphal. Disse-lhe que seu pae era um velho pianista, idolatra de Beethoven, e que muito se alegraria ao conhecer o grande poeta.

Alguns dias depois Leonardo foi ter á habitação do musico. Eleonora lembrava-se nitidamente d'essa visita. O poeta, que viera montado n'um dos seus bellos e nobres cavallos e vestido com a apurada elegancia que o distinguia entre os outros homens, chegára á noite, um tanto tarde. A joven lembrava-se ainda de que á hora em que elle transpuzera o portão do jardim, como na noite que a cercava, a lua ia alta nos céus, á feição de uma medalha de ouro puro.

O pianista viera recebê-lo, acompanhado da filha. Leonardo, mal entrára, teve palavras para exaltar a belleza do jardim e, em particular, para enaltecer o fauno de marmore, que disse ser a mais exquisita e genial das esculpturas que até alli vira. O adorador de Beethoven contou-lhe, em breves palavras, a historia d'esse marmore extranho, fazendo reviver aos olhos do poeta a figura bizarra e inconfundivel do estatuario bohemio.

Leonardo e o velho musico discorreram longamente sobre cousas de arte. A juvenilidade, a abundancia feliz de meridional, a dose de poesia, a vehemencia passional do estheta pagão encheram de encanto o pae de Eleonora, que não procurou occultar os seus sentimentos de admiração ao poder verbal e á ebriedade artistica de Leonardo, o que muito satisfez ao seu desmesurado orgulho.

O musico executou depois ao piano, a pedido

de Leonardo, um poema symphonico de Beethoven, com uma maestria potente e uma technica insuperavel, que encheram o moço do mais vivo assombro. E Leonardo, após ter sentido a alma banhar-se, deliciada e extatica, n'esse profundo rio musical, falou, tremulo de emoção e suavemente perturbado, do grande e tragico destino do symphonista oceanico, que foi apunhalado alguns annos antes de penetrar no imperio da morte pela tristeza de ensurdecer, a maior das desventuras que pódem victimar um musicista. Para corporificar a adoração sem limites que consagrava ao sublime artifice dos sons, ao solitario genial que trabalhou a «Nona symphonia», o pae de Eleonora repetiu a ardente phrase de Wagner: «Creio em Deus e em Beethoven».

Eleonora tudo ouvira a um canto da sala, proferindo, de onde a onde, cheia de religiosa humildade, uma ou outra palavra commovida.

Quando o poeta partiu, a joven pediu-lhe ardentemente que voltasse ainda, que voltasse sempre áquella casa.

E n'uma tarde immortal, á luz do crepusculo de ouro, encontraram-se pela primeira vez a sós no banco de pedra carcomida, entre as glycinias em flor e as grinaldas de anemonas, sob os olhos sem pupillas do fauno de marmore. A noite desceu sobre as suas cabeças. Taes foram as palavras afagantes com que Leonardo perturbou a alma suavissima de Eleonora, tal a arden-

cia das ternuras com que a entonteceu, que, na sombra, o fauno accentuou ainda mais o seu sorriso sybillino, a um só tempo escarninho e bondoso, mephistophelico e acariciador, tragico e ridiculo...

Leonardo voltou algumas vezes, mas depois as suas visitas foram rareando, até que deixou de vir inteiramente.

Não mais podendo reprimir a vertiginosa paixão que a devorava, Eleonora escreveu-lhe uma carta em que lhe supplicava, anciosa e soluçante, que voltasse ainda, porque ella continuava a esperal-o inquietamente, possuida do mesmo ardor abscrvente e inextinguivel. Respondeu-lhe o poeta tranquillizando-a e prometendo, com phrases habéis e sinuosas que fizeram a suave creatura provar o divino prazer do pranto, que n'aquella mesma tarde iria ter com ella. E, para comprovar que a não esquecêra, antes que o seu amor avultava dia a dia, enviou-lhe um exemplar de seu ultimo livro de versos, que ella lêra immediatamente, tomada de um religioso extase, sentindo crescer violentamente o amor que votava ao grande poeta que escrevêra tão extraordinarias bellezas.

E n'aquella noite, sob a diaphaneidade do luar e entre o halito das flores, ella esperava-o ainda, tivesse embora fugido ha muito a hora aprazada. «Promettêra vir e viria, tardasse embora... D'ahi, talvez não viesse... Mas não,

viria por certo, uma vez que assim o promettê-ra... » E esperava-o.

Ai d'ella ! Mal sabia, no afastamento em que jazia, exilada do mundo, n'aquella aldeiola tranquilla e humilde, que o homem a quem amava nem sequer se poderia lembrar d'ella. Ligára-se ha mais de um mez a uma actriz notavel, cujo renome enchia todo o paiz. Embora fôsse alguns annos mais velha que Leonardo e pobre de belleza physica, o poeta devia sentir por ella um desejo carnal impetuoso, perturbado pelos quentes amavios que as mulheres de theatro atiram sobre os homens e pelo prestigioso encantamento que ellas exercem, de modo muito particular, sobre os esthetas quintessenciados. Leonardo compuzera uma tragedia admiravel, que consagrára á actriz com expressões de forte carinho e de que ella viveria no palco, com a sua arte magestosa, o papel de mais destaque e fulgor.

Os jornaes falavam insistentemente das relações amorosas dos dois artistas, explorando-as com escandalo e estridor.

Mas Eleonora, no seu retiro, tudo ignorava, alheia como estava aos torvelins do mundo, vivendo unicamente para o seu velho pae, o prodigioso interprete de Beethoven, e para o seu grande e desventurado amor.

E as horas corriam, com a rapidez das aguas de uma torrente, e elle não vinha, como promettê-ra. Eleonora pôz-se a chorar copiosamente, as-

pergindo de lagrimas o livro de versos do amante, cujas paginas volvia afflictivamente.

Houve um instante em que acreditou ouvir um ruido no portão do jardim. Levantou-se e, precipite, correu a abril-o, com o coração aos saltos. Ninguém...

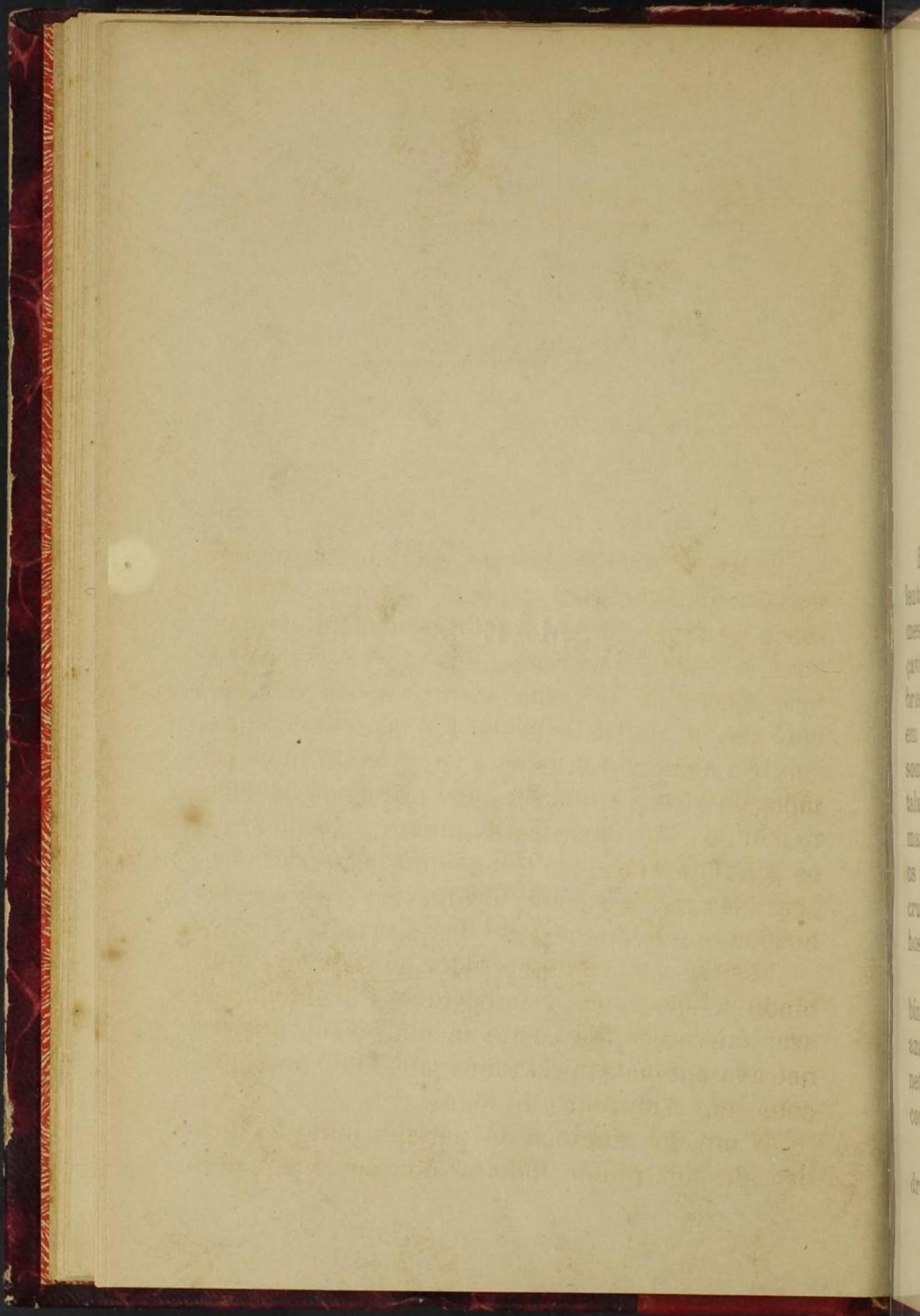
E, ao voltar para o banco, os seus olhos se demoraram accidentalmente no fauno de marmore. Como diante de uma zombaria á sua angustia inenarravel, tremeu toda ao ver-lhe o sorriso mysterioso. Sahiu correndo, apavorada, em busca da casa, que alvejava ao fundo e onde o seu velho pae executava áquella hora ao piano, com uma maestria potente e uma technica insuperavel, uma das divinas sonatas do mestre amado. No horror da fuga, Eleonora esquecêra sobre o banco o livro de versos do amante e elle lá permanecia aberto, mostrando as suas linhas dispostas symmetricamente, que só deviam falar dos venenos da carne e das maravilhas do paganismo, como todas as estrophes do poeta luxurioso e hellenico.

Ao lado, sobre o seu plintho de granito rosa do Oriente e em punho a flauta pastoril, o fauno de marmore sorria á desventura d'aquella mulher que o amante abandonára, depois de se ter banqueteadado no seu corpo florente; sorria, evocando talvez, com o seu gesto serenamente grandioso, a bella Grecia juvenil e considerando na falta de poesia e na pobreza de hellenismo

das cousas circumstantes. E o seu eterno sorriso, mysterioso e sibyllino como sempre, era a um só tempo escarninho e bondoso, mephistophelico e acariciador, tragico e ridiculo...

No alto, a lua fulgia em todo o seu triumphante esplendor, como um escudo de ouro limpo.

MÃE



MÃE

Entre os cyrios accesos, que se consumiam lentamente, vertendo grossas lagrimas, sobre a mesa de pinho tosco, n'um esquite azul, descansava o corpo da creancinha morta. As palpebras cerradas projectavam-lhe sobre o rosto, em que a morte estendêra o seu livor, uma sombra alongada e tenue e lembravam duas petalas de rosa pallida ou duas pequenas conchas marinhas. As suas faces tinham a brancura e os tons amortecidos do marfim e as suas mãos, cruzadas sobre o peito, mostravam a pureza das hostias e a diaphaneidade das aguas.

Moscas voejavam em redor do cadaver, zumbindo a sua musica importuna e bailando, de azas faiscentes, na poeira lucida do sol, que penetrava em ondas pela unica janella do aposento, como um Amazonas de fogo.

N'um dos angulos da parede, junto ao quadro de um pintor italiano do seculo xv, que

representava Jesus, ainda pequeno e semi-nú, offertando um fructo á Madona sorridente, um canario de plumas de ouro fulvo desfiava n'uma gaiola as suas lyricas suavissimas, como um poeta encarcerado.

Perto do esquife, entre pessoas piedosas que lhe diziam palavras de consolação, a mãe do morto soluçava convulsivamente, aspergindo de lagrimas o pobre corpinho inanimado. Parecia alheia a tudo quanto a rodeava, bebendo com o olhar os encantos innumeraveis da creatura idolatrada que perdêra para sempre, para sempre... Estava como que esmagada por uma desgraça sem reparo, por uma desventura irremediavel e os seus olhos eram tristes como os das freiras e dos agonisantes. Dir-se-hia que as lagrimas que vertêra lhe tinham dilacerado as faces, queimando-as como o vitriolo, tamanha era a expressão de cansaço e envelhecimento prematuro que n'ellas se lia.

E a infeliz lamentava-se, em voz quasi inaudível, fraca como um suspiro, leve como o halito das aragens delicadas. «Sim... Porque lhe morrêra o unico filho que possuia?... Porque os céus impiedosos lhe tinham arrebatado aquelle que era o seu unico lenitivo, o seu unico refrigerio em meio ás torturas sem conta da vida terrena?... Porque o perdêra em tres dias, assassinado por uma molestia feroz, diante da qual os medicos, tremulos e pallidos, tinham

declarado que a sua sciencia nada podia fazer?... Que faria ella agora na existencia sem sentir o filho ao seu lado, acompanhando-a, passo a passo, como uma sombra cariciosa?... Ah! nunca se poderia consolar da perda d'aquelle que era o sorriso da sua casa, o sol da sua existencia!... Sim... Os céus tinham sido bem crueis para com ella, que tão bôa catholica se revelára sempre e que amava a religião com uma ternura verdadeiramente filial... E agora como saberia viver sem o filho?... Não mais passearia com elle pelos campos cheios de primavera, entre mares de rosas e verbenas, sob o flavo oceano da luz solar... Ah! como era bello o seu filho!... Nenhuma outra creança podia excedel-o em belleza!... Ao contemplal-o em vida enternecia-se, como quem contempla um roseiral florido na estação dos sorrisos, inebriando-se como se lhe servissem um vinho velho ou um licor dulcissimo... Como era bello!... A sua cutis era branca como a via-lactea e pura como o leite. Tinha os cabellos de um louro pallido, como que polvilhados de prata, e encaçolados, como cachos de uva dourada. Os seus olhos eram azues, de um azul suavissimo de pervinca enferma ou de porcellana antiga, e tinham a doçura do olhar do cordeiro que se vê ao lado de São João Baptista nas estampas religiosas. A sua bocca era um calix purpúreo, humido e olente, como o das dahlias ás primei-

ras horas matinaes. Os seus dentes lembravam bagos de arroz, alvejando no arco vermelho das gengivas, que elle mostrava, n'um sorriso fresco, como uma romã bipartida. E como deliciava o olôr da sua carne! Quando sahia do somno, era como se sahisse do banho, tão doce era o aroma que o seu corpo derramava, um perfume de linho lavado ou de fructo ligeiramente amadurecido. O seu riso era um gorgoeio de ave alegre. E com que ternura particular sabia elle dizer-lhe, abrindo-lhe os braços: «Mamãe, leva-me no collo!...» Bem se lembrava... Era quando seguiam pelas campinas visinhas, millionarias de luz e aguas cantantes, e a encantadora creança sentia-se vencida pela fadiga e como que atordoada pelo sol. E as suas palavras n'esses instantes tinham para ella uma caricia inestimavel, fazendo com que uma abundancia de gozos nunca sentidos descesse sobre a sua alma. Era como se de seus labios, de envolta com o que dizia, manasse uma deliciosa mistura de leite e mel. E ao leval-o no collo, como o menino pedia, ella tinha a impressão de carregar uma braçada de rosas. Adoravel creança! Junto ao seu berço, o coração materno florescia como um jasmineiro em Setembro... Ah! o que sería d'ella d'ora em diante sem o filhinho?... Onde encontraria forças para resistir ao tremendo golpe que lhe tinham desfechado sobre a fronte?... Morreria de dor com certeza, orphã do affecto

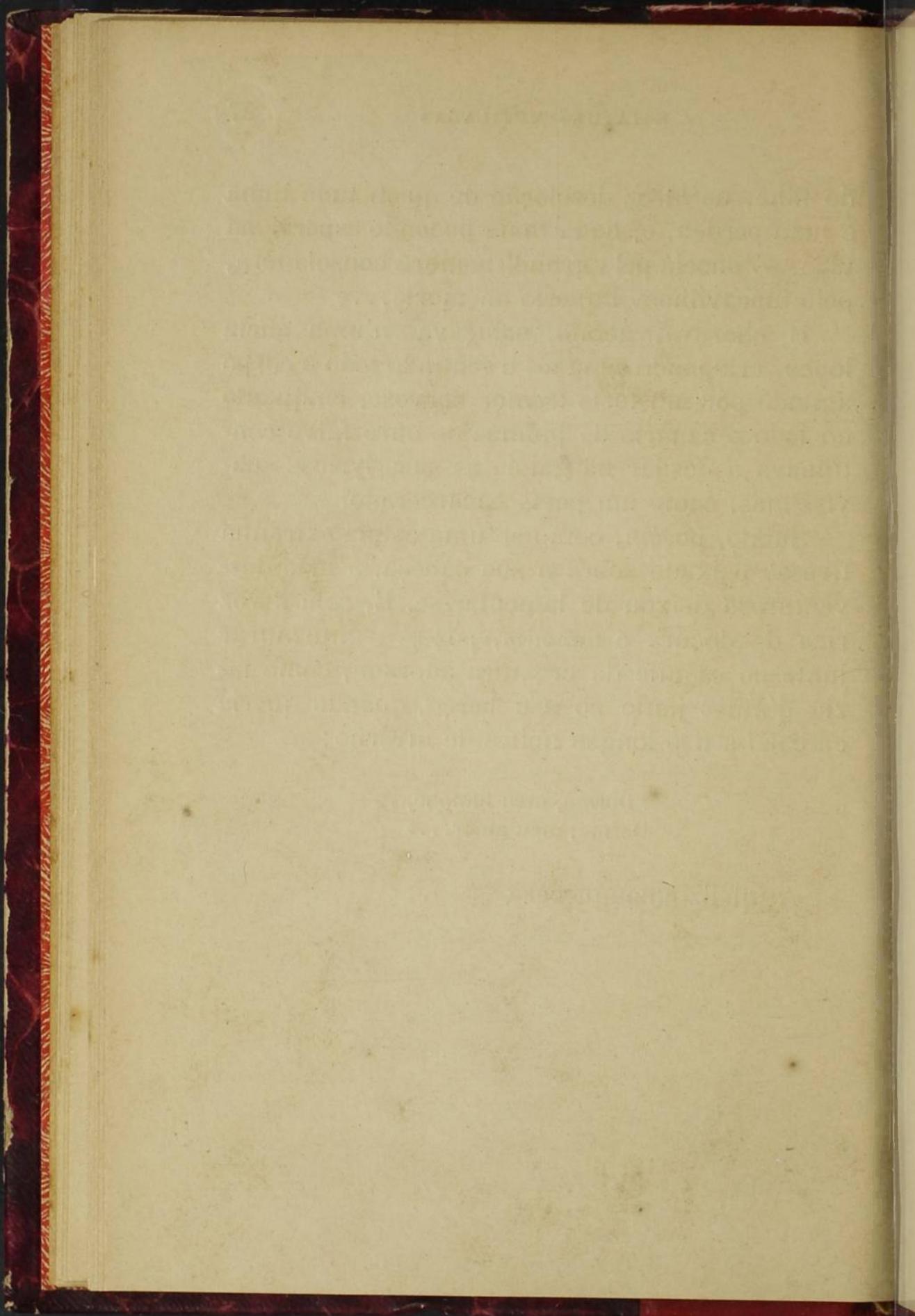
do filho, na atroz desolação de quem tudo tinha e tudo perdeu, e, nada mais podendo esperar na vida, só aneia pela grande sombra consoladora, pelo maravilhoso imperio da morte...»

E chorava, gemia, soluçava, n'uma ancia louca, crispando as mãos e sentindo todo o corpo agitado por um forte tremor nervoso, enquanto ao lado o canario de plumas de ouro fulvo continuava a desfiar na gaiola as suas lyricas suavissimas, como um poeta encarcerado.

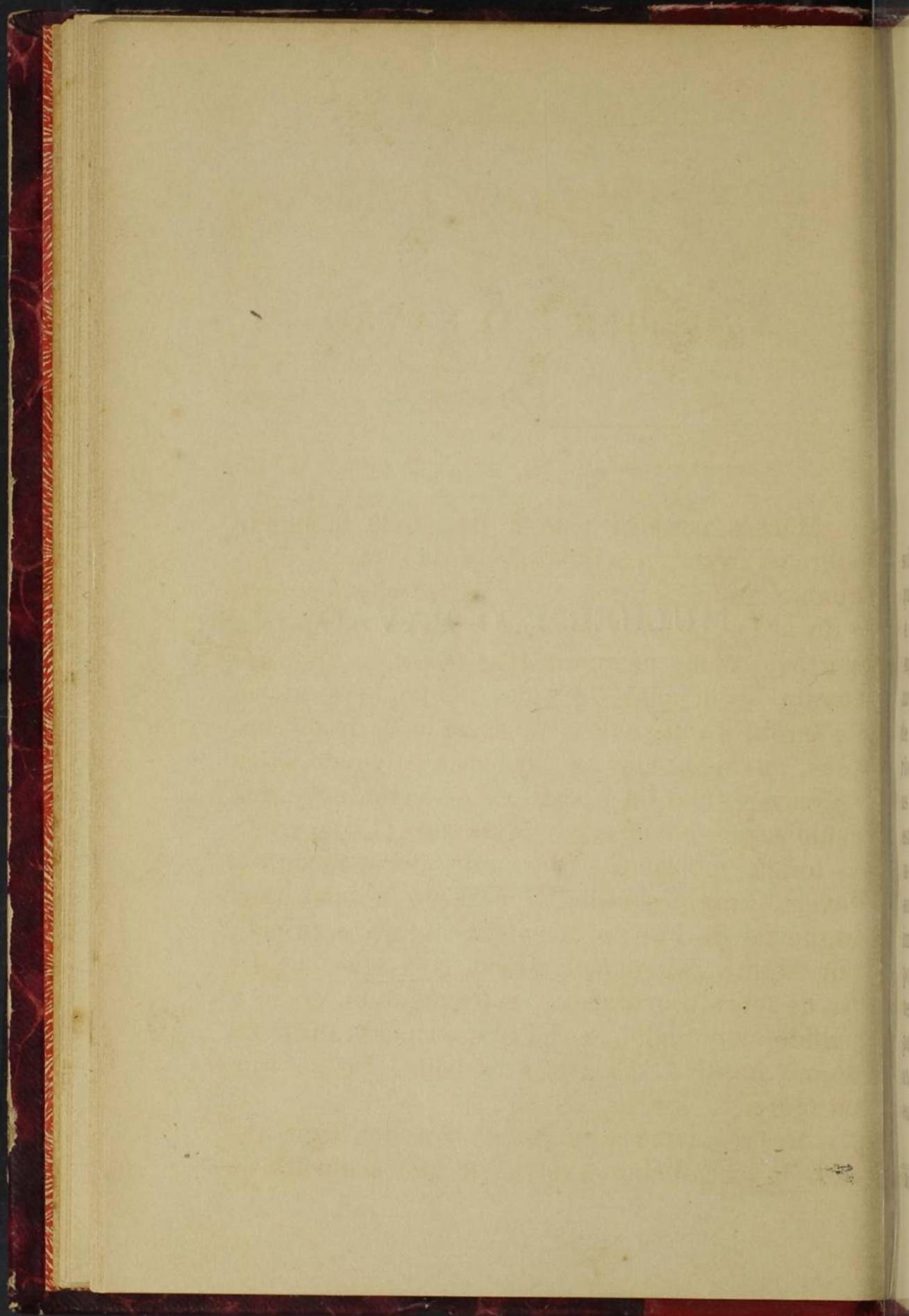
Subito, porém, como se uma calma estranha tivesse baixado sobre a sua cabeça, a mãe desventurosa deixou de lamentar-se. E, com a voz rica de doçura e melodia, poz-se a murmurar junto ao esquiife da creatura adorada, como fazia d'antes junto ao seu berço, quando queria embalar-a nas longas noites de inverno:

« Dorme, meu filhinho,
Dorme, meu amor... »

A infeliz enlouquecêra.



A MULHER E O PAVÃO



A MULHER E O PAVÃO

Marcos passára toda a mocidade inclinado sobre os livros, nas indagações da sciencia. Emquanto muitos outros, ricos como elle de seiva e do ardor proprio dos que estão na primavera sagrada, cheia de innumeradas flores do mal, gozavam as delicias da vida, cantando a gloria de serem jovens e fortes, coroando-se de mil corôas, ouvindo todas as musicas e palpando todas as carnes, elle lia e escrevia. Consumia-se nos estudos que envelhecem prematuramente, como as longas molestias e as grandes dores inconfessaveis. Entumescia-lhe o coração a anciedade immortal de Fausto, a potente figura esculpida por Goethe, o genio olympico. Nos seus instantes de febre murmurava, extravagando, como o pallido alchimista: « Ah! que eu possa dizer ao atomo fugitivo: Ficaste e és bello! Depois que eu morra!... »

Assim gastou a magnifica flor dos vinte annos. E trabalhando velava até que a aurora se

expandisse, radiante de gemmas, sobre a terra. Velava á luz da lampada dormente, enquanto os outros moços tinham por unicas lampadas o sol flammeo e pagão e a lua romantica, protectora das aventuras de amor, nas horas em que o arco do desejo atira as suas flexas de encontro ás carnes das mulheres luxuriosas.

A gloria cobriu-o de toda a sua rutilancia e o nome do sabio, devido ás prodigiosas descobertas scientificas com que tanto beneficiára a humanidade, corria de bocca em bocca, como um symbolo de heroicidade intellectiva. Mas aos quarenta annos o infeliz grande homem, já curvo e nodoso como um octogenario, solemne e estranho como um patriarcha ou um mago que tem algo de sinistro, sentiu-se prisioneiro do isolamento. Invadiu-o a sensação que deve dominar um marujo que se vê desterrado, após um naufragio, n'uma ilha despovoada. Comparou-se a um individuo a quem a peste implacavel roubou todas as pessoas adoradas e sentiu a tristeza enroscar-se em seu coração, como uma cobra raivosa. Sacudia os braços, como a debater-se n'um cháos voraginoso, e só encontrava os velhos livros formidaveis, abroquelados de poeira e cheirando a cousas mortas.

Comprehendeu que não poderia ser fiel á sciencia até á morte, que antes do extremo momento trahiria a amante austera que desde a adolescencia a sua alma elegêra. Faltava-lhe al-

guma cousa, elle bem o percebia. E nas suas noites de vigilia, olhando, pela janella entreaberta, as altas montanhas longinquas, diademadas de estrellas, sentia-se tentado, como no poema de Goethe, que Boito enriqueceu com as suas grandiosas harmonias, por um Mephistopheles escarinho, de chavelhos retorsos e fato côr de sangue. O seu coração, como uma taça excessivamente cheia, transbordava de uma felicidade já-mais experimentada, cantando como uma flauta sonora. E' que elle adivinhava a proxima chegada da sua Margarida, todo tremendo de anciedade, como alguém que, estertorando alta noite na agonia, não deseja expirar sem ver de novo o sol e, de olhos postos no levante, chora de emoção ao sentir que se avizinha o grande astro idolatrado.

Certa manhã em que o cientista, por não ter cerrado as palpebras durante toda a noite, inflammando-se na leitura de uma obra de anthropologia, pretendia repousar algumas horas para reconquistar a porção de vitalidade perdida, foi a sua attenção ferida subitamente por um clamor selvagem que partia de um casarão ao lado, quebrando o profundo silencio que occupava todo o arredor e subindo para o esplendor de um céu de esmalte, cheio de nuvens e de azas. Pouco depois, a sua velha creada veio dizer-lhe, a tremer de commoção e espanto, que n'um dos innumerados quartos d'aquella casa, alugados todos a pessoas

pobres, um homem se tinha suicidado, após ter assassinado a propria esposa. A um policial ouvira a narração do caso tragico.

O operario Sergio habitava um dos aposentos do velho casarão, em companhia da esposa e da filha. Era um individuo de habitos infames. Ha muito rompêra com o trabalho e arrastava-se torpemente pelas tavernas, embriagando-se dia a dia. Quando alta noite chegava a casa bebado e a mulher, um coração perfumado de infinita ternura, erguendo para elle os olhos tristes, que pareciam saltar das palpebras doridas, com uma voz cheia de enternecimento, doce e embaladora como a agua corrente, aconselhava-o a abandonar a tasca e a reconciliar-se com a officina, Sergio espancava-a ferozmente, tomado de uma raiva diabolica. E se a pequena Esther, vibrante de piedade pela mãe indefeza, interpunha-se entre ambos, para separal-os, o ebrio insultava-a, n'um calão de tarimba, que lhe rasgava de orelha a orelha a bocca de batrachio. Por todas estas tragedias nocturnas, na alma da creança, em vez da doce chamma filial, ardia a fogueira de uma aversão incombatiavel pelo abjecto individuo, cuja hediondez physica chegava por vezes a exasperal-a, dando-lhe uma contracção de nojo incontido, como se avistasse um sapo ou uma lesma.

Sergio era, de facto, ascoroso como uma escrophula. Todo elle era pequeno e contrahido como um punho cerrado, rugoso e molle como

um figo podre que vai ser atirado ao esterquilinio. Tinha um perfil de saurio. Lanzudo como um africano, a sua cabelleira empastada lembrava a gaforina de um clown. A sua testa, por demasiado estreita, era quasi imperceptivel: tinha, por assim dizer, os cabellos sobre os olhos. As suas orelhas desmedidas attestavam, inilludivelmente, a invencivel bestialidade que o devorava, como uma febre maligna. Mostrava os olhos sujos de sangue, o nariz cheio de borbulhas innumeraveis, com uma côr mais ou menos semelhante á de um pedaço de pão mergulhado em vinho, e as faces tumefactas, cobertas de um rubor oleoso e luzente, como os borrachos de Teniers. Os seus labios, grossos e esponjosos como os de um ethiope, davam a idéa de uma vulva. Nos seus dentes, pontudos como os de uma serra, havia uma espessa tinta esverdinhada, lembrando a d'esses rochedos á beira-mar que as vagas, em signal de desprezo, cobriram de lodo. Corroidas lentamente pelo escorbuto, as suas gengivas eram comparaveis a um fructo em que a sanie triumphou. Tinha um halito de esgoto. Nas mãos, pelludas e obscenas como as dos simios, ostentava cynica e impudicamente longas unhas ltuosas, aceradas como as dos milhafres. N'uma lucta que tivera, em noite de tormentosa bebedeira, n'uma tasca fuliginosa, ficára com uma das pernas avariadas. Arrastava-a quando caminhava e a perna recurva, indo

de encontro á outra, formava com esta um perfeito k. Tinha a voz gosmenta, emperrada, cortante, aspera como uma lima, e ria-se aos arranços, com intermittencias, á semelhança dos onagros quando ornejam. Conservava quasi sempre os olhos desmedidamente abertos, de modo a infundir pavor, como um *jettatore* sinistro, cujo olhar é mais devastador que o granizo do inverno. E mesmo quando silenciava, fechando-se n'um mutismo hostil, n'esses olhos havia uma palavra injuriosa. Era, em summa, uma verdadeira cloaca ambulante. Appellidaram-n'ó, com muita justeza, de «frasco de veneno», alludindo, a um só tempo, á sua pequenez physica e á sua virulencia moral.

Esther, que, por essa epoca, contava apenas doze annos de idade, logo que o via tinha a impressão de uma immensa catastrophe e refugiava-se entre as vestes maternas. A pobre mulher sentia-se toda trememente de anciedade quando a filha corria para ella, como para uma fortaleza, palpitava toda, como deve palpitar um ninho quando a elle retorna apressada a ave que o habita, fugindo ás garras afiadas de um falcão. Mas não podia defendel-a a infeliz. E em breve tempo eram ambas envolvidas na mesma furia destruidora de Sergio, sacudido pelo delirio alcoolico.

Na noite tenebrosa, o pae de Esther chegára a casa menos alcoolisado que de costume e não

derramára o seu bafo peçonhento, entre palavras candentes de ira e torpeza. Permaneceu longo tempo silencioso, espaiando em torno, de onde a onde, o seu olhar aggressivo, duro como uma pedrada. Subitamente, sem que a esposa, embora surpresa, tivesse um gesto ou uma palavra para detel-o, receiosa de despertar a sua furia tigrina, Sergio pegou da filha e levou-a para o quarto de uma visinha, a bondosa viuva, eternamente risonha, de um poeta morto aos vinte annos. Pediu-lhe que conservasse Esther aquella noite em sua companhia, porque a esposa adoe-cêra pouco antes, e queria tratál-a sem que a filha o interrompesse com infantilidades ou inopportunas demonstrações de affecto á mãe enferma. Voltou em seguida ao seu aposento e algumas horas depois elle e a esposa adormeciam tranquillamente, facto singularissimo para aquelle casal, de cujo seio ha muito desertára a paz, como de um campo de batalha juncado de cadaveres. Alta noite, a viuva do poeta, despertando de subito, acreditou ouvir um ruido desusado no quarto de Sergio, um rumor semelhante ao de moveis que tombam, mas, vencida pela obscuridade de uma hora em que todas as cousas se imprecisam, mergulhou de novo na pacificação do somno.

Esther não teve o repouso ininterrupto e feliz que as creanças costumam ter sobre qualquer leito. Passou por uma somnolencia vaga, cheia

de visões estranhas para uma menina a quem a inconsciencia mal abandonára. Foi a primeira a despertar, apenas a rutilação flava do sol tomou de assalto o quarto da viuva, nimbando de ouro um retrato em miniatura do poeta morto aos vinte annos, precioso como uma gemma, que ella conservava á cabeceira, ciosamente, como a um amuleto miraculoso. A creança accordou a viuva e reclamou com vehemencia a sua « mãe-sinha ». Seguiram ambas para o quarto de Sergio. A viuva bateu innumeradas vezes, mas ninguem veiu abrir a porta. Entre assustada e surprehendida, correu á proprietaria do predio, uma velha hydropica e maledicente, enquanto Esther ficava á porta do quarto, immovel, de olhos muito abertos, sem nada comprehender. Veiu a policia e arrombou a porta. Horrivel foi o que esses olhos mortaes viram n'aquella hora inolvidavel.

No aposento, hirtos e gelados, conservando ainda o terrivel facies com que os mascarára a agonia, estendiam-se dois cadaveres. Um, sobre o leito, era o da esposa de Sergio, que fôra por este apunhalada no coração. O outro era o do proprio Sergio que, após ter assassinado a esposa, voltára contra si o punhal destruidor e o cravára na garganta, rasgando violentamente a carotida. Sobre o coração da morta uma grande rosa rubra desabrochára e ao lado do corpo de

Sergio via-se um longo filete de sangue coagulado, que se ia finir debaixo do leito.

Afastaram d'alli a creança, que fitava os dois cadaveres sem uma lagrima nos grandes olhos tranquillos, com a fixidez de quem procede a uma analyse. Dir-se-hia que a sua sensibilidade morrêra com a pobre morta, ou que ella, comprehendendo em demasia o horror que a cercava, iria entrar na loucura dentro de poucos instantes. Quando a arrancaram d'aquelle ambiente de sangue e morte, não teve uma palavra de protesto. Só algumas horas depois é que, recordando-se da sua boa mãe resignada, chorou muito e muito, cahindo extenuada sobre uma cadeira, cheia de terrivel oppressão, com a cabeça estalando e o corpo agitado por um tremor convulsivo.

Marcos, quando ouviu da creada a narração do caso tremendo, sentiu-se invadido de uma piedade de santo por aquella creança que um punhal aguçado, posto na mão de um irresponsavel, deixára sobre a terra sem o conforto e a irradiação do amor materno. Receiou que a desventurada carecesse dos cuidados de um medico e como elle o era, e dos maiores segundo affirmavam, pediu á creada que conseguisse a vinda para sua casa da creança sem mãe. Trouxeram-n'a dahi a pouco e o cientista, que se encheu de estima pela menina apenas a viu, apesar de presentir, com a videncia dos cerebros fortes,

o terrível orgulho que abotoava em seu coração, não voltou aos livros amados enquanto não restituiu á vida plena aquella fragil creatura que a miseria paterna tanto tinha debilitado, enquanto a não viu com as rosas da saude esplendendo nas faces velludasas. Fez-se tutor de Esther e a creança deixou-se ficar, prazeirosa, n'aquella casa, porque a physionomia de Marcos, a um só tempo risonha e austera, tocára-a docemente.

E junto ao sabio, que continuava a passar as noites dialogando com os livros, os velhos amigos eternamente fieis, Esther foi crescendo em formosura e orgulho.

Marcos tinha um discipulo, de nome Daniel, a quem amava como a um filho. Iniciara-o nos mysterios da sciencia, com um desinteresse e uma ternura commoventes. Vencido por tanta grandeza de alma, Daniel sentia pelo mestre uma veneração sem limites, palpitando de gratidão sempre que lhe proferia o nome.

Vinha ultimamente á casa de Marcos com mais frequencia que d'antes, attribuindo tal assiduidade ao facto de ter necessidade de ultimar junto ao mestre uns estudos scientificos de que carecia para realizar uma exploração em terras longinhas, que nenhum homem pizára ainda. Mas o que, de facto, o levava tantas vezes á casa de Marcos era que elle se sentia violentamente apaixonado pela formosura victoriosa de Esther, então na estonteante magia dos seus

dezoito annos. Jámais o confessára a Esther, porque presentia n'esta um orgulho absorvente e indomavel. A joven, sempre que o encontrava, tinha para elle um ar de indifferença terrivel, que o humilhava brutalmente.

Esther era uma d'essas mulheres que, envenenadas por um orgulho frio e como que calculado, suppõem que o resto da humanidade mal chega a ter existencia real. Olhava para as outras pessoas com uma fixidez e uma frieza que feriam de um modo inquietante. A todos os olhares de interesse ou admiração que para ella se dirigiam, oppunha olhares de desprezo. Uma prematura myopia fazia com que, ao encarar fixamente alguem, ella fosse obrigada a semi-cerrar as palpebras, e isto ainda mais irritante tornava o seu olhar aos outros olhares. Tinha o habito, a que já não poderia fugir, embora o quizesse, de franzir desdenhosamente a commissura dos labios quando falava, o que fazia com que as suas palavras amargassem como um fructo verde. Nada a preocupava seriamente. Tinha a volubilidade das aguas e só parecia viver para o seu orgulho.

Sentia pelo seu corpo o que os hebreus sentiam pelo idolo trabalhado por Aarão. Núa no banho, ou semi-núa diante do espelho, ficava a contemplar durante longo tempo, banhada de extase, as suas fôrmas harmoniosas. Fartava os olhos deliciados nos seios arredondados como

copas, na curva sensual do ventre, nas coxas alvas e macias, dois columnellos de marmore pentelico. Punha-se a acarinhar demoradamente as suas carnes florentes, beijando-as, linha a linha, com os dedos longos e pallidos, em que os anneis tinham fulgurações de astros pulverisados. Á semelhança de Narciso, votava á propria belleza uma adoração sem limites, gozando-a como só o amante pôde gozar a belleza da amada.

Porque extranho motivo chegou essa mulher imperiosa a atirar-se nos braços robustos de Daniel, que uma unica vez mal ousou falar-lhe de amor, mais timido do que um collegial, pallido e com calefrios na voz! É que elle, não o sabendo, como todos a quem a natureza distinguio com esse tragico attributo, tinha um olhar dominador, a que nenhuma mulher saberia resistir efficaçmente. Esther entregou-se-lhe. E Daniel, após ter profanado aquelle corpo de estatua hellenica, abandonou-a um dia secretamente, partindopara a exploração de terras longinquas, que nenhum homem pizára ainda, sem se despedir siquer do mestre magnanimo, com receio de que a joven soubesse de sua partida e elle não se pudesse justificar aos seus olhos.

A vaidade de Esther, não o seu coração, que ella depois da morte de sua mãe nunca mais o sentira pulsar dentro do peito, foi profundamente ferida quando Marcos, um tanto entristecido,

veiu dizer-lhe que Daniel, tendo sido obrigado a partir inesperadamente, só de uma cidade distante lhe escrevêra, desculpando-se por não lhe ter levado as suas despedidas. Esther não teve uma só palavra, um só gesto diante do scien-tista e, na ausencia d'este, não verteu uma só lagrima. Como poderia ella chorar o afastamento de um homem a quem nunca amára e ao qual só cedêra vencida pelo seu olhar terrivel? Limitou-se a murmurar algumas palavras de desprezo para com o cobarde que lhe maculára a carne immaculada, quando a luxuria berrava no seu sangue de moço avido de beber todos os vinhos do prazer e de cobrir-se de todas as pur-puras da vida.

D'ahi em diante, não mais contemplava com ternura commovida o seu corpo de encanto. Ao desnudar-se, olhava-o com um nojo mortal, fran-zia os labios mais desdenhosamente que de cos-tume e tocava as suas carnes profanadas com esse mixto de enfaro e indiferença com que o amante toca as carnes da amada depois que muito as gozou.

O orgulho de Esther, longe de diminuir com essa humilhação, por uma causa inexplicavel, cresceu como uma chamma alimentada por um vento adverso ou como um rio quando grossas nuvens se descarregam sobre elle.

Passava os dias alheia a tudo, como dentro de uma nuvem que lhe interceptasse a visão

das cousas circumstantes. As pessoas com quem vivia pareciam deslizar diante d'ella como sombras. Quasi que não sentia o ruido dos proprios passos quando andava, porque o seu intenso extravar a conduzia muito longe. Ella mesma era como uma sombra vaga e indefinida. A sua terrivel fatuidade parecia emprestar-lhe alento vital, mas acabaria por feril-a de morte, como esses senhores romanos que engordavam os faisões antes de matal-os, para melhor satisfazer a sua furia luculliana. Era semelhante a uma d'essas casas que incham antes de tombar.

Turbando a sua longa catalepsia, só um desejo veiu arrancar-a certa vez da mudez e do recolhimento em que o seu orgulho a fechára com sete portas de ferro. Folheando um tratado de historia natural pertencente a Marcos, encontrou uma primorosa photogravura representando um pavão e, como as mulheres gravidas ou as creanças enfermas, teve um aneio violento: o de possuir um d'aquelles animaes carregados de vaidade. Certo a ridicula arrogancia do pavão a movêra, por uma d'essas «affinidades electivas» de que falou Goethe, a ter a seu lado a ave que Juno tanto amava. E o sabio comprou-lhe o pavão desejado.

D'essa epoca em diante, Esther era sempre encontrada no jardim, junto do animal que a sua alma elegêra. O sol, ardente como um hymno pagão, pulverisava de ouro as collinas dis-

tantes. As flores luxuriantes alteavam o collo perfumado, exhalando um suave aroma, que se saboreava em goles lentos, voluptuosamente, como a uma bebida cara. Entre as verdes ramagens, que as auras segredantes sacudiam, os passaros gorgeavam, celebrando a sua felicidade, nos lyrismos da luz solar. O ar tinha a radiosa translucidez de um crystal veneziano. E, n'uma absoluta indiferença pelas cousas circumstantes, Esther olhava o pavão, que alardeava á plena luz, tendo o peito cheio como a vela de um navio retezada pelo vento propicio, o flabello da cauda de seda furta-côr, com os cem olhos lembrando Argos. Fitava-o demoradamente, com palavras ternas no olhar acariante, mergulhando na suave molleza dessa admiração deliciada, como n'um banho tepido. Para tudo quanto se lhe dizia em taes instantes só tinha uma phrase em resposta:

— Como é bello o meu pavão!...

Emquanto Esther gozava na contemplação da ave heraldica e rutilante, Marcos estudava, curvado sobre os livros, nas fecundas indagações da sciencia, procurando deter o atomo fugitivo antes da morte, como o Fausto goethiano. Estudava com mais entusiasmo que d'antes, com um afinco desusado, que elle proprio extrañhava e que a velha creada, cheia de bondosa solitudine, dizia poder arruinar-lhe o organismo já enfraquecido pela idade. É que o cientista

queria fugir a uma perturbação inquietante que se lhe insinuára na alma incauta, a um extraño encantamento que o viera tentar no retiro dos seus trabalhos, como as bellas mulheres núas iam tentar os solitarios da Thebaida. Dir-se-hia que Satan, «o espirito que nega», tomando-lhe a cabeça entre as mãos, queria arrancar-lhe os olhos das paginas scientificas, voltando-os para uma Margarida de cabellos côr do sol, que fiava melancolicamente junto á casa paterna, rouxinolando, doce e triste, a ballada do rei de Thule.

Era o despertar da carne, tanto tempo adormecida, em toda a sua omnipotencia brutal, em toda a sua furia aterradora. Até alli o seu coração fôra puro como a neve. Nunca a sua bocca tocára uma bocca feminina, na festa sensual dos beijos, nunca os seus dedos tinham palpado, tremulos de gozo, um seio lacteo e turgido, jámais o seu corpo se unira, nevrosado pelo ardor sexual e pelas brutezas do instincto, ao corpo palpitante de uma bella amorosa. A alma de Marcos era branca como os seus cabellos. Agora, emtanto, uma immoderada sêde de amor lhe incendiava o sangue e elle queria aplacal-a na purpura odorante de uma bocca de mulher, como os sedentos se desalteram n'um copo de agua fresca.

E o sabio acabou por sentir que amava a Esther, áquella que tinham trazido, n'uma for-

mosa manhã de ouro e flamma, orphã chorosa e lamentavel, ao calmo asceterio que os seus livros povoavam, como uma turba sagrada; áquella de cuja existencia procurára fazer um continuo sorriso, nada recusando á sua mocidade e á sua belleza. Amava-a não já com o amor antigo, sereno e austero, que lhe punha na alma uma doce palpação paterna, mas com a vehemencia do amor prolifico, que põe nas almas a chamma do eterno e invencivel desejo.

O asceta soube, emtanto, resistir aos sortilegios da carne. Com uma nobre abnegação, com uma renuncia tocante aos prazeres terrenos, encerrou-se mais que nunca no seu grande sonho, suffocando os rugidos da luxuria e fazendo com que dos seus tumultos intimos nada resaltasse aos olhos da mulher amada. Impassivel como um marmore, afogando na garganta as palavras frementes que lhe subiam do coração, nada disse, nos seus dias de tortura, áquella que lhe tinha servido inconscientemente, com as mãos alvas e frageis, um philtro cem vezes mais poderoso que as beberagens de Circe. A sua alma de crystal luctou, heroica e destemerosa, até que um dia a velha creada, penetrando no gabinete de estudo do sabio, foi encontral-o de borco sobre a mesa de cedro esculptado, de olhar parado n'uma obra de sciencia, branco e immovel como uma estatua. Rompêra-se-lhe uma aneurisma e Marcos tombára sobre os seus livros, como so-

bre um leito amigo, e alli mergulhára na grande sombra, pacificado na morte das suas vãs torturas de escravo da sciencia e das tristezas de sua carne insaciada e insatisfeita.

Apezar da ligeira parcella de affecto agradecido que consagrava ao morto, Esther não teve uma lagrima ao saber do tragico successo. Nem mesmo quando levaram o corpo d'aquelle a quem tudo devia, nem mesmo n'esse instante poude chorar. Aquelles que a viam, ignorando a extranha organização d'essa mulher carregada de enigmas, lamentavam-n'a, dizendo:

— Infeliz! Nem lhe resta o conforto das lagrimas... Se ao menos chorasse, a sua dor encontraria allivio no pranto...

E o orgulho de Esther augmentava, dia a dia, como os fructos no verão, á proporção que a luz de seu intellecto diminuia lentamente. Não mais lia como outr'ora os seus poetas preferidos e um profundo tedio desceu sobre a sua alma.

Aborrecia todas as cousas da vida. As proprias rosas do jardim, que ella dantes colhia e cheirava com voluptuosa soffreguidão, fazendo-as por vezes brilhar no regio diadema de ouro dos seus cabellos, hoje detestava-as, por um motivo inexplicavel, e, se as colhia, desfolhava-as logo furiosamente. Olhava as pessoas que encontrava em seu caminho longamente, como que tomada de surpresa, com os olhos

grandes, calmos e vasio das creanças e das cabras.

Lembrava-se vagamente de Daniel, como de um individuo phantastico, irreal, sem fórmãs distinctas, visto n'um dia de febre ou n'uma noite de sonho. Poucas vezes pensava tambem em Marcos e, quando penetrava acaso no seu gabinete de trabalho, tinha a impressão de rever o cadaver do seu protector, de borco sobre a mesa, com o olhar parado n'um livro de sciencia, branco e immovel como uma estatua, e fugia para o jardim.

Ahi encontrava o pavão bem-amado, pompeando, sob os prodigios do sol, junto á mocidade das rosas e ao frescor das aguas do lago esmeraldino, a sua vestimenta de gala, nuancada de reflexos multicores. Contemplava-o demoradamente, achando um encanto singular nos seus guinchos rangentes e estridulos como um grito de guerra ou um clamor de selvagem. Seguia-o com o olhar enternecido, murmurando palavras afagantes como beijos, até que o via desaparecer ao longe, entre os canteiros constellados de botões de ouro e ensanguentados pelas chammas das papoulas, dentro da feéria da luz primaveril.

Esther foi, pouco a pouco, penetrando n'uma hypocondria incombatiavel. Um dia foram encontral-a no leito ardendo em febre e batendo os dentes, como quem soffre de impaludismo. Veiu

o medico, um velho amigo de Marcos, e conseguiu arrancar-a á morte, mas não poudo roubar-a aos torvelins da loucura, que a esperava impaciente, como um sepulchro aguarda o cadaver que lhe está reservado. E ella veiu a enlouquecer, de facto, em breves dias.

Depois de louca, experimentava uma sensação de terror incontido quando, no banho, era obrigada a desnudar-se. Cerrava os olhos ou punha sobre elles as mãos em concha, para furtar-se á visão do marmore profanado do seu corpo.

Nem uma só vez ousou transpor o gabinete de Marcos. Fugia d'alli, como da morada de um mago sinistro.

Passava os dias pelas aléas empoadas do jardim, sem um sorriso ou uma contracção a forçar-lhe a forte mascara tragica com que a loucura lhe apurára as linhas da face, dando-lhe a serenidade perfeita das bellas cabeças que sonham nas medalhas de Pisanello. Vestia-se com negligencia e os seus cabellos fulvos, rebeldes á pressão dos nastros, cahiam-lhe, em serpentes, sobre as espaduas de jade. Em torno d'ella a vida cantava, inebriante, como uma cythara edenica. As flores incensavam os ares, como thurybulos, emquanto as cigarras estridulavam, doudas de sol, expandindo a sua alma lyrica. Quebrando a paz sonhante das arvores, os passaros noivavam alacremenente entre as viridentes

ramagens, onde os pomos aureos luziam, desafiando as boccas jocundas e gulosas. Sob a rútila faiança do azul, todas as cousas eram de ouro puro, tocadas pela sumptuosa alchimia do grande astro. Mas, na sua noite sem aurora, Esther permanecia alheia aos maravilamentos do som, da luz, da côr e do perfume. Deixava-se ficar longas horas sobre um banco de pedra coberto de tons de ferrugem, immovel, como que fakirisada. O seu pavão tão só conseguia despertá-la por alguns instantes d'essa longa atonia.

Olhava-o com enlevo e respeito, como a um animal sagrado, adorando-o como os egypcios o ibis e os catholicos a pomba que symbolisa o Espirito-Santo. A ave flammejante dava-lhe a idéa de um magnifico idolo e ella votava-lhe a admiração de um fetchista. Beijava-lhe com o olhar as pennas de velludo que o sol incendiava, n'uma orquestração de côres, n'uma escala de tons igneos, n'uma gamma de matizes offuscantes, em que se confundiam harmoniosamente o iris voluvel das opalas, o roseo dos onyxes, a pallidez doentia das perolas, a purpura vivaz da aventurina, os fulvos relampagos dos chrysolitos, a tinta glauca da malachite, a rutilação violacea das amethystas e o esplendor ceruleo das saphiras. Esquecida n'essa adoração absorvente, Esther permanecia no jardim até que á alegria azul do meio-dia succedesse a paz dourada da tarde. Por vezes ficava mesmo até que a lenta

invasão da sombra nocturna esfumasse os montes longinquos. Manchas de cobalto esbatiam-se sobre a campina, diluindo-se a pouco e pouco. A nevoa fluida dos longes carregava-se de treva. E permaneceria ainda até alta noite se alguém, á apparição radiosa da primeira estrella, a não viesse buscar, arrancando-a bruscamente d'esse extasis de gozo indefinivel e fazendo-a retornar á casa. E ao afastar-se a custo do animal idolatrado murmurava, com uma voz cheia de enterrecimento, toda tremula de ternura:

— Como é bello o meu pavão!...

mo
am-
woco
va
quem
a nã
d'ess
vorna
biolo
vader

CREPUSCULO DE OURO

COMPTON'S COMPANION

N
e elg
cess
Syl
n un
dape
moni
O
e o n
atra
tend
rie
cap
de
bril
tasi
tom
pun
bul
do

CREPUSCULO DE OURO

N'uma formosa tarde de primavera, violacea e elegiaca, em que o sol fazia os montes e as casas altas naufragarem em ouro puro, o pintor Sylvio, farto do tumulto das ruas, refugiou-se n'um pequeno templo de estylo gothico, em que áquella hora se celebrava uma perturbante cerimonia religiosa, rica de liturgia e mysterio.

O artista nunca tivera tendencias para crente e o mysticismo não exercia sobre elle a minima attracção. Mas as pompas da egreja, o véu estendido no intercolumnio, a tenue vida dos cyrios, as columnas de marmore rematando em capiteis dourados, como alvos corpos coroados de cabelleiras louras, o altar-mór com a patena brilhante evocando o disco solar, tudo isso o extasiava e enternecia. Seguia os rolos do incenso tomado do mesmo deleite espiritual com que na pureza de um céu de estio contemplava as nebulosas. Embriagava-o a voz grave e profunda do harmonium, como se, ao envez de ouvil-a,

bebesse no proprio calix sagrado todo o vinho do altar.

Quando Sylvio entrou a porta do templo, subindo para a nave sonora e como que inclinada docemente pelo vento que inclinava a pequena flamma dos cyrios, suspirava uma voz velada e flebil, em que, como na alma dos violinos, pareciam gemer todas as angustias humanas.

Pouco depois, ao defrontar com a cantora, o pintor reconheceu-a. Era a celebre soprano Laura de Aguiar. Sylvio a encontrára dias antes em casa do poeta Demetrio. Reconheceu-a sem esforço porque, desde que a vira, os olhos d'aquella mulher, verdes como as algas, tinham ficado nos seus olhos.

Vendo-a de novo n'aquella tarde um terrivel desejo gritou no seu sangue. Quando todos os fieis deixaram o templo e um acolyto começou a apagar as lampadas, a cantora sahiu. Sylvio acompanhou-lhe os passos. Fóra, ha muito anoitecêra. Outro acolyto, este invisivel, accendia no alto as lampadas das estrellas. Vendo desaparecer no meio da turba a mulher que seguia, o pintor deixou-se ficar longo tempo á porta da egreja, assaltado por tristes pensamentos, prisioneiro da noite e da paixão devastadora.

Dias depois, á procura de um bello recanto de natureza para magnifical-o com a palheta, o pintor seguia por um dos mais pittorescos arre-

dores do Rio, sob a gloria fulva do sol, que apothosava as cousas creadas, cobrindo-as de uma poeira mirifica. Quando atravessava uma varzea verdoenga, que, ao respiro primaveril, rebentava toda em festões e corymbos, Laura appareceu-lhe ainda uma vez diante dos olhos surprezos. A cantora trazia uma grande porção de rosas variegadas e olentes, que colhêra n'um jardim visinho, e parecia mover-se a custo, devido á carga gentil. Dir-se-hia que o cheiro violento das flores a perturbava, mas apertava-as de encontro ao seio, cheia de um alvoroço de creança, correndo sobre os macios estofos da relva. Perto, os rendilhados, os labores, os recortes, os fustes e os florões de uma selva intrincada lembravam uma grande cathedral gothica. Entre as arvores polvilhadas de sol, as flores tinham em torno um aspecto feliz, na serenidade da tarde, parecendo respirar delicias e o proprio aroma que expandiam. Ao fundo, aureolando a collina cheia de arvores cinereas, que tinham á luz uns fugitivos brilhos metallicos, como capacetes de aço, o sol agonisava, entre nuvens flammantes.

No instante em que Sylvio e Laura se acharam face a face, um dialogo enternecido subiu do coração de ambos. A ardente melodia do amor inebriou aquellas almas, fazendo-as florescer como os lyrios florescem na estação dos sorrisos.

E dias depois, no leito senhorial de Laura,

sumptuoso e artistico como o de uma duqueza de antanho, o pintor tinha-a entre os braços, anciosa e bella, palpitante como uma flammula agitada por um vento impetuoso. Na febre da luxuria, a cantora mergulhou os dedos resplendentes de anneis na cabelleira côr de mel, que lhe cingia a fronte regiamente, recordando um diadema de fogo, libertou-a de um nastro de velludo negro e fel-a chover sobre as espaduas núas, brilhante como a cauda de um cometa.

O pintor, na embriaguez dos primeiros instantes, não teve tempo de notar que Laura, embora fosse ainda intensamente bella e pudesse mesmo despertar paixões vehementes, era muito mais velha do que elle, tendo nada menos de trinta e cinco annos de idade. Quiz illudir-se, dizendo comsigo mesmo que n'essa idade as mulheres são bêm mais apreciaveis physicamente que aos vinte annos, porque attingiram á plena maturidade da carne, sendo como os fructos de todo sazoados. Sob o aspecto espirital, só depois dos trinta annos é que o intellecto feminino ascende á maxima clarividencia, ficando bastante apto para a comprehensão dos bellos ideaes e para sentir a flamma vivaz das grandes paixões creadoras. Em vão procurou enganar-se, porque, extincto o ardor do primeiro e unico desejo, chegou a saciedade e elle comprehendeu lucidamente que não amava aquella mulher, que nunca a amaria mesmo.

Desvairado pela sexualidade brutal, tomára o desejo por amor, a volupia por paixão.

Quiz abandonal-a, mas o seu coração bondoso de artista confrangeu-se á tal idéa, sentindo que se assim procedesse envenenaria cruelmente a existencia de Laura. Depois, a cantora tinha um cerebro rico de fulgurações. Bastou que Sylvio lhe falasse, em phrases candentes, da elevação de seus ideaes estheticos, para que ella se assenhoreasse immediatamente da sua arte, comprehendendo a sublimidade do seu formoso sonho irrealizavel. Por isso, reduzida a cinzas a palpitação carnal, o artista sentiu que votava a Laura uma estima agradecida, doce e respeitosa como uma oração, e que jámais a poderia deixar, certo de que só ella saberia confortal-o nas horas angustiosas e emprestar-lhe vigor para os combates selvagens.

Quanto a Laura (desde o primeiro dia o moço o comprehendêra) amava-o ardentemente, com esse amor abnegado e cheio de renuncia que a mulher só pôde experimentar de feito depois dos trinta annos, mortas a leviandade e a irreflexão da adolescencia. Sentia-se, emtanto, envelhecer. O seu corpo, pensava, era semelhante a uma estatua que o tempo offendia brutalmente, como um iconoclasta feroz. A pouco e pouco, fazia-se prata o ouro de seu cabello; a vívida escarlata dos seus labios esmaecia e o seu olhar perdia a antiga chamma.

Nos seus momentos de tristeza, quando considerava na belleza prestes a fugir-lhe, tinha uma nostalgia terrivel dos dias mortos e deixava-se ficar longo tempo absorta, como que alheia ás cousas circumstantes.

Tinha a impressão de que as flores emmurcheciam com mais rapidez quando ella as collocava sobre o seio e de que as pedras preciosas como que morriam, ficando privadas de todo o brilho, ao contacto da sua carne em decadencia. E ao retornar da primavera sentia tudo renascer, excepto a sua formosura. Phrases não ha que exprimam a amargura de que se sentia possuida em taes instantes.

O amor juvenil de Sylvio deu-lhe por momentos a illusão de que recuperára o esplendor dos vinte annos, de que se operára n'ella um completo renascimento. E o seu coração encheu-se de jubilo, cobrindo-se de novos sonhos como um jardim em Setembro de flores novas. Mas bem cedo essa mulher comprehendeu a loucura que a invadira e foi innumeradas vezes ferida na immensidade do seu orgulho.

Um dia veiu visital-a uma velha amiga, antiga companheira de collegio, com a qual entretivera sempre insignificativas relações de amizade mundana. Essa amiga era uma dama tremendamente indiscreta e, encontrando Sylvio ao lado da cantora quando entrou, perguntou-lhe pouco depois, com ar de bondoso interesse, na reali-

dade movida por um sentimento de despeito insidioso :

— O joven com quem te achei é, com certeza, o teu filho Roberto, aquelle que vi, ha uns onze annos, quando visitei o gymnasio em que se achava tambem o meu Jorge... Como está forte e bello! Desenvolveu-se extraordinariamente e é hoje um moço adoravel... Pódes ufanar-te de ter por filho uma creatura encantadora. Possue uns olhos formosissimos e mostra-se exhuberante de mocidade. E' devéras seductor o teu Roberto!...

Laura, ouvindo taes palavras, sentiu uma tristeza de morte e esteve prestes a tombar, exhanime, por terra. Mas o seu orgulho reagiu ferozmente, e ella, tremula de raiva, de punhos cerrados, com os olhos fuzilantes e a voz somnolenta e cava, disse, prestes a atirar-se sobre a importuna:

— Não!... Esse moço não é meu filho... O meu filho Roberto, que conheceste, morreu aos doze annos no gymnasio, devorado por uma febre maligna... Este é meu amante! E' meu amante, comprehendes?... Achas talvez estranho que assim seja?... Não sou eu acaso digna d'elle? Envelheci, porventura, tanto que não possa ter um amante joven e formoso como este?... E' meu amante, ouviste bem?... E' meu amante! E' meu amante!...

A amiga ficou profundamente turbada com

a attitude fremente de Laura, com os seus gestos convulsos, com a sua voz rugidora, com as suas phrases delirantes e desordenadas. Nada respondeu e alguns minutos depois, sob qualquer pretexto que lhe occorreu, despediu-se da cantora, que não fez o minimo esforço para detel-a. E durante o resto do dia a amante do pintor não proferiu sequer uma palavra.

Outra vez, Laura que vendêra uma sua propriedade nas immediações da cidade, foi procurada pelo novo proprietario, que lhe vinha trazer a importancia da compra. Como só encontrasse Sylvio, voltou mais tarde, podendo d'esta vez entender-se com Laura, que regressára do passeio que fazia habitualmente pelos logarejos visinhos, ora só, ora em companhia do pintor, quando os trabalhos d'este o permitiam. Dirigindo-se a Laura, o comprador falou-lhe d'esta maneira:

— Procurei V. Ex.^a ha algumas horas, mas só encontrei um joven, que deve ser filho de V. Ex.^a...

Laura não teve uma palavra para contestar o facto de Sylvio não ser seu filho, antes, movida por uma complacencia jámais sentida, acenou com a cabeça em signal de acquiescencia. Não fez d'isso a minima allusão ao pintor, permanecendo silenciosa toda a tarde, sem responder mesmo ao amante, que lhe pedira impressões

de seu passeio, perguntando-lhe se encontrára um sitio digno de ser transplantado para a tela.

Innumeras vezes foi Laura apunhalada d'esse modo em pleno coração, só podendo resistir porque um grande amor cheio de abnegação e de renuncia a amparava e fortalecia. E eram quasi sempre as velhas amigas, antigas companheiras de collegio, que se compraziam em coroa-la de espinhos. Todas ellas, vendo-a em companhia de Sylvio, indagavam sollicitas, como a mãe de Jorge, parecendo impulsionadas por uma benevola estima :

— E' teu filho, não?... Como está bello e forte! Pódes encher-te de orgulho por ser mãe de um tão formoso mancebo!...

Um dia em que lhe fizeram, pela centesima vez, a pergunta assassina, ella não pôde mais, sentiu-se fraca para continuar a lutar e resolveu separar-se definitivamente de Sylvio. Para falar ao artista, foi procural-o no seu *atelier*.

N'essa manhã, o pintor despertára um tanto triste. Um tragico pensamento mordia-lhe o coração. Para romper a veste lutuosa que o envolvia, quiz trabalhar, mas comprehendeu que a arte o não soccorria em toda a plenitude, como nos claros instantes de alegria espiritual. Estendeu-se n'um divan macio e acolhedor como um seio feminino e poz-se a rememorar enternecidamente as rudes pelejas de sua vida altiva e torturada. Evocou as audacias e as rebeldias de

sua arte gallarda e batalhadora, os anathemas dos mestres pedantescos, os sarcasmos com que o tinham golpeado os chibarroos da critica, as traições e as intrigas subterraneas dos compa-
nheiros sem talento. Conseguira, emtanto, triumphar sobre os que o invejavam e combatiam. A primeira exposição dos seus quadros fôra o maior successo artistico do anno. E agora, palpitando em sua alma como uma musica sagrada, passavam diante d'elle, n'um desfile harmonioso, os magnificos symbolos que a sua arte expressára na tela.

Lembrou o seu quadro intitulado «A vida e a morte», que tanto ruido levantára. Representava elle um joven, bello como os discipulos de Platão, dormindo o somno sem sonhos de que não se accorda jámais, n'um ataúde largo como um leito e tepido como uma alcova, entre a agonia dos cyrios, sob a nave de um templo em que aguardava o momento de ser atirado ao furor pantagruelico dos vermes. Era tão formoso que a gente ao vel-o evocava immediatamente o enternecido verso do poeta antigo: «Os amados dos deuses são os que morrem moços». Em derredor do esquife, com os ageis corpos desnudos coroados de cabellos louros, como alvas flores cobertas de mel, dansavam bellas mulheres engrinaldadas de parras e de acanthos. Os seios das deliciosas bailadeiras, redondos e ameaçadores como as vagas do oceano, tocavam com

a rosea ponta a face enregelada do morto, que ainda sorria, extasiado e feliz, como se, mesmo atravez das palpebras cerradas, os seus olhos pudessem divisar as carnes colubrinhas que se agitavam em torno d'elle e pareciam offerecer-lhe os seus mais secretos encantos, como manjares de deuses.

Brilhavam com intensidade aos olhos do pintor as figuras inolvidaveis de uma outra sua tela, «A fecundidade e a esterilidade», que suscitára forte polemica nas revistas consagradas ás cousas de arte. Uma freira, ainda mais branca que o seu escapulario, d'uma belleza triste de desilludida, passeiava, em punho o rosario com o crucifixo de marfim, pelas aléas do jardim de um velho convento, sentindo palpitar a alma dos lyrios. Era n'um d'esses maravilhantes dias estivaes em que o sol fulge em toda a sua divindade radiosa, como uma grande hostia dourada, e a terra, a Cybele immortal, abre o seio feraz ás germinações futuras, ferida pela luz creadora e nupcial, que as cigarras festejam com o seu canto e as borboletas com a sua dansa aérea. Junto ao convento, a alegria estridorosa de uma boda de camponios irrompia em canções e risadas. Ao fundo, os recém-casados confundiam-se, estreitados n'um longo abraço, permutando ternuras, n'essa transfusão de almas nobre e jocunda dos que, longe das preocupações do infinito obscuro, gozam a certeza triumphal da vida,

a esplendida realidade do amor prolifico. A monja, sob a feéria do sol e entre os sorrisos das flores, volvia os olhos arrazados de melancolia para o logar do casamento, talvez arrependida de ter escolhido por esposo um Christo de marfim, sem caricias e sem volupias frementes, ao envez de um mortal ardoroso e possante, com a alma carregada de sonhos e a bocca carregada de beijos.

Sylvio teve um ligeiro sorriso de ironia triste ao lembrar a escandalosa bulha produzida pela «Morte de Cleopatra». N'esse quadro, o mais perfeito talvez dos seus trabalhos, o pintor magnificára, com o seu temperamento de flamma e com o seu passionalismo fremente, essa prodigiosa mulher de olhos de basilisco, que foi na terra um bello instrumento de devastação, como uma espada ou um dardo, fazendo-a capitosa e estonteante mesmo nos seus ultimos momentos. A saborosa egypcia tinha n'uma das mãos a aspide que lhe havia de morder a carne de encanto. Os cabellos abundantes, negros como a pelle de um ethiope, catadupavam-lhe sobre os hombros côr de ambar precioso, acarinhando-os demoradamente, n'uma caudal de aromas. Os seios da maravilhosa rainha estavam completamente nús, emergindo das roupas claras que a envolviam, arredondados e turgidos como dois fructos tropicaes sadios e aromados. Os seus braços, ligeiramente dourados como as ampho-

ras antigas, tremiam, á semelhança de duas perfidas serpentes, prestes a enlaçar um corpo indefeso. A sua bocca era purpúrea e sanguinea como uma ferida e parecia desejar anciosamente uma outra bocca, á qual sugaria toda a vitalidade, em grandes beijos exhaustivos, em longas caricias assassinas. Toda ella tinha uma expressão de selvagem lascivia e, debatendo-se nos tentaculos de uma angustia suprema, dava antes a idéa de estar mergulhada no espasmo de um forte gozo carnal. Ia entrar na morte com a mesma fascinação satanica e destruidora com que dantes entrava nos festins sensuaes ao lado de Marco Antonio, quando viviam a «vida inimitavel» exaltada por Shakespeare.

Para fugir ao maelstron das lembranças devoradoras, Sylvio dirigiu-se á janella do *atelier*. Uma vida nova invadiu-o ao sentir o encanto religioso das cousas, os rythmos da criação fecunda, as prodigiosas revelações da natureza em flor.

O sol fuzilava. A campina em frente, ao flammeo esplendor que cataractava do alto, era um milagre de poesia, um banquete de luz, uma symphonia de aguas múrmuras, gorgeios de aves e fremitos de folhas. Todas as cousas nadavam no banho tepido do sol, que, Midas eterno, transformava em ouro tudo quanto tocava. Na magnificencia do grande astro, o campo era de ouro, o rio era de ouro, o monte era de ouro.

Os labios humidos das rosas incensavam docemente o arredor, dando aos beijos da aragem todo o seu aroma, como n'uma offerta amorosa, como n'uma expansão affectiva, cheias do penetrante languor da mulher que se entrega aos beijos do amante longo tempo esperado, longo tempo desejado. Ao fundo do valle concavo subia uma casa de lavradores, como uma gemma ao fundo de uma taça de esmeralda. No domo azul, as nuvens polychromas, formando jardins aéreos, mostravam a sua gloria fugitiva.

A chegada da cantora veio interromper o pintor n'essa longa contemplação. Laura mergulhou a mão evocadora e pura na cabelleira copiosa do amante, que tinha para os seus dedos a maciez de um velludo caro, e disse-lhe, com uma voz profundamente musical, que elle jámais lhe ouvira:

— Falaste-me ha alguns dias n'uma viagem á Europa, onde, frequentando os museus, bebendo os ensinamentos preciosos dos verdadeiros mestres e pondo-te em contacto com os artistas sadios e joviaes d'aquellas terras, pretendias dar mais amplitude e relevo á tua technica e á tua energia creadora. Pensei demoradamente no que me falaste e agora venho dizer-te por minha vez: Deves partir para a Europa!

— Mas como? disse o artista. Queres que te abandone? A não ser que me acompanhes n'essa

longa viagem, que me será tão dolorosa sem o teu amor e o teu conforto...

— Não! Deves partir... A minha pessoa que importa? Ficarei... Hei de seguir-te com a imaginação e abençoar-te á distancia, implorando aos céus que te façam mais brilhante que o sol... Considerar-me-hia a peor das mulheres no dia em que, por meu amor, prejudicasses a tua arte sublime... Não! Parte! Depois, deixa-me falar com a alma nos labios, com toda a sinceridade do meu pobre coração de mulher que ama com a certeza de não ser amada!... És moço e eu já entrei no crepusculo, um crepusculo de ouro, seja, mas sempre um crepusculo... Demais, és um artista e tens obrigação de exigir de mim alguma cousa mais que um coração. A ruina florída de meu corpo não póde satisfazer á tua visão de pintor exigente e inconcentado... Amo-te e tu bem o sabes, porque t'ó tenho patenteado innumeradas vezes, não com palavras inuteis e vãs, mas com os meus actos de amante desejosa de magnificar o mais que lhe é dado o seu idolo de ouro! Mas tu não podes amar-me... O que tu sentes por mim é uma complacencia digna e nobre de homem superior para com a mulher que o comprehende, nunca esse amor que, em verdade, eu não posso exigir de ti... Eu só posso idolatrar-te e sempre o tenho feito com a maxima inteireza. Sim, tu não podes amar-me... Ouve-me... Quando ha tem-

pos expuzeste as tuas telas, affluiram ao teu *atelier*, attrahidas pela escandalosa bulha que se fez em torno de ti, innumeradas mulheres da sociedade elegante. Pois bem. Ao verem-te a meu lado, tão bello e forte, essas mulheres sorriam-se perversamente e, apontando-nos com o dedo, diziam, baixo mas não tanto que eu não pudesse ouvil-as, tendo os labios contrahidos por um rictus de ironia apunhalante: « Aquelle é o pintor Sylvio e a velha que o acompanha é sua amante... Como poderá um joven robusto e seductor como elle ligar-se a semelhante ruinaria?... Naturalmente ella tem dinheiro e elle a explora, porque deve ser gastador como todos os artistas...» Ouviste bem? Calumniavam-te até, meu doce amigo! E era eu quem motivava taes julgamentos offensivos á tua dignidade de homem... Avigorou-se desde então em minha mente a idéa de que é mistér que nos separemos. Tu não podes amar-me e eu amo-te em demasia para que me atravesse no teu caminho e seja um embaraço á realização dos teus ideaes mais bellos...

— Mas se eu sinto amar-te, protestou o pintor, com voz debil, pallido como um defunto.

— Não! Tu não podes amar-me! Quando eu me entregava a ti, nas minhas noites de delirio carnal, a beijar-te, morta de lascivia, eu sentia que o teu beijo não tinha o calor do meu, que os teus braços não me enlaçavam como os meus

te enlaçavam... Beijavas-me para satisfazer-me, sem que o teu corpo vibrasse de gozo como o meu... Eu bem o sentia... Tu nunca dormiste sobre o meu coração com o mesmo abandono com que tenho dormido sobre o teu! Compreendendo que muitas vezes te esforçaste por amar-me. Mas és homem e, além de homem, pintor... Por isso, extinto o desejo, tu não mais podias acariciar com ardencia as linhas peccaveis de um corpo que envelhece, onde os teus olhos, avidos de bellezas, não encontravam esses encantos que embebedam como um mosto generoso... Nunca descobriste talvez que muitas vezes me tens inspirado ciumes terriveis. Pois assim tem acontecido... Por teu amor, a duvida atroz me tem sempre cravado as garras no coração. Ainda n'um dos dias em que expuzeste os teus quadros, uma mulher escandalosamente formosa seguia-te por entre os presentes, com um interesse particular. Parecia querer falar-te e o seu olhar procurava amorosamente o teu, cheio de convites e de promessas sensuaes. Mordia os labios, como para conter os beijos prestes a fugir-lhe... Tu a olhaste fugitivamente e certo não lhe prestaste grande attenção. Mas quando, á tarde, voltámos para casa, tive a impressão de que vinhas cheio do desejo de possuil-a. Nada te disse, mas tive impetos de sahir á rua, de procurál-a por toda a parte, até que a encontrasse, para trazer-t'a com a sua belleza impu-

dica de hetaira, e atirál-a nos teus braços... Queria que a gozasses, que a gozasses no nosso leito mesmo!... Ouviste? Comprehendeste a grandeza do meu ciume, que reflectia tão fielmente a grandeza do meu amor?... Deves partir! Ficarei... Ficarei, cheia da recordação dos dias que passámos juntos... Não morrerrei, porque tu viverás e é necessario que eu tambem viva, para com a imaginação acompanhar-te sobre o oceano e nas tuas peregrinações pelos paizes europeus... Retornarás, serás o maior de todos na tua arte, carregar-te-has de triumphos e então... então... serei a tua mãe, a tua suave mãesinha, tão suave como a que perdeste aos quinze annos na tua aldeiola natal e cujo retrato em miniatura, pintado por ti, descança sobre o meu peito, á feição de uma veronica...

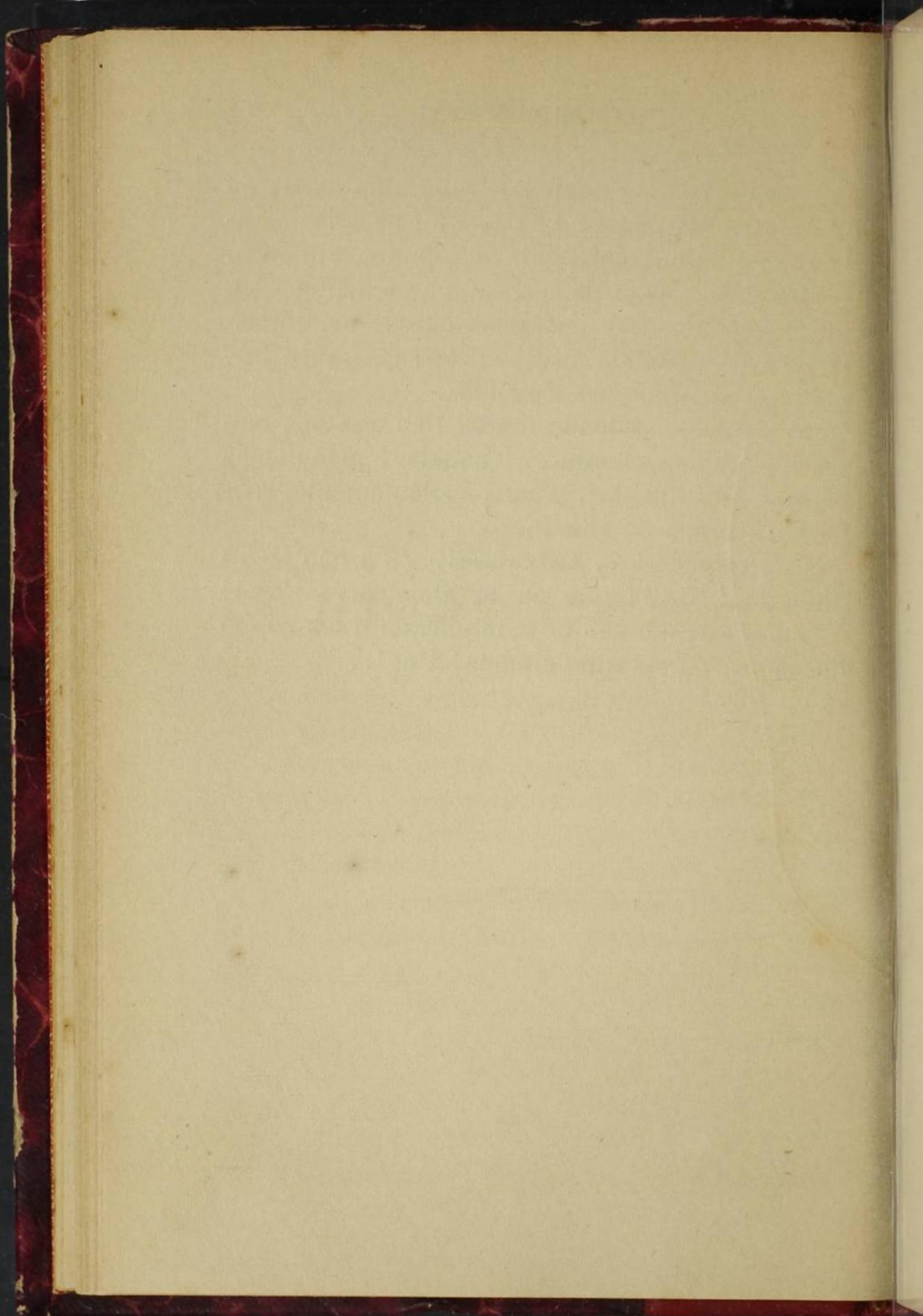
Laura não pode proseguir. A emoção encheu-lhe a garganta de soluços, fazendo-a chorar de modo convulsivo. O amante abraçou-a, sem ter uma palavra para consolal-a, e poz-se a beijal-a perdidamente nos olhos verdes como as algas, bebendo, uma a uma, as lagrimas que ella derramava.

Fóra, sob as vibrações da luz cegante, as arvores ondulavam rythmicamente, embalando os passaros, que enchiam todo o arredor de echos joviaes. Entre flores rubras e ardentes como carnes incendiadas, expandia-se a vida musical das aguas. Abelhas em bando voejavam

em torno de uma colmeia, como uma geada de ouro. A magia do sol chegava até os dois amantes, como um ambar fluido ou um óleo luminoso, cobrindo o artista de um fulgor de apothese e fazendo chispar as pedrarias caras que, engastadas em anéis de formas bizarras, Laura trazia nos dedos longos e pallidos.

A cantora, cedendo ainda uma vez aos beijos do amante, sentiu-se fraquejar; mas depois arrancou-se-lhe dos braços violentamente, gritando, tomada de allucinação:

— Deixa-me!... Deixa-me!... Tu não podes amar-me! Basta que eu te idolatre... Parte! Vae para as terras que a tua arte e o teu sonho desejam... Deixa-me e parte! Vae!...



LEMBRANÇA IMMORTAL

Un
algun
nunc
habit
un p
cheg
logar
uma
com
A
u
da p
can
o ob
cor
Ber
com
alta
de

LEMBRANÇA IMMORTAL

Uma tarde, depois de me aborrecer durante algumas horas n'uma ignobil repartição governamental, seguia eu de volta a Ipanema, onde habitava, n'um bonde do Jardim Botânico, lendo um poema de Gabriele d'Annunzio, quando, ao chegar ao largo do Machado, senti que tomava logar exactamente ao meu lado uma mulher de uma formosura tão inebriante e perturbadora como a dos versos do poeta do Adriatico.

A' semelhança de quem passeia os olhos por um jardim florescente na gloria e na mocidade da primavera, puz-me a contemplar-lhe os encantos sem par, deliciado e feliz, bebendo com o olhar todas as perfeições innumeraveis do seu corpo magnifico, filho por certo do escopro de Bernini, indo, absorto, de belleza em belleza, como quem segue n'um paiz de maravilhas. Era alta e direita como uma columna de marmore de Luni e os seus cabellos louros, encimando-a

n'um triumpho esplendente, davam exactamente a idéa de um capitel dourado. A sua fronte, de uma purissima brancura, parecia talhada em alabastro. As veias da sua testa eram salientes como as cordas de um instrumento. A sua bocca dava a impressão de um fructo aberto pela maturidade e, humida, como que coberta de um finissimo oleo, tinha qualquer cousa de satanica, á semelhança de uma flor do mal. Os seus dentes possuíam um brilho singular, como se fossem cobertos de esmalte vivissimo. O seu nariz lembrava o das effigies que Gian Cristoforo Romano trabalhou em medalhas de ouro limpido. Os seus olhos eram de uma côr extranha e dubia, que se não podia definir precisamente. Como certos brilhantes, na sombra tinham um negror sinistro de almas condemnadas, mas quando a luz os feria em cheio tornavam-se verdes como os beryllos. Um d'elles parecia mais fulgurante que o outro, o que emprestava ao seu olhar um imperio, uma seducção de enigma nunca vista por mim em olhos femininos. Tinha o mento alongado, como as figuras aristocraticas de Gainsborough. Era tão mysteriosa e sibyllina a expressão de seu rosto que ella parecia trazer a mascara das dogezas ou a «mascara da noite» de que falava Julieta a Romeu. As suas mãos mostravam a delicadeza exaggerada e morbida das duquezas retratadas por Vigée-Lebrun. Vestia com extremo apuro e trazia um chapéu de

grandes plumas, que fremiam á caricia viva da aragem.

Não sei se ella attentou em mim: o mais certo é que o não tenha feito, tão distrahida parecia ir, como que mergulhada n'uma contemplação interior, alheia a tudo quanto a rodeava. Eu, apenas a vi, cognominei-a mentalmente a «Serpente», tanto era o veneno derramado pelo seu corpo, que ao meu olhar parecia cheio de meneios colubrinos, de ondulações flexuosas de reptil na attitude de dar o bote á presa. E esse corpo parecia verdadeiramente talhado para todos os artificios da luxuria, para todas as praticas da carne, para todas as loucuras da sexualidade, inebriando como um vinho de banquete e devendo servir a um só tempo o amor e a morte, como o das Danaides lendarias.

O bonde, emtanto, continuava a sua marcha. Com a rapidez de paysagens entrevistadas confundidamente de um trem de ferro, passaram diante de mim os sitios ricos de poesia que todos os dias atravessava e que tinham para a minha alma um encantamento sempre renovado, dada a multiplicidade de bellezas, o viço esplendoroso e a juventude perenne de nossa natureza. Fugiu aos meus olhos Botafogo, com a sua enseada curva e cantante como uma cythara, sob as bemaventuranças da luz solar. Junto ao Leme, o bonde mergulhou por instantes n'um tunnel cheio de treva e humidade, voltando á claridade

em frente ao mar pleno, que atirava á vitrea areia a turmalina das vagas caireladas de espuma. Passou Copacabana, com as suas ruas cheias de calma e de frescura de arvoredos. Depois, passou Egreja, com o seu bello templo, de uma brancura de monja, avultando, diademado de sol, sobre os penhascaes cobertos da ferrugem das vagas e da vegetação do lodo.

A formosa desconhecida desembarcou proximo a Ipanema, em frente a uma casa de feitio mourisco, cingida amorosamente por um jardim millionario de flores, que sorriam á luz, ebrias de vida. Deteve-se alguns instantes na escadaria da deliciosa vivenda e desapareceu, em seguida, sob um atrio de fórma bizarra e oriental, cujos vitraes phantasiolos o dia incendiava.

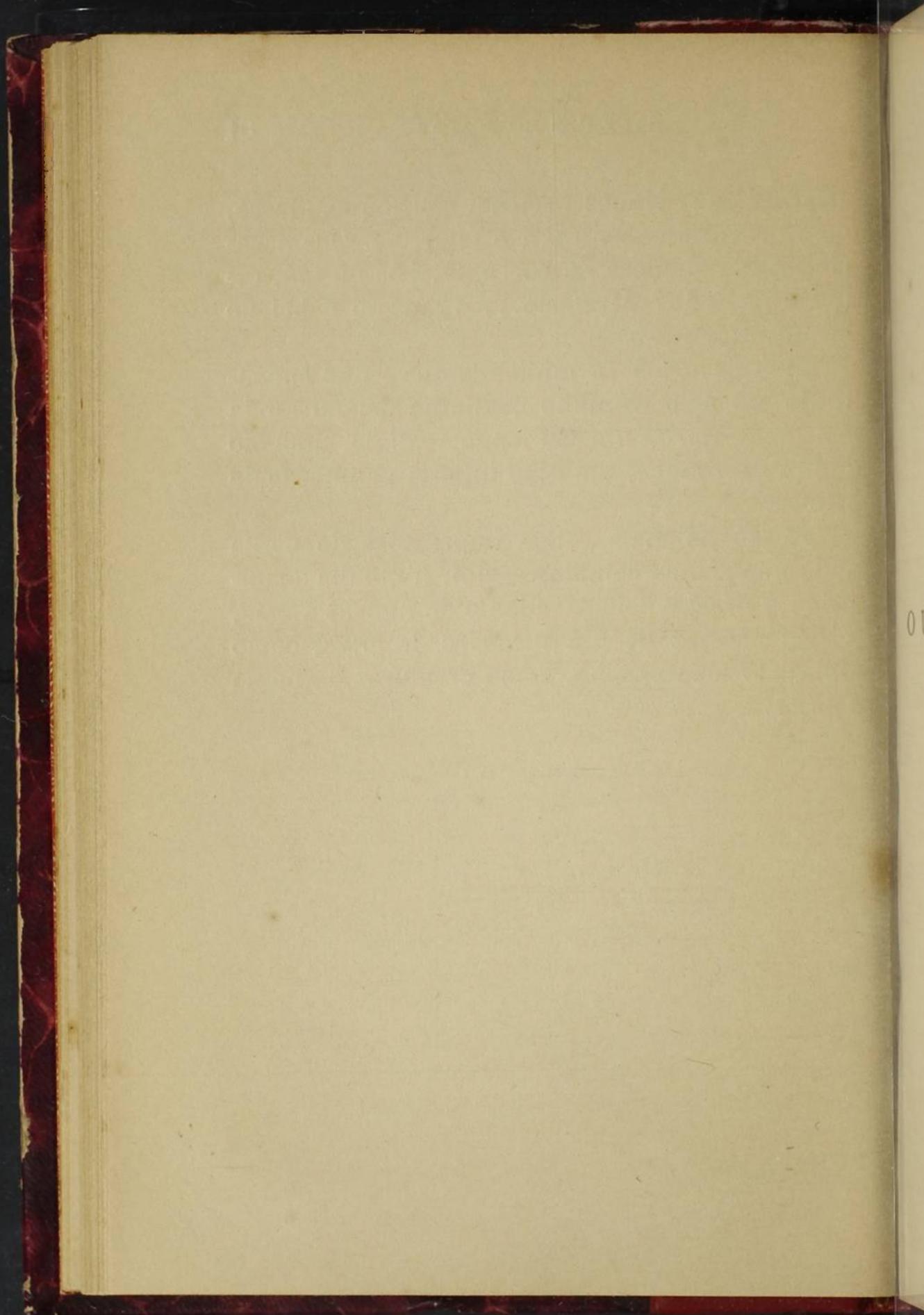
Ao lado, o mar, todo desfeito em rolos de espuma, soluçava de onda em onda, n'uma desolação atroz, guaiando como a alma dos que estão tristes até a morte. A areia da praia tinha um brilho cegador de mica pulverisada. Longe, um barco fugia, com as velas triangulares cheias da claridade triste da tarde. No alto, o céu arqueava-se, impassivel, como um grande baldaquim azul franjado de ouro, e em redor a primavera, entornando a cornucopia dadivosa, dizia as suas orações pagãs. O sol, chovendo topazios sobre as aguas, caminhava para o crepusculo lentamente.

E nunca mais vi essa mulher, a tentadora

«Serpente»... Nunca pretendi saber quem fosse, nem procurei encontrá-la e falar-lhe. Quem seria? Seria virtuosa ou corrupta, bôa ou má, estrellada ou lodo? Mystério... Ignoro-o e hei de sempre ignorá-lo.

Mas de todas as mulheres que tenho encontrado em meu caminho nenhuma deixou ainda em meu espirito um tão longo vestigio, uma tão funda lembrança, uma tão intensa palpitação de poesia.

Acaso as mais bellas impressões de nossa vida não são as colhidas assim, n'um dia de anseios e desejos loucos, diante de figuras vagas, vistas atravez de um nevoeiro de alma, como filhas do nosso sonho, como creaturas da nossa febre?...



O ULTIMO DIA DE ROGERIO

*

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

O
Est
pezar-
tysico
ceta.
as ca
Comp
juno
fren
brind
T
pres
o ex
o se
nubi
occe
coro
gan
mus
pha

Ó ULTIMO DIA DE ROGERIO

Estendido no leito, com a poeira do somno a pezar-lhe ainda sobre as palpebras, Rogerio, o tysico, poz-se a pensar na aldeiola em que nascêra, sentindo um desejo invencivel de banhar as carnes torturadas nas aguas do rio paterno. Compreendeu que não mais podia permanecer junto ao estrupido do mar selvagem, que em frente arremettia contra os rochedos aridos, cobrindo-os de escamas de lodo.

Tinha a janella do aposento cerrada, mas presentia que o sol andava lá por fóra, enchendo o golfo azul dos céus e fecundando a terra com o seu pollen de ouro, como n'um sagrado conubio. Chegava-lhe ao ouvido a symphonia do oceano, que, semelhante a um violino de mil cordas, a uma flauta de mil chaves e a um organ de mil tubos, executava a essa hora uma musica grande e potente como as do «Navio phantasma» wagneriano.

E no sangue de Rogerio crescia o aneio de

rever os bellos sitios familiares em que a sua infancia deslisára limpida e suave como uma *arietta* de Salieri. Apoderára-se d'elle uma ardente sêde de paz e de affecto, uma necessidade ineluctavel de perdoar, de esquecer, de abençoar. E a lembrança da terra natal inundava-o de sol, de aromas e de cantos de passaros. Deixára alli a mãe bondosa e a irmã sorridente, essas duas almas de crystal, tão caras á sua pobre alma cheia de feridas. Que doce a vida alli!

Adormeceria no jardim da casa em que surgira para a luz, sob a paz amiga das arvores robustas, ouvindo sobre a relva, como sobre um perfumoso thalamo, a agua viva cahir, n'uma fonte ao lado, ora rindo, ora chorando, no concavo de uma larga bacia, talhada, á feição de taça, em marmore thebano, vermelho como os pensamentos da mocidade. Ouviria toda a floresta visinha palpitar, n'um respiro impetuoso. Sentiria pulsar o coração da terra, como os lavradores adustos e nodosos. Iria, certo, encontrar carregada de fructos de ouro limpido, brilhando entre folhas de turmalina, a querida laranjeira ainda adolescente quando a deixára, sem que uma flor sequer a pontilhasse de neve. Contemplaria os bois pensativos e melancolicos, de pello maculado e cornos talhados em fôrma de crescente, como a velhos amigos em cuja companhia o espirito se enche e dilata. Falaria

aos camponios, essas rudes creaturas de alma vegetal. Deliciaria o olhar com um formoso renque de palmeiras que subia ao fundo, sobre uma montanha espontada, como columnas de um templo arruinado, coroadas por verdes capiteis excessivamente folhudos. Gozaria voluptuosamente a delicia das manhãs de sua terra, onde todas as cousas, tocadas pela eterna juventude do sol, eram prodigios de luz, de aroma e de côr.

Nos dias santificados, sob o azul faiscante e junto á vida musical das aguas, iria á igreja da cidade proxima, em companhia da mãe e da irmã, e enquanto estas erguessem os corações purissimos, nos enternecimentos da prece, elle ficaria, como em creança, fitando, absorto, o meandro das veias da columnata marmorea que sustinha a nave.

No outono, quando os ventos, como bandos de salteadores, investissem com o jardim, ficaria contemplando a coloração cinzenta das ultimas folhas e a languidez das flores que ainda restassem, doentias, a gozar a luz pallida, como enfermos gozando o sol n'um pateo de hospital. Não mais ouviria o terrivel requiem das ondas...

E Rogerio, cerrando os olhos, tinha a impressão de ver a mãe e a irmã, as duas creaturas adoradas. A mãe fôra por certo bella e ainda hoje conservava resquicios da belleza antiga, do mesmo modo que uma amphora guarda

o perfume do mosto que a encheu. O seu cabello mostrava a candidez da via-lactea. No seu olhar esplendia uma tinta azul, a falar do céu. Ao lembrar-a, Rogerio tinha a impressão de sentir ainda no seu sangue o frescor do leite com que a doce mãe o nutrira.

Com que anciedade aguardava tambem a hora em que veria a irmã sorridente, a sua querida Berenice. Berenice! Só esse nome cheio de frescura inebriava-o, como um perfume suave ou como uma palavra de affecto. Lembrava-se bem dos passeios que dera em sua companhia, pelos campos que o halito primaveril embalsamava e a luz solar enchia de sorrisos, e evocava, emocionado, as phrases ternas com que ella lhe acariciava o coração chagado. A sua alma ficava ao ouvil-a como uma roseira beneficiada pelo orvalho matinal. Nunca poderia olvidar essas deliciosas caminhadas por sob o sol, o magnifico Tiziano, o colorista inimitavel, que, baixando de um céu zebreado de nuvens flammejantes, cobria os campos de tintas irisadas. Ouviam enternecidos os allegros das aguas generosas, que delicias o ouvido com a sua eterna historia. Os passaros loquazes diziam o seu idioma gentil entre as ramagens que a primavera desfraldava no ar, como verdes gonfalões. Sob a alliança nupcial da luz com os campos, tudo em redor era uma festa para os olhos, uma hosanna á vida, um commovido louvor á alma

encantadora das cousas. O sol fazia cantar as cigarras, dando ás aguas uma transparencia de vidro opalescente. A alegria desfolhava todas as suas guirlandas. E Berenice, tremula de emoção, volvia a Rogerio o casto olhar de pomba, terno como o de uma santa em extasis, sentindo ao fazel-o o recolhimento das freiras quando commungam, com a alma mais branca do que o escapulario que trazem. Ás vezes, sobre a tiara dos seus cabellos louros como o mel cahiam petalas de flores das arvores sob cujo baldaquim seguiam, como se uma fada dadivosa quizesse cobril-a de todas as galas da primavera. Berenice sentia-se então tomada de uma alegria infantil, batendo palmas trefegamente, como uma creancinha a quem offerecem um confeito ou uma moeda dourada. E a sua bocca florescia n'um fresco riso cheio de juvenildade. De onde a onde, falava, com uma voz que deramava em torno mais frescura que a aurora, magnificando a formosura d'aquelles sitios, sob o sol, que, risonho e nú como um deus pagão, subia agora para o azul pleno, n'uma escalada triumphal. Depois a sua voz interrompia-se, como a agua cantante de uma fonte que alguem recolheu n'uma amphora, e ella, erguendo no ar uma d'aquellas mãosinhas que pareciam ter sido feitas para ficar sempre conjugadas em adoração diante de um idolo, apontava para uma turma de passaros que, em turbilhões fur-

ta-côres, batiam no alto as azas avidas de espaços largos. A sua carne moça exhalava um suave cheiro espiritual, o verdadeiro olôr da virgindade. As mais preciosas especiarias da terra não conseguiriam emprestar a nenhum corpo maculado essa doce fragrancia, em que parecia palpitar a alma dos mais caros jardins da natureza. E o casto aroma misturava-se ao aroma das flores de em torno. Rogerio, que se sentia capaz de todas as baixezas, envenenado pela solidão e corrompido pelos beijos que recebera de uma terrivel amante, ficava ao lado da irmã mais puro do que a neve ou do que um punhado de lyrios. Mas Berenice nem siquer presentia os prodigios que realizava na alma do irmão, oceano revoltado que ella, fechada na sua ignorancia das cousas inconfessaveis, jámais procurára perscrutar, como essas creanças que apanham conchas na praia sem conhecer o mar terrivel. Voltavam á casa, sob as orgias da luz, ouvindo os *spartitos* inimitaveis das aves ebrias de vida. Entre as ramagens brilhavam escaravelhos de ouro, preciosos como trabalhos de joalheria. A neve odorante das rosas punha um accento de pureza em derredor. As aguas tinham um brilho de gemmas liquidas. Tocado ao fundo de um ligeiro tom violeta, o céu mostrava a transparencia radiosa dos calices florentinos. Rogerio passava o resto do dia a ler, ainda junto da irmã, que lia tambem, de preferencia

Virgilio e Theocrito. Berenice assignalava as partes que mais a deleitavam com pequeninas folhas aromaticas ou petalas de flores. E os livros, depois de terem estado n'aquellas mãos evocadoras, cheiravam ainda melhor que um mólho de jasmins ou um frasco de essencias caras. Tudo isso exaltava divinamente aos olhos de Rogerio essa creatura amoravel e serena, que parecia roubada á tela de um quatrocentista mystico. E elle, ao proferir o nome amado, elevava tanto o seu coração que o sentia á noite palpitar entre os astros, como um astro.

Á tarde, Rogerio deixou-se ficar longo tempo á janella de seu aposento, olhando o mar, onde as aguas, lantejouladas de sol, tinham scintillações vitreas. Fortes tonalidades de graphite sanguinea e bistre arruivado pairavam sobre uma ilha visinha, onde borboletas bailavam, como alméas do ar, inebriadas com o cheiro da carne quente das rosas. Recordando azas de cherubins errantes, velas fugiam sobre as vagas espelhentas, que ostentavam, como os chrysoprasos, um tom verde-claro sulcado de veios de ouro. Ondas de azul rolavam sobre a cidade longinqua, que era uma frota de casas ancorada n'um mar de luz. Todas as cousas circumstantes pareciam impregnadas da santidade do sol.

E Rogerio lembrava ainda a terra natal, tendo na alma uma sensação de frescura e de paz. Evocava agora a figura luminosa de Elysio, o

grande amigo de seu pae, alma primaveril mesmo entre os gelos da velhice. Era um poeta de largos vãos lyricos e senhor de uma apurada esthesia. Quando moço, percorrêra todas as cidades da Italia e dizia ter por esse paiz uma paixão quasi sensual, sentindo ao pronunciar-lhe o nome o mesmo estremecimento incontido, a mesma vibração interior que os voluptuosos experimentam ao proferir o nome da mulher adorada. Amava tambem como poucos as gemmas custosas. Enchiam-n'ô de doce perturbação o venenoso encanto das esmeraldas de tons glaucos como as aguas lacustres e as folhas do aloes, a flamma inextinguivel dos diamantes, o roseo quasi carnal dos onyxes, a alma de ouro dos topazios, a ardencia febril das granadas, o arcoiris das opalas, as saphiras azues como as flores do linho, o sangue vivo dos carbunculos, a viuvez das amethystas roxas como as violetas orphãs de sol, as calcedonias preciosas como amuletos, a pupilla baça das turquezas e as sardonicas amadas dos gravadores florentinos, que as glorificavam com figuras de centauros e egipanos. Amava tambem o ouro sonoro como as risadas femininas e o desmaio voluptuoso das perolas, em que ha qualquer cousa da pallidez dos convalescentes.

Pensando no poeta Elysio, o enfermo teve uma forte palpitação interior ao recordar a religiosidade artistica, o claro poder de evocação, a

segurança representativa de linguagem e a alegria victoriosa d'esse espirito admiravel. Uma tarde — nunca Rogerio o esqueceria — seguiam os dois junto ao rio da terra natal, cujas aguas tinham a claridade opalina das jarras de Murano. Um diluvio de luz baixava sobre a relva macia como coxins de velludo. No alto, nuvens debruadas de purpura tinham fulgores de pedrarias caras. Sobre os montes errava uma diffusão de ambar e ouro. Todos os aspectos terrestres eram doces á vista como a nudez pura das estatuas. Esplendiam em torno flores subtilmente veidadas de sangue, sobre as quaes os insectos desmaiavam voluptuosamente, mortos de amor. Junto d'elles passou um pescador, cantando uma canção suave e rythmica como a onda, com uma voz ora doce como uma prece, ora agitada como uma caudal. Carregava sobre os hombros, como um despojo opimo, os peixes que roubára ao rio e que, pelos intersticios da rêde, brilhavam ao sol, palpitando ainda, em pequenos saltos serpentinos. E a voz do pescador, triste como uma elegia, tenue como um gemido que se extingue, parecia encher o ar de cousas luminosas e perfumadas. Ouvindo o canto maravilhoso, que o embriagava como o absyntho, Elysio exclamára, assaltado por uma recordação immortal:

— Ah! como esta voz, em que soluça toda uma grande queixa irreprimivel, vem relem-

brar-me a Italia, onde o canto anda por tudo esparso, como o ar que se respira, como a luz que vivifica!... Ainda acredito ouvir os camponezes italianos cantando, como os ouvi tantas vezes, nos dias de ouro da minha mocidade! Cantavam longos canticos, cheios de perguntas e respostas, verdadeiros dialogos musicaes. Era como se conversassem, em voz mais alta e mais rica de sonoridade que a das outras pessoas. Mergulhados no mar de trigo maduro, o que os tornava invisiveis, emprestando um doce mysterio a essas melodias limpidas e floridas, que pareciam brotar da terra fecunda e não de peitos humanos, cantavam longas horas sem interrupção. Cantavam, cheios de uma alegria dyonisiaca, celebrando, em rythmos impetuosos, os dias de sol, as delicias do trabalho, as bemaventuranças do amor. Cantavam em voz ampla, forte e segura, na qual, de onde a onde, passava um ligeiro accento religioso, como nas harmonias de Palestrina. As vozes dos homens alternavam com as das mulheres, n'uma absoluta regularidade, como se alguém regesse o côro invisivel. Ora os cantos começavam em voz quasi inaudivel, n'um *pianissimo* suave, e subiam pouco a pouco, attingindo uma agudeza extraordinaria; ora começavam com uma extraordinaria agudeza, para descer pouco a pouco, morrendo n'um suave *pianissimo*, em voz quasi inaudivel. De espaço a espaço, as boccas mas-

culinas emmudeciam, e as mulheres, isoladas, vocalisavam, com uma perfeição maravilhante, gorgעיando como as sopranos na celebre aria da *Lucia de Lamermoor*, de Donizzetti. No final as vozes dos segadores e das ceifeiras se reuniam, cantando a um só tempo com mais entusiasmo e vehemencia e as ultimas phrases eram ditas com toda a força de que os peitos juvenis dispunham. Os cantos tinham quasi sempre por thema os milagres realizados pela Madona da região, historias passionaes e velhas lendas cheias de demonios e assassinos. E eu, deliciado com a esplendida onda vocal, exclamava a meia voz: «Bello! Bello! Bello!» E cerrava os olhos para que nada me distrahisse, para ouvir melhor, para ouvir com a alma... Tinha a impressão de que esses hymnos ardentes me subiam do coração, ao envez de partir do grupo de camponios em frente. E sentia-os tão meus, tão meus, como se eu proprio os tivesse composto, como se corressem nas minhas veias de envolta com o meu sangue...

A voz do pescador diminuia á distancia, como a luz de uma lampada em que o oleo escasseia, como um incenso que se evola, como uma vida que morre.

Passando em seguida junto a um jardim, um vento roubador, após ter violado as flores virginaes, veiu até elles carregado de perfumes. Elysio respirou soffregamente a deliciosa fragrancia

e disse, com as narinas ainda frementes, como que cheio de um gozo inexprimível :

— Que prazer ! O aroma que o vento nos trouxe vem dizer-me que estou hoje n'um d'esses dias magnificos em que por todas as cousas sinto musicas de perfumes e em que tenho a impressão dulcissima de que a luz do sol, a agua dos rios, as pedras dos caminhos, os sons de um sino longinquo, tudo cheira divinamente, como as rosas e as boccas femininas...

Vendo um laranjal ondulante, onde os aureos pomos luziam, innumeraveis, como um pensil thesouro, Elysio falou commovidamente dos pomares da Italia :

— Ah ! os pomares do jardim do mundo, do mais bello sorriso da natureza ! Nem mil palavras pôdem exprimir-lhes o encanto inexprimível. Quem uma vez os contempla não mais esquecerá o esplendor das suas tintas, a delicia dos seus perfumes, o divino sabor dos fructos que os opulentam, tão suaves á caricia das mãos que os tocam, tão macios á pressão dos dentes que os mordem... Ninguem dirá com justeza a doçura dos pecegos, que, aos dedos que os entreabrem delicadamente, mostram a polpa avermelhada, tão cheirosa, tão pura e tão vivaz como a purpura olente de um labio de mulher ; o perturbante mysterio das maçãs, cheias da suggestiva attracção que lhes empresta a narrativa biblica ; a fresquidão consoladora das

peras côr de ambar, que quasi formam uma minuscula pyramide, um como triangulo cabalístico, umas de casca tão dura como uma couraça e outras de cutis tão fina que é difficil arrancar-a sem maguar a carne do fructo; o sabor intensamente espiritual dos morangos, que os artistas tanto amam; a fulgida riqueza das laranjas de ouro, cujo aroma é como um gole de agua pura. E as cerejas, tão rubras que nada ha que se lhes compare em vermelhidão, nem o pudor da aurora, nem o sangue dos coraes, nem a mais viva purpura de Tyro? Quando eu as levava á bocca, tinha a impressão de manchar os dedos, como se os tivesse mergulhado em lacca. E ao mordel-as eram como se mordesse uma carne sangrenta! Que delicia! Que delicia! E as romãs, que eu nunca pude partir com as mãos, porque sempre um desejo vehemente de leval-as logo aos labios me invadia e eu era forçado a fendel-as vorazmente com os dentes avidos de presas como aquellas? Ah! as romãs! Não semelham ellas ainda na romanzeira, quando os dedos da maturidade as entreabrem, bellos escriptorios carregados de rubis? E cada romã não encerra um pequeno mundo de suavidade e perfume, mais grato ao paladar que o licor fabricado pelos beneditinos? Ah! adoravel fructo, magnificamente coroado como um rei e cuja casca é um bronze rico de ouro, como a pelle dos arabes! E os figos de qualidades e côres

innumeraveis, tão impregnados de doçura que, quando amadurecidos, deixam escorrer pela pequena bocca que descerram assucar e mel crystallizados, secando no pé sem que a sanie os invada, adquirindo então um valor inestimavel, pelo delicioso sabor que contêm? E as ameixas tão perfeitas como as joias trabalhadas por Fran-
cia ou Ghiberti? E as uvas multiplas, de tantas fórmãs e matizes, umas de grossa epiderme e caldo espesso como um oleo; outras grandes e redondas, negras como um velludo caro; outras tão delicadas e sumarentas que se derretem na bocca, sem o auxilio dos dentes, como um confeito oriental? Ah! as fructas italianas! São tantas, tantas, e tão variadas na côr como um kaleidoscopio, tão suaves no cheiro como a pelle feminina, tão doces ao tacto como um marmore polido, tão gratas ao paladar como uma mistura de leite e baunilha!...

Foi assim que o tysico, olhando o mar, evocou a figura rutilante do poeta Elysio. E teve a impressão de vel-o de novo a seu lado, como quando o ardoroso estheta lhe falava da Italia idolatrada. Via-o bello e forte, apesar dos cincoenta annos que pezavam sobre elle, procurando em vão curvar com o ferreo guante a sua cabeça viril. Alto e direito como aos vinte annos, o seu vulto mostrava a magestade de um rei. Tinha uma maravilhosa cabeça de Christo, como o divino Théo, a bocca purpurea e cheia, á seme-

lhança de um fructo que jámais emmurchece, os cabellos copiosos e a barba loura, tocada aqui e alli de reflexos esbranquiçados, como um ouro velho. As suas mãos eram de uma fôrma e pequenez notaveis e pompeavam unhas do mais puro onyx, tratadas com apuro devéras aristocratico. O espirito d'aquelle homem conservava ainda a frescura da mocidade. Quando abria a bocca cheia de riso juvenil, entremostrando a humida alvura dos dentes, parecia illuminal-o a tocante alegria das creanças ante uma estampa multicôr.

Certo, ao retornar á terra natal, Rogerio iria encontral-o ainda junto á Berenice e á mãe piedosa. E a ancia de ouvir o poeta amigo fazia com que mais crescesse em seu sangue o desejo insistente de rever os doces sitios familiares em que a sua infancia deslisára limpida e suave como uma *arietta* de Salieri. Chegou até a acreditar-se na aldeiola querida. Os passaros davam-lhe as bôas vindas, jovialmente, entre risadas sonoras. As flores enviavam-lhe a amorosa saudação do seu perfume. A casa paterna, embora carregada de annos, alegrava-se ao vel-o, recebendo-o com um sorriso luminoso e acariciante. E elle corria, ancioso, como se tivesse azas nos pés, á feição de Hermés, até ser envolvido na quente ternura do abraço materno, no frescor matinal dos olhos da irmã e na eloquencia affectiva das palavras do poeta. E, em pre-

sença das creaturas abençoadas, o sol e a primavera voltavam ao seu coração.

Agora, a tarde morria n'uma lenta vaporação de violetas e amethystas. Sob a melancolia de um céu côr de chumbo, onde legiões de nuvens erravam, manchas de azeite e betume corriam á face das aguas. Os montes, que olham eternamente para o céu, recordando os bemaventurados em extase, corriam ao lado, como nas amphoras etruscas e nos retabulos preraphaelitas. Perto, brilhava uma teia de aranha, cujo tecido finissimo lembrava á luz crepuscular innumeradas filigranas de ouro pacientemente entretecidas. Uma embarcação cortava em frente o crystal harmonioso das vagas. Subito, a primeira estrella apontou na esphera, como uma lagrima de fogo.

Á noite, Rogerio poz-se a caminhar junto ás ondas, sob a serenidade pura dos astros, ouvindo a grande orchestra marinha. A lua esplendia no alto, como uma hostia n'um ciborio invertido, como uma opala n'uma taça de crystal azulado. Cada estrella era uma flor aérea, abrindo a maravilhosa corolla. A poeira da via-lactea alvejava. Todos os montes tinham a sua grinalda de constellações. O céu, dealbado pelo luar, lembrava um vidro embaciado por um halito ardente. E Rogerio, sob a palpação dos astros e junto ao embalo das vagas, evocou a terrivel amante.

Uma mulher vencêra-o na vida, uma mulher tão infame que a sua lembrança era uma profanação á castidade do luar. Lucilia (a diabolica amante tinha esse nome luminoso) pompeava a belleza assassina das Gorgonas e a sua carne, cheia de maleficios, era preciosa como as telas de Rubens. O seu corpo mostrava latescencias de lua, que o encadeamento das veias estriava subtilmente de azul, e era semelhante aos corpos que Polycleto trabalhou em marmore pallido. A sua cabelleira em anneis, penteada como a dos pagens medievaes, recordava um meio-dia flammejante, uma nuvem de ouro, um circulo de chammas. Tinha a fronte redonda como a de Mona Lisa e os olhos cheios de cambiantes, como as opalas furta-côres, ora fulvos, ora cinzentos. O bistre sensual das olheiras parecia engrandecel-os. A sua bocca recordava a polpa rija e sumarenta de um fructo. Era recurva como a das figuras de Correggio e errava n'ella o frescor dos lyrios vermelhos. Beijal-a era beber um vinho cem vezes mais inebriante que os de Sicilia e Massico. O seu riso tinia docemente, como uma moeda de prata cahindo sobre uma meza de marmore. A sua voz era doce ao ouvido, como essas musicas ouvidas uma só vez, de que se relembra, de onde a onde, um vago accordo, uma nota destacada. Todas as suas palavras eram perturbantes como beijos e havia n'ellas uma caricia quasi carnal. Na sua nuca cheirosa e

clara havia um mundo de sensualidade. Os seus braços tinham a pureza das azas de uma amphora antiga e quando cingiam a Rogerio, nas horas de embriaguez voluptuosa, dava-lhe a idéa de guirlandas de rosas humedecidas pelas lagrimas do sereno. Nas suas mãos havia a brancura do linho e a maciez das plumas de uma garça. O concavo da sua axilla, onde fios jaldes se enroscavam, era um calix de flor cheio do aureo pollen. No sitio em que terminava o seu ventre perfeito como um escudo de marfim, brilhava uma delicadissima trama triangular, que lembrava um fragmento do vello de ouro fabuloso, com a conformação de uma folha de parra. Tinha o passo ondulante, como que cheio de musicas.

Rogerio encontrára a accidentalmente n'uma tarde de Setembro e fôra dominado pelos philtros que a primavera, a cumplice do amor, mistura á ardencia de sangue dos que têm vinte annos. Uma paixão fulminea apoderou-se d'elle. Por vezes, máo grado o surdo egoismo que adinvinhava em Lucilia, o moço chegou a suppor-se amado. Victima de uma comedia sentimental, acreditou nas astucias de serpente da feroz corruptora.

Como ella sabia vibrar aos seus beijos! Vibrava como uma flor quando o vento lhe arranca a alma perfumada, ou como um violino quando o arco o fere, roubando-lhe as mais secretas me-

lodias. E elle nunca se saciára de sua belleza dominadora. Rosa do inferno! Nenhuma outra tinha como ella a arte soberana das caricias que fazem desfallecer o coração, nenhuma como ella sabia ministrar os toxicos da concupiscencia. Os seus beijos davam a morte, depois de terem dado a loucura. Que o dissesse Rogerio! Ah! quando o joven a gozava, na epoca em que se suppunha verdadeiramente amado, em que a acreditava sua até á morte, tamanho era o prestigio fatal d'aquella formosura, que elle ficava pallido e tremulo, como os russos quando os sacode a «colera branca». Sentia que as suas arterias batião, como as azas dos passaros no vôo. E ella, em verdadeiros festins de voluptia, cheia de todos os artificios da luxuria, de todos os refinamentos sexuaes, só o deixava quando elle tombava, «cansado mas não saciado», no leito que era a um só tempo o leito do amor e da morte. Atirava-se-lhe essa mulher nos braços de tal maneira, nas praticas da sensualidade, com o cio das caddellas, suspirando e gemendo como se fosse morrer, que elle tinha a impressão de que se ia realizar pela segunda vez, nos seus corpos e nas suas almas, o mysterio de Hermaphrodita.

Para não irritar a selvagem amante, Rogerio era forçado a supportar tambem o contacto ascoroso do pae de Lucilia, um velho hediondo que, tendo sido guarda de um cemiterio, fôra accusado de necrophilia. O physico d'esse cra-

pula era repellente como uma phrase de calão ou um gesto obsceno. Tinha os olhos obliquos, as sobrancelhas espessas, a voz cortante como uma serra e o pescoço semelhante ao dos perús e das tartarugas. As suas faces de argilla porosa, sem uma contracção, sem um movimento, lembravam as das figuras grosseiras trabalhadas em lenho. Quando comia, os seus dentes agudos de carnívoro chocavam-se com estrondo, negreando no arco das gengivas côr de zarcão.

Quanto Rogerio soffreu n'esse ambiente de miseria e torpeza! E tinha vinte annos sómente! Apodrecia em plena mocidade, na quadra cheia de sol em que os espiritos fortes trabalham alegremente. No mar morto de sua existencia só lhe dava ainda uma intensa vibração a vergonha de seu desejo carnal. Tinha vinte annos sómente, mas era como se tivesse cem annos. Os seus cabellos embranqueciam prematuramente e as suas mãos tinham um tremor convulsivo, como se o delirio alcoolico lhe sacudisse as carnes. E sentia que a amante havia de atiral-o ao esterquilinio, como a uma cousa immunda. Por vezes, chegava a acreditar que trazia dentro da alma um pantano, cujas exalações o entonteciam e perturbavam, deixando-o mais pallido que um agonisante.

N'essa epoca, se pegava de um livro, após ter voltado innumeradas paginas, ao coordenar as idéas, não lembrava um só vocabulo de tudo o

que julgára ler. Andava longas horas pelas ruas a esmo, como um bebado ou como um jogador a quem alguns pedaços de papelão pintado roubaram os derradeiros haveres. Esbarrava nos transeuntes e via tudo indistincto, vago, quasi irreal, como atravez de um nevoeiro.

Muitas vezes teve desejo de abandonar a amante selvagem, de gritar-lhe allucinadamente: «Deixa-me e parte! Entrega a tua mocidade a outro amor!...» Teve mesmo impetos de matá-la, de destruir essa mulher bella e embriagadora como a malvazia, esse terrivel instrumento de gozo, á maneira dos convivas romanos que, depois de beber, inutilisavam a taça. Mas nada podia fazer. Era como uma creança irresoluta que tudo quer e tudo repelle a um só tempo.

Depois, a amante deu-lhe uma filha, uma menina prodigiosamente bella, cuja alma era por certo feita de perfume como a das flores e de melodia como a das aves. Lembrava os baminos das telas do seculo XVI. Os seus cabellos eram longos e dourados como raios do sol e cahiam-lhe sobre os hombros em cachos, odorantes como os cachos das acacias, dando idéa da cabelleira dos anjos pintados pelos Primitivos. Os seus olhos eram duas esmeraldas incorruptiveis, dois milagres de côr e suavidade. Essa creança morrêra aos tres annos de idade. Rogério lembrava-a ainda commovidamente, mas ás vezes chegava a duvidar da segurança de sua

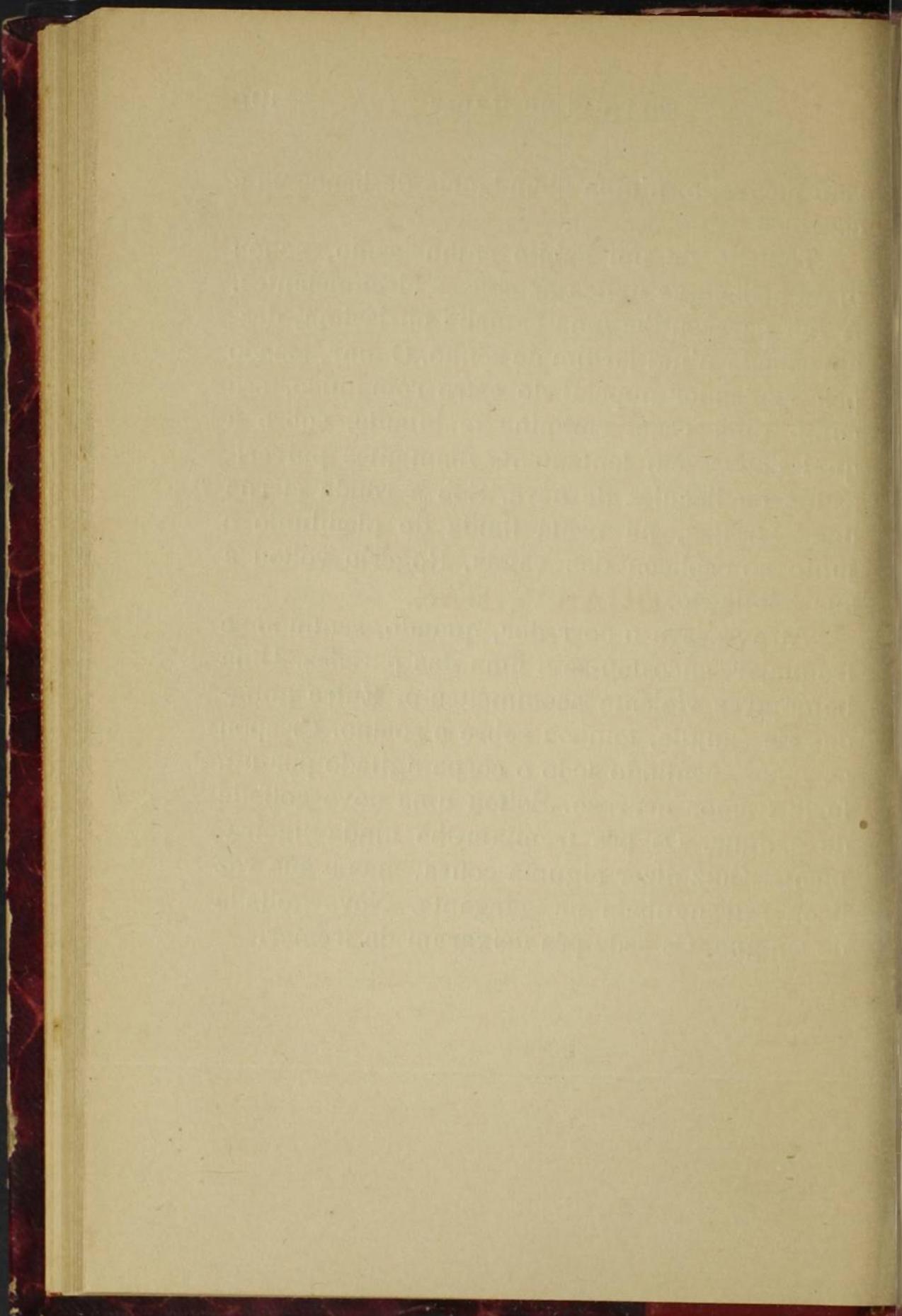
paternidade. Como poderia saber se essa creança era sua filha, dado o character perfido de Lucilia? E essa duvida incendiava-lhe o coração quando o seu espirito se voltava para os dias mortos. De onde a onde, lamentava que sua filhinha não mais vivesse... «Mas não! — pensava —. Bemdita a angina que em tres dias a asphyxiou, levando-a da casa maldita, empestada pelas ignominias da amante. Talvez que, cedendo á força irresistivel da hereditariedade, viesse a ser tão infame quanto aquella que a puzera no mundo.»

E um dia, aos primeiros symptomas da molestia de Rogerio, a amante abandonára-o. Elle, no emtanto, não pudera ainda esquecer-a. E a lembrança d'essa mulher, impregnada de um forte perfume de violeta, o seu perfume predilecto, exercia sobre elle um despotismo atroz. A sua alma tinha agora a desolação silenciosa das ruinas e dos pantanos. Ficára só com a sua tristeza, como o cadaver de um enforcado, ainda pendente da corda, fica só com o corvo que lhe vae dilacerar as entranhas. E — vergonha da carne — ainda desejava aquella mulher. Quanto mais a sabia infame, tanto mais a desejava... Na tristeza do seu sonho cahido na lama, só a mãe caridosa, a candida irmã e o poeta amigo poderiam confortal-o, fazendo com que elle ainda gozasse o seu logar ao sol, como tantos outros. E mais uma vez a lembrança da terra natal

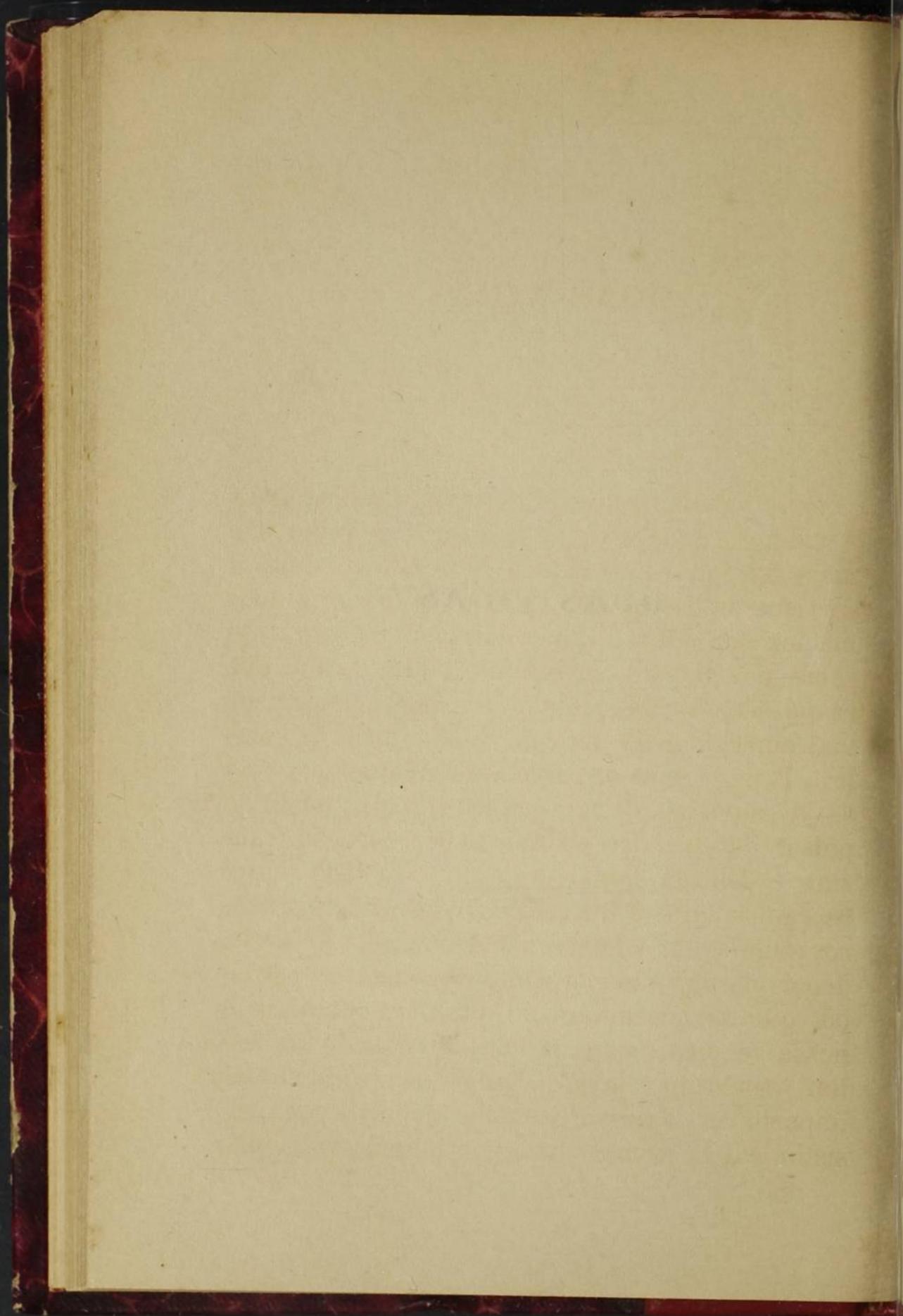
veiu alegrial-o, n'uma abundancia de bençams e consolos.

Tomado de um subito enthusiasmo, achou mais bellas que nunca as cousas circumstantes. A lua pareceu-lhe uma camelia purissima, desabrochada n'um jardim de sonho. O mar, tocado pelo esplendor nupcial do astro romantico, era como uma vasta campina ondulante, sobre a qual chovessem lentamente diamantes pulverizados ou floculos de neve. Sob a ronda eterna das estrellas, na prata fluida do plenilunio e junto ao orpheon das vagas, Rogerio voltou á sua habitação.

Atravessava o corredor, quando, sentindo-se fraquejar, encostou-se a uma das paredes. Uma hemoptyse violenta acommetteu-o. Entre golfadas de sangue, tombou sobre o soalho. Crispou as mãos, sentindo todo o corpo agitado por um forte tremor nervoso. Soltou uma nova golfada de sangue. Os pés tremiam-lhe ainda ligeiramente. Quiz dizer alguma cousa, mas a sua voz ficou estrangulada na garganta. Nova golfada de sangue. Os seus pés deixaram de tremer.



DUAS VIDAS



a vi
maisi
surti
m
sobr
reap
luz
bra
se p
pule
zino
os
ros
dep
las
nos
tim
im
sis

DUAS VIDAS

«... Quando sahimos do templo unidos para a vida, fóra deixára de chover e o vento não mais estrondava. A altura, gozando os ultimos sorrisos da primavera extincta, tinha uma doce maciez por onde o olhar corria como um dedo sobre um velludo caro. Sob o halito do sol, que reapparecêra, as collinas ao longe, cheias de luz, emergiam da planicie, ainda cheia de sombra. E eu beijava-a, beijava-a longamente, como se já estivessemos na camara nupcial, sentindo pulsar de encontro ao meu o seu coração franzino e delicado como um lyrio. Ao lado, entre os ramos que os tornavam invisiveis, os passaros plagiavam Cimarosa e Pergolesi. A' noite, depois de um passeio pelo campo, sob as estrelas que se accendiam no alto para illuminar a nossa ventura, como as luzes da sala de um festim, celebrámos a sós, longe das companhias importunas, o nosso banquete nupcial, que consistiu em bebermos duas garrafas de um vinho

côr de ambar, em que havia ouro, sol e mel, um deleitoso orvalho de fogo e perolas ardentes, que soube ao meu paladar tão deliciosamente quanto o sangue das virgens ao paladar dos vampiros.

Lembras-te? Ha alguns mezes apenas disse-te eu n'uma hora de hypocondria feroz, que na vida só me restava o amor do vinho... Mas, como todos os que abusam d'esse amor têm, após as noites de embriaguez, necessidade de um cantaro de agua fresca, abandonei a copa empampanada e fiquei bebendo, a longos tragos, n'uma fonte pura e translucida. Hasde extranhar a calma d'esta linguagem no poeta rebellado que, não ha muito, em tua companhia, nas suas horas de sanatismo, de pé sobre os rochedos, á orilha dos mares polyphonicos, ou sobre as montanhas, proximo aos céus, amaldiçoava as estrellas... E os bellos sonhos que tanta vez sonhámos juntos? Certo ainda não esqueceste o intento que tive de suggerir ao governo a criação de um theatro exclusivamente destinado a representações gratuitas das producções dos grandes tragicos hellenos, para que a plebe sadia e forte, que tem muito mais senso esthetico que os pretendidos dilettantes, pudesse fremir de entusiasmo ante a potencia miguelangelesca de Eschylo, Sophocles e Euripides. Teriamos dest'arte, em pleno tumulto da vida egoistica de hoje, o magnifico favor que os tyrannos de Athenas concediam aos cidadãos pobres, dando-lhes o

theoricon, ou o obulo dos espectaculos, para que assistissem ás representações dramaticas nas festas dyonisiacas. Recordas-te ainda do teu desejo fremente de organizar uma orchestra destinada a executar exclusivamente as composições de Wagner, o oceanico reformador? Quando me falavas d'essa tua aspiração atormentada, era tal a evidencia representativa da tua linguagem, era tal o calor nervoso dos teus gestos animadores, que eu tinha a impressão de sentir-te á frente da orchestra, interpretando os prodigios do revelador de Bayreuth. Com que convicção artistica, com que desvairamento sublime, com que fascinação sobre os musicos que dirigias, com que imperio sobre o publico eras visto riscando o ar com a batuta irrequieta, melodiosa na sua mudez como uma flauta, as veias da mão inchadas e distendidas pelo esforço, como tocado de um fremito divino! Parecias transfigurado, como que tendo em derredor innumeradas linguas de fogo, como que arrebatado por uma nuvem flammejante ou pelo hypogripho fabuloso. O teu corpo quasi que desaparecia entre a floresta de violinos, violas e violoncellos, entre as serpentes enroscadas dos instrumentos de sopro, o ebano marchetado de ouro das flautas, as harpas curvas como arcos amazonicos, os pratos concavos, os tambores bellisonos. E nos sitios mais intensos da obra do mestre uma forte commoção te sacudia e tu ficavas todo tremente,

como se um terror sagrado te invadissem, ficavas abraçado por um incendio implacavel, com os olhos rindo e chorando a um só tempo, inebriados nas miraculosas apparencias de vida que as creações wagnerianas assumiam. Era assim que eu te via, no meu insano extravar, dirigindo a execução da prothophonia do *Tannhauser*, do grande duetto de amor do *Tristão e Isolda* e do ultimo acto dos *Mestres Cantores*. E os meus enternecidos louvores á alegria de viver? «A nossa lei suprema — quantas vezes t'o disse — deve ser a dos gregos immortaes: gozar ardentemente, a todo o instante e de todos os modos. Façamos da vida uma continua festa pagã e que as noticias que, de onde a onde, nos derem da morte de um parente ou da perda de qualquer bem terrestre fugitivo não consigam perturbar esse banquete ininterrupto, como não foram perturbados os sacrificios e as dansas sagradas que Sparta celebrava quando recebeu a tragica nova da derrota de seus filhos na batalha de Leuctres. Celebremos, n'uma admiração impetuosa, as bellas flores da arte hellenica, cujos perfumes ainda hoje os artistas respiram inebriados. Amemos todas as cousas inspiradoras em que palpita o rythmo da verdadeira belleza. Vivamos como sabiam viver os italianos da Renascença, dormindo sobre os seios de martim das mais formosas mulheres, bebendo todos os vinhos e ouvindo todas as musicas voluptuosas. Adore-

mos a vida, fazendo-a grande, altiva e forte! » N'essa epoca, como a anemona, que só brota ao vento, a minha alma só podia viver, galharda e destemerosa, no turbilhão dos combates estrepitantes. Mas acabei por ter uma ardente necessidade de amor, de esquecimento e de paz.

Foi cheio d'esse desejo que procurei a minha aldeiola natal e ahi permaneci muitos mezes, longe de tudo e de todos, n'um formoso casinholo pinturilado de côres vivas, á orla de uma floresta druidica, onde a alegria verde das plantas cantava sob o esplendor azul dos céus. Tinha em minha companhia uma velha creada de meus paes, de aspecto austero e duro, com o olhar carregado de ameaças, o nariz pendente sobre a bocca, os labios grossos e o queixo alongado. Essa mulher, de alma crystallina e generosa, máo grado a severidade de sua apparencia, contava-me, nas noites invernosas, doces historias ricas de principes encantados, de fadas dadivosas e de gnomos maleficos, que me deleitavam ainda, como nos tempos de creança. Alheio á preamar da vida litteraria, passava os dias ao ar livre, no jardim de minha habitação, sob a tremulina das folhas, ora deliciando-me com a scenographia da paysagem, ora contemplando amorosamente o velario da altura, onde as nuvens se esgarçavam, vaporisando-se com tonalidades surdas de agatha, com vagos brilhos de aguarella. Seguia, de olhos extasiados, os effei-

tos pinturescos do sol, os multiplos jogos da luz alternando com a sombra na relva doce á preguiça como o velludo dos divans. De onde a onde acarinhava a minha bella gata de pello vellutino, carnes cheias de morbidez como a das mulheres vencidas pela luxuria e olhos semelhantes a dois discos de turmalina verde tocados de reflexos de ouro.

N'uma tarde de primavera seguia eu por uma rua do povoado, ladeirenta e estortegada, entre as arvores múrmuras, em cuja cabelleira o sol atirava gemmas custosas, sob o vôo palpitante das andorinhas, que riscavam o azul, velozes como dardos, quando encontrei uma formosa adolescente, que, como a Beatriz do Dante, na *Vita Nuova*, seguia, toda de branco, ao lado de algumas amigas, para uma pequena festa aldeã. Era de uma belleza delicada como a das virgens preraphaelitas e tinha a aurora nos olhos virginaes. Falei-lhe e os seus labios gorgeantes desabrocharam em palavras enternecidas, que me cantaram na alma como caricias. N'essa hora inolvidavel senti entre as minhas mãos, como uma urna de crystal cheia de especiarias caras, o mais gentil espirito de mulher, a mais bella alma de enamorada. E o meu coração bebeu todo o encanto da suave creatura, como no verão as terras sedentadas sorvem gulosamente a agua das chuvas. Desde então o amor perfumou-me a vida, enchendo-a de todos os germens

da primavera. E hontem, depois de um mez de alegre noivado, casámo-nos, unimo-nos para a vida.

Já compuz um epitaphio para os meus dias de loucura e pretendo trabalhar um epithalamio, repassado de ternura, que tu musicarás.

Tenho tido uma saudade profunda do mar, o nosso grande e velho amigo. Caso estejas com elle antes de mim, dá-lhe lembranças minhas. Que o semi-deus do *Lohengrin* seja contigo e a inspiração jámais te abandone! Do teu irmão — *Aristides.*»

Folheando uma partitura de Wagner, o musicista Virgilio encontrára casualmente essa carta do poeta Aristides, que lh'a enviára mezes antes. Releu as suas ultimas paginas e sentiu ao fazel-o um forte desejo de ver e ouvir de novo o artista amigo, a quem de ha muito o ligava uma camaradagem devéras fraterna.

E no dia seguinte, mal a luz da aurora, que para a natureza é como uma agua baptismal, começava a ferir e a ensanguentar os valles, tomando de assalto toda a terra, Virgilio seguiu para o eremiterio do poeta. Em caminho, abraçava com o olhar todas as cousas circumstantes, bebendo o canto dos passaros, a luz renascente, a frescura matinal e o cheiro das plantas, que pareciam formar um só todo harmonioso, tanta era a unidade que as entrelaçava. A treva dissolvera-se com a apparição do sol e de betume

que era, como por effeitos magicos, transformára-se no ambar mais puro. Não mais se ouvia o tumulto dos ventos que tinham rugido nos ultimos dias do inverno. Agora, a aragem era suave como os *tremolos* de um violino. Ao fundo, uma floresta intrincada, prenhe de escuridão, porque a aurora a não conseguira violar, pretendia ennegrecer o horizonte, opulento de luzes e côres como as telas de Giorgione. E o musico seguia junto aos longos fustes das arvores, cujas ramagens atiravam sobre o dorso das rochas negras o xairol de sua sombra, movediça como as ondas. Os flabellos das palmeiras tremulavam dentro da luz gloriosa. De longe em longe, os bambuaes recurvos, que o pincel da primavera cobrira de tintas vivazes, conjugavam-se no alto, á feição de arcarias vegetaes.

Passou junto a um velho parque abandonado, onde uma grande casa se esbroava, cheia de sombras de lepra e de tons arroxeados de gangrena. Outr'ora essa casa fôra sumptuosa e arrogante como uma cortezã nos dias de grandeza, e agora era como uma cortezã que envelheceu. Tinha a apparencia de uma vasta catacumba e ao vel-a a alma se enchia de turbação, como ante o aspecto de todas as cousas caducas. O parque estava forrado de uma chuva de petalas concavas, que o debil respiro da aura arrancára aos jasmineiros, despojando-os das dadivas opimas com que Setembro os enriquecêra. Nas

suas aléas, insultadas pelo tempo e pelos homens, subiam, á luz victoriosa, estatuas mancas ou acephalas, talhadas em marmore branco, sobre plinthos cobertos de manchas de ferrugem, entre musgos e lichens. Como uma cousa lamentavel, junto á morbidez das rosas brancas, uma tartaruga arrastava-se penosamente, com a sua concha rugosa, semelhante a um broquel guerreiro cheio de incisões. N'um tanque as nymphéas fluctuavam, innumeraveis, velando os espelhamentos da agua. Aves, prodigas de cavatinas, vocalisavam pelas ramas. Morriam em torno aromas de violetas, adoçando o ar, como uma palavra cariciosa. As fructas saborosas, como offertas votivas da natureza, debruçavam-se sobre um muro em ruinas, que as plantas trepadeiras, em curvas serpentinadas, em contorsões nervosas, escalavam, mostrando as suas flores campanuladas. Rompendo a musselina das nevoas, o sol faiscava sobre os montes violaceos, ardente como uma estrophe dannunziana.

Avisinhando-se de uma casa azul, que esplendia á sombra de um fresco pomar, como uma saphira n'um escriptorio de velludo, Virgilio sentiu que a alma se lhe enchia de jubilo, como um frasco que se enche de aromas, ao lembrar-se da creatura adorada que alli habitava com o esposo e os filhos. Encontrára-a a vez primeira n'uma festa de arte em que elle devia executar

ao piano um *Capriccio* de Scarlatti. Vira-a fugitivamente, mal tocando a terra, quasi impalpavel, como as sylphides no bailado da *Damnation de Faust*, de Berlioz. O moço seguira-a, como se ella fosse a gloria prometida. Pouco depois, conseguiu falar-lhe, esforçando-se para que a voz lhe sahisse firme e segura, tão proximo a ella que lhe sorvia, gole a gole, a respiração perfumada, como uma malvazia suavissima. E olhava-a. Ella trazia constellações de pedrarias caras sobre o collo de uma brancura irradiante e pentes finos cravavam a dentadura aguçada nos seus cabellos, que lhe desciam sobre as orelhas n'um arco voluptuoso, como os de Lucrecia Crivelli na tela leonardesca. Toda ella era fresca como um campo florido. No carcere das roupas que envolviam a deliciosa mulher, o seu corpo modelar rescendia como um fructo sazonado. Era como uma divina taça de carne cheia do vinho da mocidade. Tinha a saude a cantar-lhe no sangue e o sol da vida a esplender-lhe nos olhos verdes como o absyntho. O seu nariz, como o das esculpturas antigas, formava uma só peça com a fronte. A sua bocca, especialmente, era de uma belleza não sonhada. Sinuosa e humida, como que coberta de um finissimo oleo aromado, lembrava uma flor malefica, de aphrodisiacos encantos. Mas essa bocca, de apparencia diabolica, falou-lhe e, ás phrases que d'ella partiam, parecia transfigurar-se, fi-

cando como um lyrio purissimo. E elle que, corrompido pelo desejo e pelos sonhos innominaveis, viera para a esplendida desconhecida com a sensualidade de um fauno esfomeado de carnes saborosas, elle que ao fital-a tivera a impressão de sentir um beijo afluente ou uma caricia avelludada, ouvindo-lhe agora a voz de ouro, mais doce do que as melodias napolitanas, comprehendeu que a alma d'essa mulher era pura como os astros. Pouco antes o artista mal resistira á vertigem que o assaltára de beijar o collo semi-nú da estonteante creatura, ousadamente, em plena festa, entre os innumerados convidados, sem que nada receiasse, mas, vencido pelo contagio benefico de tanta pureza occulta em apparencia impura, como ás vezes um suave cheiro parte de uma flor sangrenta, só poude offerecer-lhe uma rosa, muda e recolhidamente, com o ar tocante de quem cumpre um voto. E, depois de ter inebriado o auditorio com o melancolico languor da musica de Scarlatti, Virgilio partiu, desolado como a alma do oceano, seguindo junto aos montes mascarados pela treva, dentro da noite cheia de enigmas, sob um céu ironico e desapiedado, sem um consolo, sem um sorriso, sem uma bençã, mas carregado de coleras, de ameaças e de traições. Não procurou nunca falar áquella mulher, nem jámais lhe escreveu uma só linha. Mais tarde soube que era casada e, sem que d'isso fizesse alarde, de uma

alta pureza de sentimento, um verdadeiro «Vas spirituale», como a chamára um poeta amigo n'uma estrophe canora. Quando nasceu o primeiro filho á adorada creatura, o musico, sempre que o encontrava, beijava-o, beijava-o longamente, cheio de um enterhecimento quasi paterno, chorando ao deixal-o, possuido de uma alegria jámais sentida d'antes, que lhe dilatava a alma torturada.

E n'essa manhã formosissima, exuberante de sol primaveril, passando junto á casa da mulher amada, em busca do eremiterio do irmão, Virgilio deixou-se ficar contemplando algum tempo uma fôrma branca, quasi irreall, que, coberta de uma leve poeira de ouro, apparecia ao fundo, sob o tecto das arvores, entre creanças alouradas, como a Madona cercada de cherubins nos quadros de Sandro Botticelli. Mas, subito, como se o invadissem o receio de praticar um sacrilegio, fugiu d'alli allucinadamente, espantando um casal de pombos que noivavam sobre a relva e que invadiram, rapidos, o imperio do ar, n'uma palpitação de arrulhos e de côres, furando o azul com as azas tringulares.

Após o jantar, os dois amigos resolveram dar um passeio a cavallo pelas immediações da aldeia. Seguiam conversando, sob as hesitações da luz crepuscular, que acariciava as aves e as flores, junto ás aguas cheias de cambiantes.

A areia dos caminhos tinha um brilho cegador de mica pulverisada. Nодоas louras vagavam ainda sobre a relva. A luz do occaso punha ephemericos fuzis na desolação das rochas estereis, que lembravam extranhos idolos barbaros. Todas as cousas gozavam deliciadas os restos da caridade da luz solar. Passando junto de um jardim, mergulharam n'um banho aromado, n'uma frescura balsamica, que os inebriou como um halito de mulher. Sob a faiança dos céus, a vida aromal das flores esplendia, mostrandoas tintas mais ardentes e as tonalidades mais desmaiadas, as gradações mais vivas e as mais suaves. Todo esse esplendor polychromo formava como uma musica embriagante, que era a verdadeira melodia da primavera. Havia alli flores de todas as fórmãs, de todas os matizes, de todos os perfumes, flores de seda e de velludo, flores de calix estrellado, de aurea coma, de petalas de prata fosca, flores de ambar e de açafirão, flores acobreadas, flores verdes como os beryllos, roseas como a carne das virgens, azues como o fundo dos retabulos de Veroneso. Umas eram languidas, amorosas, sentimentaes, sonhadoras e mysticas. Tinham sorrisos multicores, lembrando rendilhados de espuma, discos lunares, taças de coral, opalas leitosas, hostias immaculas, alvuras nupciaes, urnas de incenso, patenas de ouro, custodias lavradas, os mais bellos emblemas liturgicos. Outras eram perversas, aristocraticas,

hypocritas e orgulhosas, recordando gemmas custosas, cortezãs de labios pintados, sequins reluzentes, simarras de purpura, flammæ impetuosas, bocças sensuaes, nodoas de sangue. Algumas d'ellas, após terem brilhado um só dia, com todo o orgulho primaveril, agonisavam agora, envenenadas pelo proprio aroma. Pondo uma nota melancolica n'essa guirlanda maravilhosa, n'essa quente symphonia de côres, n'esse oceano de perfumes, pendiam sobre a relva, murchas como os seios das sexagenarias. E a apaixonada languidez das flores, que ao expirar exhalavam todo o seu aroma, como n'um triste adeus, entontecia os dois artistas, á semelhança de uma bebida demasiado forte. Uma aragem afagante deslisava entre os rosaes. Perito, n'uma fonte, a agua, a alma liquida da terra, tinha uns doces balbucios. E os dois artistas seguiam por sob o pallio abrigador das arvores, onde o fremito das folhas lanceoladas casava-se aos assobios dos passaros. Virgilio e Aristides conversavam.

— Pobre de tua esposa ! dizia Virgilio. Creio que está irremediavelmente perdida...

— Infelizmente não te enganas, respondeu-lhe o poeta. Consultei varios medicos e todos elles são accordes em affirmar que o seu mal é sem reparo... Soffre de uma tuberculose devoradora, que em menos de um anno ha de leval-a ao tumulo... Pobre creança ! Viste como ella

está? Pois não ha um mez que adoeceu... E já tem o aspecto de uma agonisante. Não sei dizer como isto foi! O que sei é que dentro em muito breve hei de perdê-la para sempre, para sempre!...

Uma torrente de tristeza invadiu a alma de Aristides ao dizer essas palavras e a sua voz abarytonou-se, enchendo-se de sombra, como se um véu espesso a envolvesse. O veneno da tristeza mordia-lhe as carnes. Sob a perola diluida do crepusculo, um camponio, vergando ao pezo de um fardo, passou junto d'elles, como uma cariatide, seguido de uma gracil adolescente, que trazia á cabeça uma cesta de flores, á feição de uma canephora. O poeta a muito custo poude proseguir instantes depois:

— Ah! tu não podes calcular como aquella creatura é boa e terna! Viste como os seus labios, mesmo quando ella silencia, dizem mil ternuras na mudez das suas linhas? Para alegrar-me nas minhas horas de provação, máo grado a molestia que a consome, tem a bocca transbordante de sorriso juvenil, como um calix de flor transbordante de sol. E esse sorriso, que a transfigura toda, é para mim como um cordial beneficio. Os seus olhos mostram a transparencia da agua clara e n'elles uma caricia brilha continuamente, como um cyrio votivo. A sua voz, sempre que ella me afaga com o frescor de suas palavras é suave como as chromatizações de um

violino. Tenho a impressão de que todas as rosas da primavera perfumam a sua alma e de que o seu amor me envolve n'um fulgor de apothese. Ah! só ella conseguiu purificar-me e fazer com que eu esquecesse as mulheres ferozes, de olhos lubricos e viciosos, de carnes cheias de meneios de cobra e sacudidas por uma volupia selvagem, as hetairas avidas de gozos inconfessaveis, cujos beijos intoxicam como os aromas, as dansas, os vinhos e o jogo! Nunca trabalhei com tanta abundancia e felicidade quanto depois que a conheci, nunca fui tão favorecido pela inspiração! E hei de perdê-la dentro de poucos dias... Morrerá talvez amanhã... Ah! quanto é pura! Todas as manhãs fica em contemplação diante de uma Virgem de Giotto que tenho em meu quarto, extatica, parecendo rever na casta belleza de Maria a sua belleza casta, como n'um espelho miraculoso! Quando a vejo assim sinto que a minha alma é balançada no mais puro amor, como n'uma rede de ouro suavissima. E breve tudo acabará! O doce poema será truncado pela morte... Hoje, antes de chegares, quando eu a procurava confortar na sua angustia com algumas palavras de alento, religiosamente, como se orasse em voz alta, ella, talvez para illudir-se, disse-me que se sentia muito melhor, que dentro em pouco estaria totalmente curada... Ouvindo-a, eu sentia que as lagrimas me subiam do coração e a custo podia impedir

que ellas me saltassem dos olhos... Mas a minha alma chorava, chorava como se já a visse no ataúde, entre os cyrios ardentes, com as mãos conjugadas sobre o peito e as palpebras violáceas descidas suavemente... E assim será, talvez amanhã... E hei de perdê-la para sempre, para sempre!

Anoitecia lentamente. Como n'um esboço a lapis de um grande mestre, as cousas surgiam agora ao fundo confusas, indistinctas, perdendo o contorno da fuligem da treva, na tenue fumaça da noite, que enchia aos poucos a calotta de crystal da altura. A primeira estrella lucilava entre nuvens. Sob os ultimos fogos crepusculares, passou cantando a alguns passos uma mulher bronzeada como as zingaras e em cuja pelle acobreada havia os reflexos de ouro das figuras de Verrocchio. Para afastar o poeta da floresta dos pensamentos negros, disse-lhe Virgilio:

— Na carta em que me communicaste o teu casamento falaste-me tambem do nosso grande e velho amigo o mar. Pois ainda o não vi. E tu já estiveste acaso com elle?

— Não. Tive muitas vezes desejo de procurá-lo e até intentei passar algum tempo com minha esposa na casa da tia Francisca, que fica situada em frente ao Atlantico. Mas a doce creatura oppoz-se á realização d'esse projecto. Como sabes, nasci no oceano, junto á costa, no mesmo sitio em que annos antes morrêra um grande

poeta que, de volta da França, já divisava, tremulo de emoção, a terra amada, quando a embarcação, indo de encontro a uns rochedos que as aguas occultavam perfidamente, sossobrou, sem que o infeliz se pudesse salvar como os demais, porque, tysico em ultimo gráo, nem forças teve para vencer a nado a pequena distancia que o separava do porto. Pois desde que soube do meu singular nascimento, a pobre enferma, ao que me disse, foi invadida pelo presentimento de que eu morreria no mar em que nasci, de que o mar reclama o corpo que n'elle surgiu para a vida. E sempre que falo em rever o Atlantico, ella protesta tenazmente, dizendo que jámais permittirá que eu me approxime do horrivel devorador... E é inexprimivel a saudade que n'estes ultimos tempos tenho tido do nosso grande e velho amigo... De resto, — nunca o disse a minha esposa, porque receio entristecel-a, mas tu bem o sabes, — nada me seria tão grato quanto morrer no oceano... Quando ouço a narrativa de um naufragio, sinto que a minha alma se enche de jubilo, como um tonel se enche de mosto na epoca da colheita das uvas... Ah! morrer no mar, como Percy Shelley, o divino Ariel! Onde uma morte mais bella e gloriosa? Ah! morrer no mar!... Sentir todo o corpo abraçado voluptuosamente pelas vagas, ora azues como as saphiras, ora verdes como as folhas do loureiro, descer ao coração do oceano e ahi ficar

entre selvas de coraes, florações phantasticas de polypos, cabelleiras de algas errantes, medusas violaceas, esmaltes de conchas irisadas e grandes peixes de ouro e prata... Morrer no mar!... Morrer no mar!...

— E se fossemos agora ver o Atlantico? suggeriu Virgilio.

O poeta accedeu, n'um transporte de alegria. Alguns kilometros adiante, abandonaram a estrada larga e entraram n'um caminho estreito e pedregoso, que se dirigia para o oceano, com os cavallos galopando furiosamente, porque temiam que a noite avançasse antes do regresso á casa de Aristides, o que encheria de inquietação a pobre esposa enferma. Fugiam entre as arvores, em cuja copa a treva ainda mais se adensava, cheios d'esse exaltamento que só os artistas jovens pôdem experimentar em taes occasiões, dando a idéa de dois salteadores perseguidos. As patas dos cavallos faziam estalar a areia e as folhas seccas do caminho, acordando os echos adormecidos. As montanhas longinquas lembravam grandes albarrans, ou rochedos collosaes de perfil torturado e vertice audacioso, entre os quaes pareciam boquiabrir fundos abysmos, escancarando a desmedida guela.

Subito, ouviram uma grande voz desolada e profunda, como se todas as ancias e todas as desillusões humanas gemessem n'ella, uma voz grave e soturna, como a de uma orchestra exe-

cutando a *Missa solemnis* de Beethoven, uma voz que parecia encher toda a terra, enchendo tambem o firmamento a que ascendia, como os sons de um organ enchem toda uma cathedral. Era o mar que se aproximava, o mar, o grande amigo para Aristides e Virgilio, o grande inimigo para o esposa do poeta. Um forte cheiro salino deliciou os dois artistas, dilatando-lhes as narinas e a alma. Experimentaram ambos a delicia paradisiaca, superior a todos os gozos terrenos, de um marinheiro que, enfermado, fôra forçado a abandonar longo tempo a nave querida, e chora de enternecimento ao rever, já curado, a grande patria das aguas, de que a molestia o exilára.

Quando chegaram junto á praia, abandonaram os animaes e puzeram-se a correr sobre a areia, como n'um acesso de infantilidade tocante, esmagando aqui e alli pequenas conchas em fórma de amuletos miraculosos. Depois voltaram os olhos para o oceano.

A treva, espessa e impenetravel como um bronze, manchava a face do titão. A custo puderam ver-lhe as ondas innumeraveis.

— Ah! o mar, o mar!... exclamaram.

E ouviam, deliciados, a symphonia das aguas, em que sentiam agora, a par da grandiosidade das operas wagnerianas, a ebriedade e a exultação de um cantico dyonisiaco, a melancolia das arias cantadas pelos zingaros, a caricia adorme-

cedora dos acalantos e os desesperos irreprimíveis da *Reverie* de Schumann.

No azul, ainda ha pouco rico de astros, agora nem uma estrella esplendia. Pairava sobre as cousas a ameaça de uma tempestade horrenda, á cuja approximação nuvens negras se desenrolavam sobre a face dos céus, como estandartes de guerra. Ao longe, algumas luzes de embarcações retardatarias fluctuavam na treva que enlutava o oceano, errantes como fogos fatuos.

Aristides e Virgilio deixaram-se ficar longas horas na praia, resupinos, olhando o Atlantico. E, insensivelmente, mergulhavam as mãos na areia, que tinha para os seus dedos a doçura e a maciez dos estofos do Oriente, dos lenhos envernizados, dos pecegos maduros e das cabelleiras femininas. Não pronunciavam uma só palavra, cheios de uma commoção sagrada, como acontece nos templos quando o sacerdote officia. Limitavam-se a ver e a ouvir, com o extase dos ascetas diante de uma apparição sobrenatural. Receiavam falar, como se uma palavra n'aquelle sitio, sob o tragico apparatus d'aquella hora religiosa, fosse uma offensa ao grande deus das aguas. E o sonho dos dois esthetas adquiria uma nova harmonia em presença do mar, que é a maxima harmonia do universo.

Mas, subitamente, a tempestade, que o negror da altura parecia annunciar, desencadeou-se em toda a sua furia sobre o oceano. O vento,

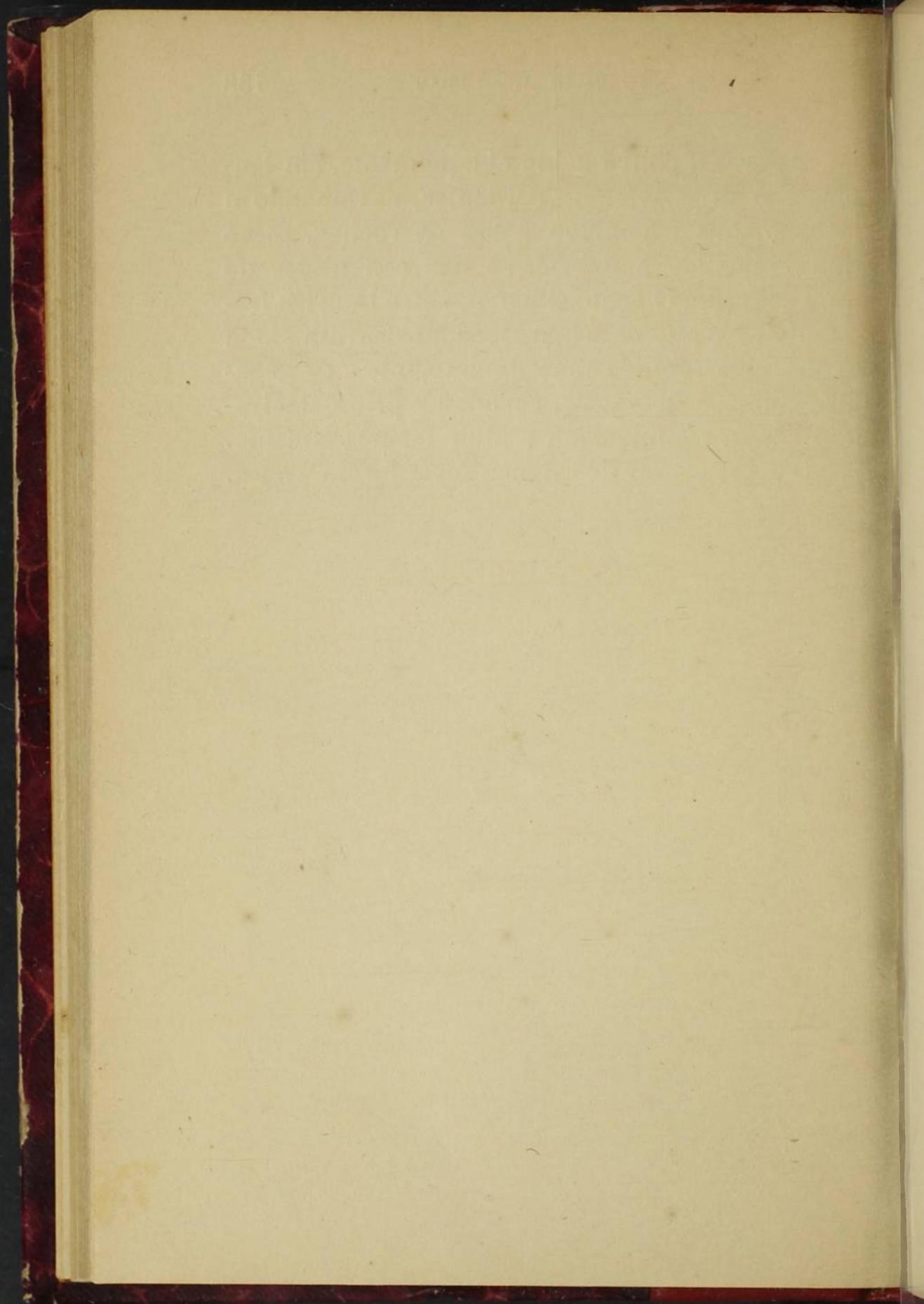
forte como o bafo de um animal selvagem, praguejava á feição de um bandido possesso. As ondas rugiam, n'um estrepitoso motim, lembrando uma assembléa de demonios enfurecidos. No alto os trovões imitavam o ruido de cidades que desabam quando o terremoto as sacode. Relampagos corriam entre as nuvens, aos cambaleios, como bebados. Dir-se-hia que, n'uma hecatombe brutal, toda a terra ia reverter ao primitivo chãos.

Mas o poeta e o musico nada pareciam sentir, alheios por completo á tempestade e vendo unicamente o Atlantico. Como que um divino dom os preservava da crueldade da borrasca, deixando-os ficar alli como n'uma alcova tepida e tranquilla. E olhavam, olhavam o mar, o poeta procurando talvez um grande verso nunca d'antes escripto e o musico uma grande melodia nunca d'antes expressada.

Houve um momento em que a luz de um relampago breve como o romper de uma aneurisma, o musico divisou um barco junto á praia. Correu para alli, acompanhado do irmão. N'um momento, sem a minima reflexão, como se tivessem enlouquecido, arrancaram a ancora ao estojo da areia, metteram-se na embarcação e remando vigorosamente, afastaram-se da praia com uma extranha rapidez, mergulhando ambos no silencioso oceano de treva que cobria o outro oceano rugidor.

Agora, a chuva cahia obliquamente, em longos fios grossos como cordames, navalhando o oceano, que espumava sobre as rochas, como um epileptico a debater-se nas convulsões do mal sagrado. O vento sibilava, entre injurias frementes. No alto os relampagos mostravam ainda a sua vida fugitiva mas flammejante e os grandes edificios invisiveis, sacudidos pelo cataclysmo aéreo, continuavam a aluir fragorosamente.

O poeta e o musico nunca mais foram vistos.



ANCIA ETERNA

sua
em
e a
gan
tat
sen
irr
pu
rã
ap
a
g
de
at
cl
o
t

ANCIA ETERNA

Alta noite o escultor despertou e quiz ver a sua estatua. Accendeu a lampada, que entornou em derredor a poeira de ouro da sua claridade, e abandonou o leito em que repousava. Alargando os olhos, á luz da lampada, viu a estatua.

Avultava ella junto á unica janella do aposento, como para inundar-se de luz apenas o sol irrompesse, entre caudaes de fogo, no levante purpúreo, e cantar triumphalmente ao seu clarão glorioso, como a estatua lendaria. O artista approximou-se de sua obra, retirou o manto que a cobria e poz-se a contemplal-a, cheio de alegria e de sonho, sentindo o coração millionario de amor e atravessado de luz, como uma nuvem atravessada de sol. A lampada illuminava em cheio a estatua, respeitando, entretanto, uma ou outra curva, que ficava mergulhada discretamente n'uma tenue sombra, d'essas que de

tão bellas e suggestivas parecem palpitantes de luzes.

A estatua, que representava um symbolo formoso e estranho e parecia conservar na sua divina cegueira uma visão de antigos factos e de edades mortas, era toda trabalhada n'um bloco de Carrara, de uma brancura lunar, subtilmente veitada de azul, como os corpos femininos. Esculpira-a o animador do marmore com uma arte a um só tempo bizarra e genial, procurando realizar n'ella o seu trabalho maximo, concentrando para tal fim, n'uma energia sobrehumana, toda a sua vitalidade catholica. A cabelleira copiosa cascadeava-lhe sobre as carnes pallidas, vestindo-a inteiramente, como um peplo afagante. A fronte e o nariz tinham o talhe impeccavel das esculpturas hellenicis e pampeavam a mesma serenidade grandiosa. Os seus dentes eram pequenos e puros como os de uma creança. Tinha nos seios de adolescente a graça delicada das flores. O seu ventre era uma taça de purissimo labor, que terminava em declive suave e perturbante. Os seus pés, de uma finura e leveza extremas, eram preciosos como os pés de marfim das deusas e doces á vista como dois pombos adormecidos. Os braços eram longos e sinuosos como a volupia e, frageis na apparencia, bem podiam encerrar a força dos grilhões, alliada á perfidia das serpentes. As mãos, bellas e evocadoras como as da Pompadour e macias como as

sedas de Smyrna, pareciam destinadas a semear perpetuamente rosas e lyrios e a espargir bençams sobre o coração dos infelizes.

O artista deixou-se ficar longo tempo contemplando a sua estatua, considerando-lhe as bellezas innumeraveis, que nem mesmo o seu olhar até então desvirginára em conjuncto devido á commoção com que puzera remate á sua obra n'aquella mesma tarde. A alma do estatuario ia, absorta, de maravilha em maravilha, n'uma viagem de sonho, phantastica, irreal, que o entontecia e embriagava, como se lhe servissem um vinho generoso ou como se caminhasse por uma estrada cheia de sol e cantos de cigarras.

Poz-se depois a palpar o marmore enternecidamente, tocando-o linha a linha e extasiando-se com as caricias que tinham para os seus dedos aquellas curvas harmoniosas como uma musica. Palpava-o como a um velludo antigo e as suas mãos corriam rythmicamente sobre a estatua, como as mãos de um *virtuose* sobre um teclado alvissimo.

E começou a extravagar, entrando em delirio, como um enfermo, á luz da lampada dormente, que polvilhava a estatua de ambar fluido, docemente, como a uma pessoa querida. A febre invadiu-o e todo elle tremia, como se a lamina gelada do vento o atravessasse de lado a lado. Parecia ouvir uma musica em surdina, as notas de um calamo longinquo trazidas pela aura va-

gabunda. Abriu a janella do aposento, para sentir a alma estrellada da noite.

A luz da lampada, como uma humilde ancilla, inclinou-se diante do vento, carregado de sons e halitos de flores. O artista olhou a noite, a grande ethiope, e sentiu esparso por tudo um profundo silencio rico de melodias. No céu, que parecia curvar ao pezo dos astros, como uma arvore no estio ao pezo dos fructos innumereaveis, a lua entornava, como uma lampada voltada, o seu oleo perturbador, aclarando os montes semelhantes a athletas adormecidos. No aposento do artista penetraram ondas de luar e o marmore, como se tivesse um coração, palpitou ternamente aos beijos do astro romantico, estremecendo, contorno a contorno, como uma carne sacudida pelo desejo. E o esculptor murmurou, transfigurado pelo sonho e aureolado pelo luar :

— Eil-a!... É a minha estatua... Fui eu quem a trabalhou... Eil-a acabada, na sua belleza victoriosa e immorredoura! Passarei, passarão milhares de gerações, e ella não passará! Nenhuma força pezará sobre ella e a tudo resistirá na sua eterna impassibilidade marmorea! E fui eu quem a sonhou... Com estas mãos a trabalhei... É minha! Ninguem m'a poderá roubar... Pertence-me, porque é filha da minha arte. Posso agora tombar tranquillo, se assim fôr necessario. Morrerei, mas a minha estatua

ficará e a minha alma deixar-se-ha ficar também esparsa pelas suas linhas... Posso morrer, uma vez que realizei potentemente o meu sonho de belleza e de arte, como me ordenava o meu sangue juvenil, e esta é a verdadeira victoria da vida, o maior dos triumphos do homem!... É minha... Só eu dei palpitações ao Carrara, arrancando o coração do meu peito e pondo-o no seu peito, fazendo correr nas suas veias o sangue das minhas veias. Antes de o esculpir era uma cousa informe, e agora delicia o tacto, como um fructo sazonado!... D'ora em diante sou millionario com a minha estatua... Póde faltar-me tudo. A sua contemplação será para mim como um alimento grato ao paladar ou como um copo de agua fresca. Hei de collocal-a junto a um golfo curvo e cantante como uma harpa, a alguns passos de um bosque melodioso, e ella ha de esplender ao sol, nos dias nupciaes da primavera... Mas não!... Hei de tel-a sempre junto a mim... Como conseguiria jámais separar-me d'ella? Morreria de dôr. Nem mesmo a revelarei nunca a nenhum outro olhar humano... Seria prostituil-a!... Eu tão só sou digno de contemplal-a. Ninguem mais a verá! Hei de tel-a sempre a meu lado, como a uma amante fiel, para beijar-lhe eternamente os pés... Confortar-me-ha na desventura e incitar-me-ha a não baixar do meu sonho de homem superior... É minha, unicamente minha!...

O dia veio surprehendel-o n'esse insano extravagar. Entre rios de sangue e columnas de fogo, o sol subia no oriente e ainda o esculptor monologava em frente á estatua, bracejando como um louco. Fóra, todas as cousas reappareciam na claridade matinal, como n'um luminoso renascimento. A primavera perfumava os campos. Diffundia-se em torno uma cariciosa frescura, que era como o halito de uma bocca adorada. Grupos de passaros atiravam-se para o azul canoro e lucido, n'uma ascensão audaciosa. As flores brilhavam em frente, n'um impeto de vida, ricas de seiva, bellas e altivas como as mulheres na adolescencia. Perto, as ramarias cerradas formavam verdadeiras muralhas de um verde metallico, que apenas um ou outro raio de luz a custo atravessava, indo cravar-se na relva, como um venabulo de ouro. Longe, toda a floresta resoava de musicas, n'uma grande hilaridade, como um theatro lyrico. Os beija-flores, nos sorrisos do sol, eram como opalas que voassem. No alto, as nuvens vagavam dentro da luz torrencional, como ilhotas fluctuantes.

E, subito, á rutilação viva do sol, a estatua pareceu imperfeita áquelle que a creára. Onde momentos antes encontrára prodigiosas bellezas, o artista só via agora deformidades insaneveis.

Uma profunda tristeza cahiu sobre elle, como

um tecto de bronze. E murmurou, golpeado pela duvida :

— Ainda d'esta vez não triumpharei... E porque quiz eu triumphar? Só o talento pôde vencer, e terei eu talento effectivamente?... Talvez me encha de exaltamento o orgulho, que é a virtude maxima de nossa estirpe gloriosa, o orgulho proprio dos latinos cheios de sol e de sangue fremente... E poderia eu realizar a grande obra n'esta epoca de mercantilismo absorvente em que, como nas Thermopylas, um punhado de eleitos tem que se oppor a milhares de barbaros? Michel Angelo e Giambologna saberiam trabalhar as suas estatuas maravilhosas se nascessem na nossa idade, em meio ao vortice terrivel em que nos debatemos, n'um ambiente asphyxiante, que envenena e mata como a mandragora bruta? Ai de mim, que ousei sonhar com uma arte soberba e reveladora!... Nunca poderei saciar a sêde de triumphos que me alvoroça o sangue e me incendeia as carnes... Ah! o meu sonho de artista partiu-se como o calix que o conviva ebrio deixou cahir d'entre os dedos n'um banquete... Toda a poesia fugiu de minha alma, como de um violino a que arrancaram as cordas gementes. Mas porque, ao envez de esculptor, não nasci eu um humilde e ignorado camponio? Plantar uma arvore não vale acaso mais que esculpir uma estatua? Porque quiz um destino execrando que eu passasse inutilmente

os meus dias domando o marmore, n'esta ancia eterna de exprimir o inexprimivel?... Porque tentei eu a arte terrivel, que nunca se me quiz revelar em toda a sua magnifica nudez, como aos olhos de Agesandro e Donatello? Embalde adorei-a com toda a minha alma, com todo o meu sangue... Embalde... Na escuridão terrivel, a morte gargalha hediondamente ao ver os meus esforços infecundos! E poderei eu arrastar pela terra uma vida dolorosa e miseravel como a dos mutilados?... Ah! enganava-se o divino Gabriel, o mestre querido, calvo como Socrates, «devido á combustão interior das idéas», quando me incitava a trabalhar indefessamente, dizendo que na minha alma habitava a inspiração e que a minha arte daria á terra o rythmo de uma nova belleza. Ainda recordo as phrases que elle amava repetir: «Todos devemos crer, do mesmo modo que o roseiral floresce e a arvore fructifica. Trabalha, pois, e nunca repitas a tua maneira esthetica. Deves renovar-te sempre, como a nuvem que se transforma mil vezes antes que o vento a aniquille. Se assim fizeres, tu, que hoje vais para a batalha timido e hesitante, voltarás da batalha carregado de corôas! Triumpharás!...» E é este o meu triumpho!...

O estatuario voltou tristemente para o leito. A febre fazia-o tiritar e os seus dentes castanholavam.

O VAGABUNDO

Vou r
C
racio
olhos
e air
a do
encan
ral-o
insen
das
fes
Os s
eram
mes
pre
spir
gran
qual
na

O VAGABUNDO

— Mestre, ouço tinir a campainha do portão.
Vou ver quem será.

O discipulo afastou-se do sitio em que Horacio trabalhava. Era um suave mancebo de olhos de velludo, bello como Páris e Antinuo, agil e airoso como um discóbolo atheniense. Tinha a doçura ambigua da adolescencia e o subtil encanto dos androgynos. Um mystico comparal-o-hia mesmo aos cherubins, esses formosos insexuados. A sua carne mostrava a redondez das amphoras e era uma pompa de vida, uma festa de saude, uma exhuberancia primaveril. Os seus cabellos, de um negro resplandecente, eram verdadeiramente dignos de todos os perfumes do Oriente e os seus labios andavam sempre floridos de palavras ternas e de versos inspirados, que tanto amava ler e guardava com grande facilidade, repetindo-os insensivelmente quando a sós. Quem tivesse embevecido o olhar na contemplação de uma moeda de Syracusa,

compararia o nariz do delicioso joven ao das effigies admiradas. A transparencia das porcelanas antigas brilhava na sua cutis, de uma frescura feminina. As suas mãos, pelas quaes elle tinha um amoravel orgulho, tratando d'ellas com cuidado extremoso, eram, bem como os seus pés, de uma pequenez e delicadeza excessivas. Os seus quadris eram bastante salientes, o que, nos homens, segundo um escriptor de genio, prova grande finura de espirito. A sua voz era doce ao ouvido como o lenho dos instrumentos musicaes. Ouvindo-a, o mestre dizia a si mesmo, surpresa, que não ouvira nunca uma tão inebriante melodia. O seu nome — Claudio — falava de cousas romanas, mas o seu vulto harmonioso era rico de evocações hellenicis.

Horacio, que mal se apercebeu da retirada do discipulo, mergulhado no seu sonho de arte como se achava, continuou a trabalhar ao sol e entre as flores, á semelhança do que sempre fazia, avido de expressões directas da natureza, procurando concentrar na tela todo o esplendor de um formoso aspecto terrestre. Era ainda moço e até bello, mas ao lado do discipulo era como Hercules Farnese ao lado do Baccho indiano, tal a abundancia de sua seiva e a ardençia de seu sangue juvenil.

Possuia uma verdadeira organização de pintor. Mesmo entre as rosas da infancia, já uma grande força interior inclinava a sua alma,

como o vento inclina a flamma, para a sublime arte da luz e da côr. Aos quinze annos, abandonára a casa paterna e seguira para o Rio, onde, como todo o artista moço e pobre, cheio de heroismo espiritual e de confiança n'um futuro esplendido de triumphos, viu-se a braços com a inevitavel vida de bohemia. E, frequentando os centros artisticos da capital, teve occasião de ligar-se, n'uma transfusão de ideaes nobre e fecunda, sentindo no sangue um estremecimento fraterno, a um grupo de visionarios, todos moços como elle e como elle abrazados da mesma febre, esfomeados da mesma gloria.

Conhecêra a Luciano, meridional ardente, cheio de sol e vehemencia passional. Chamavam-n'ó o «Bocca de ouro». Uma vez, n'um banquete (Horacio como que ainda o via), saudando um estatuario amigo, inflammou-se de tal modo ao ver que o commovia até as lagrimas, que partiu nervosamente a taça que tinha entre os dedos e em cujo concavo brilhante o ouro liquido do champagne fervia e espumejava. Mezes depois fazia uma viagem á Italia, a terra que o seu sonho elegêra, e alli seguiu de maravilha em maravilha, até que em Napoles, quando visitava o Vesuvio, approximando-se demasiadamente da sua cratera, foi tragado pelo monstro, como Plinio. Gloriosa morte — pensava Horacio —, só comparavel á de Socrates, descripta por Platão no *Phedon*, á de Michel-Angelo, que

exhalou o derradeiro alento a palpar um dos seus marmores divinos, e á de Byron tombando quando defendia a liberdade da Grecia.

Gozára a deliciosa camaradagem de Julio, o maravilhoso poeta, o mais formoso e infelizmente dos homens, tão correcto de fórmulas que o diziam espartilhado. Tinha uma admiravel cabeça leonina e á belleza de Apollo casava a agilidade enrythmica das linhas de Mercurio, parecendo filho do escopro de Lysippo. Ninguem como elle sabia gozar a alegria de viver e de ser moço e forte e, por isso, a sua poesia conquistava os corações. Detestava os velhos e os fracos e quando via um mutilado enchia-se de indignação, afastando-se d'elle com a rapidez de quem se sente perseguido. Era um iconoclasta feroz, que zombava desapiadadamente das cousas mais austeras, a tudo contrapondo uma ironia alfine-tante. Mas esse grego retardatario, esse glorificador da vida teve uma morte pavorosa, ficando cego como as estatuas e soffrendo hediondamente antes de apodrecer na sombra.

Consolára-se com as palavras encorajadoras de Raul, uma extranha figura de artista solitario e desdenhoso. Tinha os olhos razos de scepticismo. Domador do verso, compunha uma estrophe com o paciente labor de Benevenuto ao esculpir uma medalha. Cinzelava, de preferencia, o soneto, que, quando perfeito, é pequeno

de dimensões mas amplo de significado, como as telas de Meissonier.

Após longas pelepas, Horacio conseguira triumphar rumorosamente, impondo as suas telas á admiração dos claros esthetas.

Fôra amado pelas mais saborosas mulheres, que a sua arte vencia e que logo o enfaravam. De resto, nunca a volupia se apoderára inteiramente d'elle. Horacio era em relação ás amantes como um d'esses sedentos que têm a impressão de que todo um rio não bastará para extinguir-lhes a sêde e que, afinal, a saciam com um copo de agua. E acabou por desdenhar inteiramente as bellas creaturas pueris, preferindo á mais formosa dentre ellas um quadro perfeito ou uma esculptura immortal. Como quasi todos os artistas, elle só amava o intangivel, podendo dizer com o poeta: «Ai de uma estrella em que eu puzesse a mão!»

E aos trinta annos, cheio de tédio pelas suas victorias na arte e no amor, carregado de corôas e de decepções, resolveu abandonar a cidade e deixou-se ficar definitivamente no bello sitio em que nascêra, n'um retiro feliz, longe do egoismo e da lucta feroz das multidões.

Na solidão que o envolvia docemente, como um véu de sombra, o seu engenho impetuoso, a sua inspiração violenta, a grandeza de sua vida interior, na meditação, no estudo reflectido, na procura da maxima perfectibilidade com um

mais apurado processo de escolha, com uma synthese mais vigorosa, adquiriram um refinamento imprevisto. E elle nunca se sentia perfeitamente só, porque, entre os lucidos pensamentos que o cercavam, era como se estivesse no centro de uma turba innumeravel. Vivendo a vida perfeita dos ascetas, cheio da virtude do sonho, consagrou-se de todo á religião da belleza. Enfarado das cousas pereciveis, passava os dias n'uma eterna colheita de inspirações, fazendo de tudo quanto o cercava um tecido de chimeras.

Horacio tinha uma paixão indomita pelos cavallo e pelos cães, amando-os talvez mais que ás formosas mulheres levianas que tinha saboreado. Entre os cães dava preferencia a um bello galgo de pello maculado, de uma flexibilidade colubrina e veloz como um dardo, e a um terra-nova branco como o alabastro e felpudo como as cabras de Cachemira. Entre os cavallo admirava particularmente a Centauro, magnifico animal ligeiro como um falcão, de pello luzente, jarretes direitos e cauda longa e audaz como o pennacho de um guerreiro. Quando corria sobre elle atravez dos campos, que a primavera enchia todos os annos de uma nova juventude, tinha a impressão de cavalgar o hyppogripho fabuloso e tomava-o uma ebriedade incombativel. Uma cigana de olhos mysteriosos e labios arroxeados segredara-lhe um dia, passando por

aquelles sitios, que elle morreria de uma queda. Mas o pintor, quando se enthronava victoriosamente sobre o esplendido cavallo, esquecia as palavras tragicas. A vertigem apoderava-se de Horacio e elle seguia longo tempo pelo arredor, como por sobre os corpos de milhares de vencidos, n'um campo de batalha.

Horacio habitava com o discipulo e com a esposa. Esta fôra encontrada pelo pintor n'uma exposiçãõ de quadros seus. A sua belleza de então despertou-lhe na carne um desejo violento de tel-a núa entre os braços, n'uma alcova cheia de rosas. E esse desejo mordeu-lhe brutalmente o coração, enchendo-lhe as noites de sonhos de uma lubricidade terrivel, até que o artista a desposou, confundindo a sua vida activa e torturada com a d'aquella formosa mulher cujo coração mal conhecia. Como todas as jovens ricas de belleza, Clotilde, a esposa do pintor, era de uma pobreza de espirito verdadeiramente desoladora. Depois de possuil-a algumas vezes, Horacio sentiu que aquella mulher o entediava mortalmente e atirou-a a um canto, como fazia com os pinceis imprestaveis, voltando á sua arte e á contemplaçãõ da natureza.

Mais tarde Clotilde fôra atacada pela variola, que lhe roubou completamente a formosura da face. E ella, que tinha a alma inflada de orgulho, sentiu-se possuida de uma tristeza de morte ao ver-se terrivelmente desfigurada. Como a

mandragora bruta em terreno infecto, brotou em sua alma um odio feroz pela mocidade florente e pela belleza apollinea do discipulo do esposo, que ella invejava ardentemente, com o silencioso rancor de quem perdeu todos os bens que possuia, assistindo ao fausto alheio. O pintor presentiu, com a clarividencia dos eleitos, os fructos venenosos que o despeito produzia na alma de Clotilde.

Tendo pelo discipulo a mais intensa das affeições e vendo n'elle reproduzida, como n'um espelho magico, a grandeza de seu sonho, começou a sentir pela esposa um desprezo invencivel, por comprehender a abjecção d'essa mulher decahida na offensa muda ao seu filho de arte. Armado de cautela e com a delicadeza de todos os altos espiritos, nunca a maguou, no emtanto. Evitava-a prudentemente, como a uma triste recordação, e quando os accidentes da vida commum os punham em contacto, tratava-a com generoso respeito. É que na sua alma brilhava, de envolta com a repulsa que não podia extirpar, uma funda piedade por aquella mulher que um destino cruel ferira, como se contempla uma estatua mutilada por um barbaro. Quanto ao discipulo, bebendo em mil taças o vinho da mocidade e colhendo todas as rosas da inspiração, nem advinhava a furia allucinante que a sua primavera carnal inspirava á esposa do mestre, como quem segue por um jardim em flor, sem

presentir a lesma que arrasta a sua baba e a sua miseria pelos sitios escusos. O pintor, emtanto, máo grado a magnanimidade de sua alma, comprehendia que aquella mulher era uma zona de treva manchando a claridade de seu sonho. Ainda se ella lhe dêsse um filho, bello e forte como um pequeno atheniense, elle poderia amal-a. Mas nunca ella o faria, porque era esteril como as rochas ou como uma d'essas figueiras resequidas á margem do caminho, que não têm a riqueza de uma folha, de um fructo, de um canto de ave alegre. E acabou por detestar o rumor das suas saias farfalhantes, a sua voz, os seus gestos, tudo o que vinha d'ella, tudo o que a recordava, com a colera sagrada de um guerreiro que, penetrando n'uma cidade tomada ao inimigo, ao envez de despojos opimos, só encontra cadaveres apodrecendo ao sol.

E os dias decorriam monotonos, iguaes. Dan-tes vinha visital-o, de vez em vez, o estatuario Adolpho, amigo de Horacio. Tinham frequentado ao mesmo tempo a escola de bellas-artes e alli se ligaram por uma d'essas communhões de almas muito frequentes entre os verdadeiros artistas, quando ainda não chegaram á gloria, que endurece os côrações. Adolpho era, sem contestação, um dos maiores esculptores da sua epoca. Verdadeiro poeta do escopro, começára com uma estatua representando a miseria, que elle vivêra antes de trabalhá-la no marmore, e

com uma mulher nua de uma carnação maravilhosa. Comprazia-se em celebrar a belleza nervosa e doentia das damas hystericas, em poemas marmoreos vibrantes de intensa sentimentalidade. As suas esculpturas tinham palpitações carnaes. Era um escravo da fórma e o marmore, silencioso para os que não sabem a arte, era aos seus ouvidos cantante como a agua, dizendo-lhe, contorno a contorno, a epopéa da belleza eterna. Delicioso *causeur*, atirava loucamente o espirito pela janella, como todos que o são. Embriagava-se dia a dia e, sob o influxo do absyntho, que idolatrava, contava historias phantasiosas, em que elle proprio acabára por acreditar, dizendo-se descendente de uma familia de fidalgos italianos emigrados. Sua alma era, em relação ás mulheres, inatingivel como as estrelas. Chegava a ter por ellas um terror profundo, repassado de odio, e estivera envolvido n'um crime hediondo, que o cobrira de vergonha no conceito popular. Fôra levado ao tribunal, que o absolvêra, apiedado da sua miseria carnal, e muitas mãos que, nas horas felizes, tinham apertado a sua, atiraram-lhe punhados de lama á face. Dir-se-hia que o fogo do céu, que destruiu Sodoma e Gomorrha, ia também devoral-o, tal a raiva assassina que o delicto horrendo despertára. Os seus inimigos, ou antes aquelles que o sentiam superior em talento, vingaram-se atrozmente da independencia com que Adolpho sem-

pre os julgára. De tal modo o infamaram, afastando-o dos circulos de arte em que elle, es-
pirituoso mas melancolico, tanto se divertia ou-
tr'ora, procurando fugir á misanthropia sob
cuja ameaça sempre vivêra, que o artista mor-
reu completamente para a sua arte. Começou a
ter accessos de hypocondria terrivel, sentindo-se
incapaz de colligar as bellas idéas que lhe es-
voaçavam no craneo e de transmudal-as em
bellas estatuas, dando-lhes vida immorredoura.
Passou a frequentar os baixos botequins, em
que o absyntho, o seu grande amigo, continuava
a falar-lhe ternamente. Não mais contava as
suas historias phantasiosas e mezes depois en-
louquecia. E quando, nas horas que a sua arte
lhe deixava livres, Horacio ia vel-o no hospicio,
o esculptor, com um tom de voz indefinivel, di-
zia-lhe, olhando-o attentamente, como se o ti-
vesse reconhecido: «Eu vivi em Florença e co-
nheci Buonarroti!...»

Á hora em que o discipulo se afastára, o
pintor dava os derradeiros retoques na sua tela.
Poz-se depois a passear pelo jardim, sob o sol e
entre as flores.

Era nos primeiros dias de Setembro, cheios
de côr e deslumbramentos. A embriagadora es-
tação, que todos os annos offerece á terra um
novo peplo de rosas, sorria, ainda na infancia
da sua vida breve. A altura era uma piscina de

luz maravilhosa, que acordava o coração das aguas e dos ninhos. A aura dizia ao pomar, cheio de juventude, as suas palavras, ora suaves como as dos namorados, ora docemente tristes como uma elegia. A floresta visinha, com os seus exercitos de arvores, estortegadas e nodosas como corpos de saltimbancos em contorsões, lembrava um magnifico palacio sustentado por mil columnas de marmore verde. A entrada da selva, duas casuarinas conjugavam-se amorosamente, como n'um terno hymeneu, sob as bençams do sol, formando um arco de triumpho. Cantava uma fonte ao lado, aberta em risos de espuma, e tudo em torno parecia adormecer ouvindo as lendas que ella narrava, como uma creança ás cantilenas maternas. Turmas de passaros, emboscados na folhagem, diziam os seus poemas humoristicos, falando todas as linguas na Pentecostes do sol, que atirava linguas de fogo sobre o arvoredos. Junto á concha do valle, que exultava por sob o diluvio da luz, esplendiam, cheias de poesia hellenica, diversas estatuas que Adolpho trabalhára. Representavam os deuses, os semi-deuses, os heróes, os sylvanos, as napéas e as fontigenas, com os seus symbolos, com os seus emblemas. Ricas de luz e gloria, brilhavam Perseu e a cabeça de Medusa, Leda e o cysne, Juno e o pavão, Ganymedes e a aguia, Hebe e a taça, Orpheu e a lyra e tantos outros, tantos. Proximo

á casa do pintor, corria o Parahyba, que elle chamava o seu rio paterno, tendo por elle uma adoração sem limites. Um barco cortava as suas aguas, como um diamante corta um vidro, e os remos, manejados por mãos ageis, davam-lhe o aspecto de um gigantesco escaravelho, de um cleoptero de grandes antennas. O pintor seguia em extase, espraiando em torno os olhos avidos de luz e bebendo o olôr de todas as rosas que a primavera traz. O ar, carregado de doces effluvios, deliciava como um gole de elixir. Um bambual mostrava os pennachos verdes e ondeantes. Passando junto a um laranjal, como que acurvado ao pezo dos fructos, Horacio evocou o jardim das Hesperides, cantado por Virgilio e por Apollonio de Rhodes, murmurando os versos de Ovidio, o seu poeta favorito, em que é celebrada a sua magnificencia:

« Arboreae frondes, auro radiante nitentes,
Ex auro ramos, ex auro poma ferebant. »

No alto, n'um céu lavado e claro, de uma pureza de pedra preciosa, esplendia a divindade do sol.

Insensivelmente, o pintor approximára-se de sua casa e, como se sentia fatigado pelo activo labor de ha pouco, desejando descançar alguns instantes, entrou. Na varanda um canario can-

tava na gaiola, e o seu canto era um feixe de notas brilhantes, que percorriam todas as gammas chromaticas, um jacto de harpejos deleitosos, de purissimas cadencias, um chuveiro de trinos, uma orgia de sons, uma festa musical.

O *atelier* de Horacio, que occupava todo um pequeno sobrado, de modo a ter *stellas* para os quatro pontos cardeaes, o qual enriquecia de luz, fôra por elle mesmo ornamentado com apurada esthesia. Aqui e alli, sobre peanhas de granito ou de cedro esculpido, bellas estatuas alvejavam, como estrophes de Carrara. As paredes ostentavam, entre alguns originaes de indiscutivel valimento, nos sitios de maior destaque, cópias, feitas por um mestre da *agua-forte*, tão completo quanto Bracquemond, de varios quadros notaveis. Dizia todo um poema elegiaco, no triumpho eurythmico das suas linhas, uma tela de Carcano, representando uma longa proccissão de camponezes fanaticos, habituados a revolver com a enxada a terra fulva e a comer um delicioso pão cheiroso e dourado, e de longas theorias de mulheres, seguindo atravez da Terra dos Abruzzos, sob o céu que é como uma calotta de diamante a abobadar-se sobre as cousas do mundo, implorando á Virgem dos Milagres talvez a cessação de uma peste feroz, talvez abundancia de agua pluvial para matar a sêde aos campos mordidos e calcinados pelo sol inexoravel. Impunha a sua belleza victoriosa o qua-

dro de Alceste Campriani em que São Francisco de Assis diz o seu suave sermão aos passaros, na pradaria millionaria de flores, embalsamada pelo halito primaveril, sentindo pulsar o coração da terra generosa, junto ás humildes creaturas vegetaes. Domenico Morelli achava-se alli representado pe ~~o~~ formosissimo trabalho em que esplendem legiões de cherubins, noivando castamente sobre um thalamo de verdura, na campina verde e ondulosa como o oceano, ao sol que, baixando de um céu zebrado por mil nuvens flammejantes, vem perturbar a alma das cousas. Nas janellas, as cortinas, enfunadas pelo vento, palpitavam como velas de um navio.

Quando Heracio entrou o *atelier*, encontrou um individuo bebendo com os olhos um dos seus quadros, tomado de doce surpresa e de religiosa admiração. Teria elle uns trinta annos no maximo, mas parecia ter já vivido um seculo, tal a expressão de cansaço que se lhe lia no olhar. Mostrava abundantes cabellos, incultos e emmananhados, e uma barba farta e grossa como a de um sacerdote egypcio, nevada aqui e alli prematuramente, como por effeito de secretas torturas. Trazia as vestes cobertas de poeira. A' primeira vista, daria a idéa de um mendigo vulgar, mas quem mergulhasse o olhar nos seus olhos, cheios da sagacidade dos grandes pensadores e da flamma devoradora da intelligencia, comprehenderia perfeitamente que enfrentava

um homem superior. Era ligeiramente estrabico e um impeto nervoso fazia com que elle, de longe em longe, cerrasse os dentes, movendo todos os musculos faciaes. As suas mãos, apesar de endurecidas e bronzeadas pelo sol, eram de uma pequenez notavel. Tinha o nariz imperioso e arrogante dos romanos e a bocca contrahida, como para prender os gemidos que lhe queriam escapar. Era verdadeiramente perturbante e evocador aquelle extranho individuo, que certo — o seu olhar nostalgico parecia dizel-o bem alto — muito amára na vida e soffrêra tanto quanto amára. Tinha aos seus pés um cão de pello branco, como os dos quadros de Veroneso, e de olhos brilhantes de humilde bondade. Com a rubra lingua pendente e mostrando os dentes alvissimos, respirava soffregamente, n'um forte respiro impetuoso que lhe sacudia todo o corpo. Olhava longamente o dono, lambendo-lhe com o olhar as mãos maltratadas pelo sol.

Ao sentir a entrada de Horacio, o extranho individuo afastou docemente os olhos da tela que contemplava, como de uma pessoa querida, e disse ao pintor, com os olhos cheios de sonho e a voz velada por um accento inexprimivel:

— Ah! é com certeza o dono d'esta casa, o pintor de quem me falou o generoso moço de ha pouco, tão bello quanto bom! Que deliciosa surpresa a minha ao penetrar n'este *atelier*! Como poderia eu advinhar, quando suppliquei ao seu

discipulo que me dêsse e ao meu cão um pouco de alimento, que elle, depois de fazel-o, me conduziria, para que eu repousasse algum tempo das caminhadas que fizera, a este paiz de maravilhas?... Ah! estes quadros! Não sentia ha muito o deleite que experimento ao contemplal-os... Felizes os que, tendo no craneo a faisca divina, pôdem crear alegremente para felicidade dos outros homens!...

Horas depois, Horacio e Hyppolito (o desconhecido tinha esse bello nome harmonioso que evoca a victima dos desejos incestuosos de Phedra) dialogavam com effusão verdadeiramente fraterna, como se ha muito se conhecessem. Essa communhão de almas que, fertilisada pelo sentimento artistico, brota em alguns momentos, expontanea e irreprimivel, entre as pessoas superiores, estreitára-os poderosamente e elles acreditavam que já se tinham conhecido em outro tempo, na infancia talvez, ou n'uma vida anterior, mais bella e forte. Hyppolito narrára ao pintor a sua vida altiva e tormentosa, que o encheu de enternecimento e respeito por um irmão que tanto amára e soffrêra na vida.

Hyppolito era italiano. Na mocidade, estudava architectura em Florença, quando chegou até elle o nome de Garibaldi, acompanhado da narrativa de suas victorias, que o encheram de

patriotico entusiasmo, levando-o a abandonar os mestres e a correr, pressuroso, para o heróe de cabellos louros e olhos ceruleos, possuido da sublime demencia com que os moços gregos corriam para Socrates. Vestiu a blusa vermelha e, na guerra sagrada, junto ao chefe estremecido, soube, cheio do luminoso sonho da «Italia libera e una», verter gloriosamente o seu sangue impetuoso. Terminada a campanha, completou o seu curso academico e começou a trabalhar com abundancia e alegria. Por essa occasião, appareceu-lhe uma mulher...

Ao chegar a esse ponto da sua historia, o architecto calou-se subitamente, cerrando os dentes e movendo todos os musculos faciaes. O seu estrabismo pareceu augmentar e o seu corpo foi sacudido por um forte tremor convulsivo, como se fosse ser victima de um insulto epileptico. Metteu as mãos nervosamente nos cabellos revoltos e na barba intrincada. Quiz continuar, mas a voz morreu-lhe na garganta. A muito custo, momentos depois poude proseguir na leitura do poema doloroso de sua vida.

Quando encontrou a mulher sinistra, a sua juventude era tão orgulhosa e perfeita como a dos gregos junto aos porticos de marmore e sob os platanos dos gymnasios. Gozava os dias fugitivos, mordendo os fructos mais saborosos e fazendo sempre o que a sua natureza ardente lhe ordenava, sem cogitar covardemente do que os

outros homens pudessem dizer. Depois, depois... fôra vencido pela *mulher*...

— Ah! — dizia elle — antes de mergulhar na vasa, luctei, luctei, terrível, desesperadamente... Mas de que valia lutar? Quanto mais levantava as mãos para os astros, mais os meus pés se enterravam no lodo. E acabei por ceder... Como poderia eu fugir-lhe se, onde quer que andasse, tinha sempre diante dos olhos, nitida e victoriosa, a sua figura flammejante! Ah! quem poderia resistir ao seu imperio?... Certo não houve nunca sob o firmamento uma tão bella e satânica mulher! A sua carne chamava a minha carne, como uma flor purpurea chama com o aroma o insecto que lhe esvoaça em torno. Tinha um veludoso passo de panthera. Ao ver-lhe o esplendor nocturno dos olhos negros, cheios de pontos de ouro, eu sentia a pupilla offuscada, como ante as violencias da luz. O perfume da sua bocca era um narcotico violento e a sua voz alegrava o coração como um vinho velho. Ouvindo-a, uma abundancia de gozos descia sobre mim e o meu coração cantava como um clarim ou como canta, enchendo o arredor, o sino grande de uma cathedral. Quando núa, parte dos seus cabellos, tocada de ligeiros tons cinereos, cahia-lhe sobre o seio, em cascatas odorantes, como um passaro negro sobre um rosal. Silenciosa, tinha a voz inaudível das estatuas, tendo-lhes tambem as doces attitudes. A alma

calava-se e falava a besta ao ver essa carne do inferno, que o peccado entumescia... Ah! como eu a sabia beijar!... Beijava-a demoradamente, como um viajor sedentado que, encontrando uma fonte, bebe n'ella a longos tragos. E a sua bocca era uma amphora cheia de leite e de mel. Os seus olhos eram violaceos como as medusas. Nada havia na terra maior que a sua formosura, senão a sua torpeza. Encontrei-a um dia n'um lupanar, como uma estatua atirada a um esterquilinio, em companhia de um seu antigo amante, sordido e coxo como uma hyena. Nada fiz... E ainda a beijei n'aquella noite, sentindo na sua carne o sabor da bocca rude e voraz que a profanára, n'uma baixa sensualidade innominavel... Quanto tempo isto durou! Eu andava sempre cheio do seu vulto omnipotente e omnipresente, mas sem gozar jámais a suprema delicia de quem se sente verdadeiramente amado... Sabia-me traido, mas quando pensava em meu amor era como se bebesse hachich: sonhava bellos sonhos, que, como todos os sonhos, tinham vida breve. Disseram-me um dia que ella, mendaz como sempre, enganava-me com um amigo intimo, o romancista Ricardo. Assomado, insultei-a e ella, escarninha, zombando da minha colera, ria, ria... Mais tarde, fui sorprendel-a entre os braços do amigo perfido. Quiz matal-o, derramando o sangue de um artista como eu e como eu amesquinhado pela vergo-

nha da carne, mas elle fugiu-me das mãos, aterrado. Ella, no emtanto, deixou-se ficar sobre o leito, muda e calma, na mesma posição criminosa em que eu a encontrára... Cobria-a de apodos, dos mais crús doestos e a infame, cheia de um sarcasmo navalhante, emquanto eu a insultava nas ancias da paixão, ria, ria, ria... Depois... Asphyxieiei-a entre os lençoes revoltos... E a terrivel mulher, mesmo a debater-se nas derradeiras convulsões, tendo já a mascara da morte sobre a face, ainda parecia zombar de mim no supremo instante, como que ainda ria, ria, ria, ria... Ah! sim, matei-a!... Matei-a... matei-a... Sahi, fugi d'alli, desvairado e tremulo... E em tudo tinha a impressão de vel-a morta entre os lençoes, mais branca do que elles. E a sua sombra misturava-se á minha propria sombra, seguindo-me por toda a parte... A' noite, depois de ter procurado embalde esquecer na comedia burgueza das multidões a minha dor sem remedio, refugiei-me na casa de um parente. Mas ao contemplar o leito em que devia repousar, não vendo aquella que sempre dormia ao meu lado, tinha a impressão de contemplar um esquite... Depois, receiando ser pillhado pelos tentaculos da policia, parti para a America...

As palavras sahiam dos labios do architecto ardentes e brilhantes como raios de sol. Sacudia os braços no ar, nervosamente, como um maestro regendo a orchestra. Quando ia descrever a

sua vinda ás terras americanas, doces vozes de ouro e crystal subiram ao lado, na tarde macia e clara, chegando até elles com o aroma das flôres de em torno. O italiano ficou a ouvil-as, extatico e surprezo, olhando o pintor com olhos indagadores, como desejoso de saber de que sitio encantado partia uma tão bella, uma tão suave melodia. Eram orphãs que cantavam n'um recolhimento ao lado—explicou o pintor—, para afugentar o tedio da solidão. Faziam-n'o quasi sempre e aquella doce harmonia já se reunira ás muitas de que se compunha a vida do pintor. Hyppolito contou-lhe que, quando adolescente, tambem ouvia, de onde a onde, uma voz sirenica e velada, em que, de envolta com uma suave esperanza, palpitava o mais cruel dos desesperos. Ás vezes, suspirava de leve, quasi inaudivel, recordando uma harpa tocada n'uma só corda, não por dedos humanos, mas por uma aura subtilissima, tal a fraqueza de seus suspiros. Outras vezes, soluçava lancinantemente, triste como um homem que envelhece sem que a vida lhe tenha dado um só sorriso, triste como uma mulher que envelhece sem sentir a frescura de um beijo ou de uma palavra de affecto. A voz partia de uma casa que ficava a alguns passos da sua, afogada em folhagem, que a occultava ciosamente aos olhos dos que passavam. Jámais vira a cantora. Seria ella moça ou velha, bella ou feia? Mystério que nunca tentou desvendar, receiando que

uma decepção mais se viesse reunir ás muitas que já soffrêra... Com a doçura de um perfume ou de um incenso que se evola, expiravam ao lado as singelas canções melodiosas d'aquellas que procuravam esquecer o seu isolamento cantando, cantando sempre como as cigarras e as aves. E o architecto continuou a sua historia:

— Chegado á America, quiz trabalhar como dantes, mas em breve fui forçado a comprehender que não mais poderia fazel-o. N'esse instante lamentei a loucura que me conduzira a matar a mulher que eu tanto amava e odiava a um só tempo. E' certo que ella cobrira de gelo a primavera sagrada dos meus sonhos. Mas, abatido o meu idolo de ouro, eu que desejava beneficiar a humanidade, como uma arvore carregada de fructos sadios, eu que pretendia cantar, em linhas architectonicas, um canto que artifice algum jámais cantou e morrer em seguida, feliz e cheio da deliciosa certeza de que não vivêra inutilmente, fiquei miseravel como um eunucho para a minha arte, sentindo que em mim tudo morrêra com a morte d'aquella mulher. Sou como esses poetas que se embriagam constantemente, estando de tal sorte habituados a escrever sob a excitação do alcool que, no dia em que não mais se embebedam, não compõem um só verso... E, na impotencia de crear, abandonei a capital do paiz, errante como um cigano, sem poder demorar-me em sitio

nenhum mais que um dia. Tenho a impressão de que uma voz cava me sussurra ao ouvido de instante a instante: «Caminha!» como ao Ahsaverus da tragica legenda. E arrastei-me até aqui, muita vez com a fome a roer-me as entranhas, dormindo em velhas palhoças abandonadas que encontro á margem da estrada, coberto de poeira, maguando os pés não affeitos a longas caminhadas, sem pentear os cabellos e sem cuidar das barbas... Nem eu mesmo sei para onde o destino me conduz. Vou caminhando a esmo. Mas, em minha enorme desgraça, sinto que me acompanha um amigo de uma fidelidade e ternura a toda a prova. E' o cão que repousa aos meus pés, presente de um companheiro de infancia, um actor comico que aqui vim encontrar representando n'uma companhia nomade. Tinha razão o poeta quando dizia que a todo o logar onde ha um desgraçado Deus envia um cão. Se soubesse como é doce esse animal! Anda sempre a saltar em torno de mim, olha-me amorosamente e, nas longas noites invernosas, aquece-me com o seu halito. N'esses instantes lembro os versos de um poeta de minha terra, que escrevia em dialecto romano:

«E proprio nun se sa pe'quar motivo —
er nome de'na bestia tanta bona —
all'uomo je se dá quand'è cattivo.»

Só uma vez encontrei na minha louca peregrinação alguém que igualasse ou mesmo excedesse a ternura do meu cão. Eu desde a capital que preferira a linha ferrea ás estradas sinuosas e accidentadas, sendo que só d'ella me afastei a algumas leguas d'aqui, tentado pelo esplendor da paisagem e como que advinhando que encontraria por estes sitios um irmão espiritual. Pois bem. Um dia, á hora crepuscular, sob uma chuva miuda e irritante, que alfinetava as carnes e tinha qualquer cousa de uma baba viscosa, atravessava eu uma grande ponte, sob a qual corria entre pedrouços um tenue fio de agua. N'isto ouvi um silvo estridulo e percebi que um trem se aproximava com toda a rapidez de que dispunha. Para fugir a uma horrivel morte sob as rodas do comboio, atirei-me do alto da ponte, perdendo os sentidos na queda. Alta noite, devido ao sereno que me humedeceu as temporas, voltei á vida e a muito custo consegui sahir do precipicio a que me lançára, com o corpo dorido, devido a ter rasgado as carnes na dureza das pedras, soffrendo mais do que se me tivessem espancado brutalmente. Dei ainda alguns passos, mas um cansaço invencivel entorpeceu-me os membros e eu, suppondo que fosse desmaiar de novo, deixei-me ficar até o luzir da alva sob as ramas compassivas de uma arvore rica de folhas. Aos primeiros fogos da aurora, quando nas montanhas longinquas começava o duello

da luz com a sombra, percebi um ligeiro véu de fumaça, tenue e recurvo como uma pluma de avestruz, subindo de uma casinha ao lado, que as caricias de mil trepadeiras cingiam em todas as direcções, como bellos braços floridos. Approximei-me e bati á porta. Veiu receber-me uma velha de rosto macerado como o das santas e irradiando bondosa resignação na ternura dos seus olhos, que uma grande tristeza enlutava e que eram fundos e cavados como duas cisternas. Tinha os cabellos brancos como as nebulosas e os labios engilhados como as folhas mortas que se vão transformar em poeira dentro de alguns momentos. Enternecido ao vel-a, como ante uma apparição divina, pedi-lhe, mais com o olhar que com a voz, um unguento com que pudesse pensar as minhas feridas. A suave creatura mandou-me entrar e trouxe-me em seguida uma bilha cheia de leite, que eu sorvi a longos tragos, sentindo dentro em mim uma vida nova, como se aquelle leite fosse o que, em creança, bebêra nos seios de minha mãe. Depois, ella mesma fez questão de medicar-me, com as mãos piedosas. E eu, tendo necessidade de chorar junto áquella caridosa velha, para que ella me enxugasse as lagrimas, como fazia minha mãe nos dias de minha infancia, contei-lhe toda a minha desgraça sem reparo, desnudei aos seus olhos a minha chaga incuravel. E ella, tomando-me entre os braços e apertando-me sobre o seu co-

ração sagrado, beijou-me longamente na fronte e nos olhos, como uma mãe beija o filho que se parte para longes terras e que talvez não mais retorne. E contou-me também a sua historia. Tivera um filho que lhe morrêra, bello e forte, aos vinte annos, de uma enfermidade terrivel, que o assassinou em dois dias. E ella ficára só com a sua saudade immortal, para amar e proteger todos os desventurados que por alli passassem. Quanto então eram estes moços e vigorosos como eu, apesar de envenenados pelo infortunio e pela miseria, ella tinha a impressão de rever em cada um d'elles o filho inesquecivel. E chorava, chorava o thesouro que a morte lhe tinha roubado e nunca mais lhe restituiria, nunca mais... E quando eu parti, essa mulher sublime, não contente com o bem que me fizera recebendo no coração as minhas lagrimas, chorou sobre mim e sobre as minhas desgraças, cheia de enternecimento, como chorára sobre o cadaver do filho. Deixou-se ficar longo tempo á porta de sua habitação, abençoando-me á distancia, com gestos suavissimos. E — caso extranho — dias depois as minhas feridas cicatrisavam, devido menos aos curativos que receberam do que ao effeito verdadeiramente miraculoso do balsamo que encerravam as lagrimas d'aquella santa. Ah! quem sobre a terra faria por mim tanto quanto essa mulher? Minha mãe tão sómente... Mas essa eu a abandonei, sem um

beijo, sem uma palavra de despedida sequer, porque matára uma prostituta e receiava a policia... E nunca mais poderei vel-a... D'ahi, talvez seja melhor assim. Poderia eu acaso macular os olhos d'aquella que me nutriu com o seu sangue, mergulhando n'elles os meus olhos cheios de torpes visões? Ousaria eu offendel-a com uma caricia minha, eu que tantas caricias fiz á mais abjecta das mulheres? Não! É melhor que eu morra de dor que de vergonha. Exhalarei o ultimo alento sem a esperança de que minha mãe venha cerrar-me as palpebras e chorar sobre a minha face gelada, mas não a cobrirei de tristeza com o sentimento de minha degradação... Ha de extranhar que só agora lhe tenha falado em minha mãe. É que, se tive desejo de fazel-o, fui contido pelo receio de mistural-a com a mulher terrivel... Pobre mãe! Nunca mais a verei, como não verei nunca mais a minha bella Italia! E ha de torturar-me a nostalgia invencivel de ambas, até que chegue o instante de transpor o « limite da Sombra... »

Approximou-se a pouco e pouco da janella, soluçando convulsivamente, crispando as mãos, rilhando os dentes e movendo todos os musculos faciaes. Os seus olhos abriram-se desmedidamente e adquiriram uma expressão tragica, como por effeito do ligeiro estrabismo. Lagrimas ardentes rolaram-lhe pelas faces. Respirou com soffreguidão, como quem sáe de um subterraneo

ou como um enterrado vivo que consegue escapar ao tumulto, a aura da tarde, suave como os sons de um violino tocado n'uma só corda por um Paganini louco e genial, e sentiu que uma calma inesperada, uma vida nova descia sobre a sua alma absorta.

Apagavam-se as ultimas flammæ crepusculares e a sombra já embuçava as cousas distantes. Frotas de nuvens navegavam sobre os montes. No sitio em que o sol morrera esplendiam faixas de ouro. As flores tinham uma belleza quasi carnal, sob o vôo branco das pombas, que retornavam ao seu abrigo, após longas romagens pelo azul divino. E o architecto deixou-se ficar longo tempo á janella, immovel, como que fakirisado. Horacio, respeitando a sua dor, não procurou uma palavra inutil para consolal-o e poz-se a considerar consigo mesmo, cheio de melancolia, na miseria a que esse artista fôra arrastado por uma mulher, que vencêra a sua arte grandiosa, só tendo para combatel-a a nojenta flor sexual, o ascoroso menstruo e um feixe de nervos e de puerilidades. N'uma aldeiola visinha celebrava-se uma festa á padroeira do lugar. Girandolas de foguetes esfusiavam em frente, frechando o espaço, espoucavam e se debulhavam em lagrimas multicores, como n'uma chuva de ouro e pedras preciosas. No caminho ao lado, em busca da povoação festiva, passou um grupo de camponezes, cantando alegremente.

e agitando no ar ramilhetes de flores silvestres. Hyppolito pareceu acalmar-se, mas, subito, como para entristecel-o de novo, o sagrado viatico passou a alguns passos, em direcção á casa de um agonisante. O padre, sob a larga umbella achatada, empunhava o hostiario, com a solemnidade de um bispo quando abençoa as multidões. Era obeso e rubicundo como Sileno. Tinha a gordura tranquilla e repousada dos parasitos, dando a idéa de uma bola de sebo. Em toda a sua physionomia havia algo que recordava o focinho do porco. A sua face era luzente, como que envernizada, e as suas mãos papudas e brancas. Evocava, a um só tempo, os senhores romanos gastos na lascivia e na crapula e os actores envelhecidos. O acolyto agitava rythmicamente a campainha. Seguiam-se theorias de mulheres, empunhando pequenos cyrios, cuja vida ardente diminuia pouco a pouco, entre grossas lagrimas, talvez de tristeza pelo que ia morrer dentro em breve. Uma d'ellas tinha o rosto cheio de sardas, os cabellos côr de estopa, os olhos vasio e inexpressivos como os dos ruminantes e as veias das mãos tão salientes que pareciam tatuagens. Procurava consolar, n'uma voz lamentosamente miadora que arranhava o ouvido, a um velho de barba de apostolo, que chorava, possuido de uma angustia brutal. Um garoto, trefego e irrequieto como um saguim, acompanhava o grupo, cantarolando

a meia voz, como que indifferente a tudo aquillo. Ao fundo, um balão, deixando o povoado em festa, subia para o azul, onde as primeiras estrellas desabrochavam.

O architecto partira. Em vão Horacio pedira-lhe que passasse aquella noite em sua casa. Hyppolito resistira, dizendo que não podia permanecer tranquillo n'um ambiente de trabalho feliz, elle que se sentia agora infecundo como as pedras e tão afastado de sua arte, como se um oceano se interpuzesse entre ambos.

— Caminharei, caminharei,—dizia—seguindo a esmo, sem trajectoria prevista, até que um dia, cançado d'esta peregrinação sem treguas, acabarei por fazer-me lavrador, sacristão, conductor de tropas ou coveiro... Adeus, meu amigo, meu irmão! Recorde-se algumas vezes do vagabundo que por aqui passou n'uma tarde de primavera... E trabalhe, trabalhe sempre, creando alegremente, que esta é a maior delicia da vida! Adeus!... Adeus!...

Horacio acompanhara-o até a estrada, vendo-o desaparecer ao longe com o seu cão. Poz-se depois a passear pelo jardim, olhando as cousas adormecidas em torno e olhando o alto estrellado. O astro romantico subia n'um céu côm de perola, dealbando os caminhos distantes e, na epiphania do luar, que cottejava sobre as folhas, o verde coração das aguas murmurava um terno epithalamio, como aos beijos da amante

que esperava. Os grillos diziam a sua serenata às estrellas. O pintor bebeu, como n'uma taça, o halito da noite tepida. O opio enervante da lua perturbava-o, como uma estrophe de Anacreonte. Rememorando a miseria irreparavel do architecto, Horacio sentiu que uma forte angustia descia sobre a sua alma e teve uma interrogação commovida:

— Porque soffremos tanto com a morphina do sonho, com as torturas da arte, com a vaidade da gloria, com a hostilidade dos sexos, com a tristeza da carne saciada, com a semsaboria da vida?... Porque?...

FIM

INDICE

	PAG.
O Fauno	7
Mãe	23
A mulher e o pavão.	31
Crepusculo de ouro.	55
Lembrança immortal	77
O ultimo dia de Rogerio	85
Duas vidas	111
Ancia eterna.	137
O vagabundo.	147

415

22833

